



1912  
1914

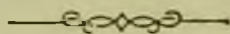
BIBLIOTECA MUNICIPAL  
"ORIGENES LÉSSA"

Tombo N.º 5238

## OBRAS DO MESMO AUTHOR

---

- SIM — Opusculo anti-iberico — Lisboa (esg.)  
A ORDEM DO DIA — (Aos parlamentos futuros) — Lisboa.  
PRIMEIRO LIVRO DE CRITICA — Arte e litteratura portugueza  
— Porto.  
SEGUNDO LIVRO DE CRITICA — id. id.  
SCIENCIA E CONSCIENCIA — (Discurso) — Porto.  
DA LITTERATURA COMO REVELAÇÃO SOCIAL — Lisboa.  
À HORA DA FÉRIA — (Discurso) — Lisboa  
O CASAMENTO DOS PADRES — Lisboa.  
DOS BANCOS PORTUGUEZES — Lisboa.  
DA REVOLUÇÃO — Lisboa.  
O REAL COLLEGIO MILITAR — (Planos de estudos) — Lisboa.



## REVISTA

DE

# PORTUGAL E BRAZIL

SCIENCIA, ARTE, INDUSTRIA E COMMERCIO

DIRECTORES

LUCIANO CORDEIRO E RODRIGO AFFONSO PEQUITO

---

ESCRITORIO : — 136, Rua do Ouro, 138

L I S B O A

LUCIANO CORDEIRO

---

# ESTROS E PALCOS

In recto decus

BIBLIOTECA MUNICIPAL  
"ORIGENES LESSA"

Tombo N.º 5.238

MUSEU LITERÁRIO

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

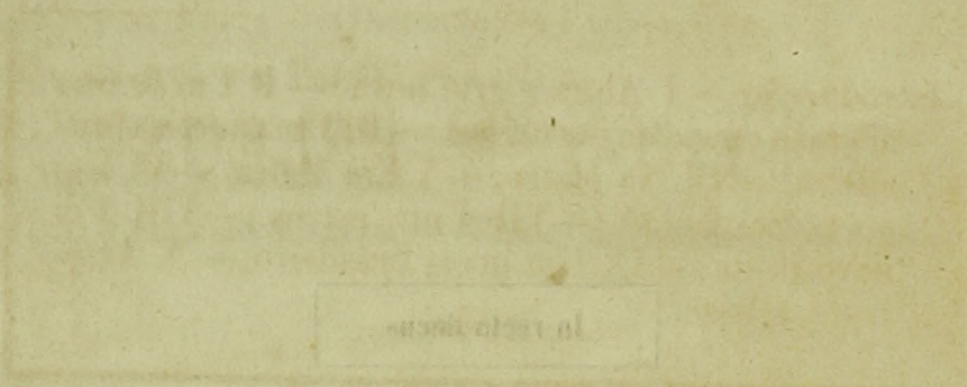
Rua dos Calafates, 110

---

1874

LUIGIANO GONDIERO

# ESTROS E PALCOS



LIBRARY OF THE  
 UNIVERSITY OF  
 TORONTO  
 1871

LIBRO

TIPOGRAFIA F. VIGORELLI

IN VIA S. PIETRO 10 MILANO

1871

Introdução. — I Alma e arte nova. — II Um drama  
alemão em palco portuguez. — III Uma poetisa bra-  
zileira. — IV Na platéa. — V Em Mafra. — VI Um  
poeta hespanhol. — VII Uma estrêa. — VIII Um  
novo poeta. — IX Um poeta brasileiro. — X Acto-  
res e actrizes.





LUCIANO CORDEIRO

(Fallecido em 24 de dezembro de 1900)

Não são sómente os trabalhos de investigação e archeologia litteraria que merecem a attenção e o respeito, nem apenas os productos excepcionalmente grandiosos do trabalho dos espiritos teem direito ao estudo e á admiracão.

A sciencia litteraria não se reduz á retrospecção e á exploracão erudita nem a Critica se molda pelas prosapias das aristocracias pergaminhosas.

Uma critica cheia de fiducias fidalgueiras, que desdenha descer ou subir, — o que é perfeitamente relativo, — ao estudo e apreciacão dos productos da elaboracão artistica do seu tempo e do seu meio social; — que volta as costas e só tem ascos e silencios para o movimento litterario, — rico ou pobre, mesquinho ou elevado, — de um determinado paiz e de uma determinada epoca; — allegando que esse movimento ou aquelles productos lhe não merecem a apreciacão e o juizo; — que passa systematicamente callada ou insolentemente desdenhosa pelas manifestacões da imaginacão e inspiracão contemporanea e conterranea para se extasiar sómente na contemplacão das glorias e das

opulencias artisticas do Passado: — não é verdadeira critica; contradiz a missão de que se diz encarregada; exauthora o sacerdocio que proclama: é sobre falsa, contraproducente; sobre inutil, ridicula.

Os extremos tocam-se, costuma dizer-se: uma critica que só tem negações e exclusivismos e despresos, presta-se tanto como uma critica monotonamente, systematicamente affirmativa e laudatoria, a que á sua sombra se abrigue e mercadeje a mais desalmada ignorancia, a vaidade mais insolente, o elogio mutuo mais imbecil.

Negar é tão facil como affirmar. Louvar é tão facil como condemnar. Cousas singelissimas ao alcance de todas as cabeças.

Estas reflexões não são uma censura nem um conselho.

Cairam aqui sem prevenções nem ambições: este livro é uma especie de album de viagem; agrupam-se n'elle as impressões recebidas, os pensamentos sugeridos n'alguns passeios de *tourist* que jornadaea por divertimento proprio e sem preoccupações de propaganda ou de interesses alheios.

Póde folhear-se um livro como quem procura espairer o espirito n'um passeio; passeiar-se pela Litteratura como por montes e vales, sem itinerario previo nem termo fixo: tomar ao acaso por um carreiro ou seguir despreoccupadamente pela estrada real.

Por esta ou por aquelle póde ir-se pensando e fallando, nas cousas mais graves e importantes. Um monticulo póde lembrar a cordilheira; um arroio póde levar a Idéa até ao immenso Mar; um feto

póde fazer-nos pensar na genese cosmica. Exactamente como uns modestos versos podem ser pretexto para um largo estudo, ou a representação de uma comedia humilde impellir-nos o pensamento até ás regiões superiores da Arte.

E depois, o tempo e a penna do auctor são d'elle unicamente. Se emprega mal a penna e o tempo, não tem que prestar contas d'isso a grupo, seita ou *cotterie* alguma da litteratura conterranea.

E francamente n'este ponto importam-lhe tanto, a elle, as lamentações e desdens dos fidalgos de hoje como lhe importaram as injustiças e as quisi-lias dos fidalgos de hontem.

Podia observar comtudo que os primeiros não se deixaram perceber tão distinctamente, — salvas rarissimas excepções, — nas refregas de hontem como nas fiducias que ostentam hoje e parecem esquecidos ao passeiar agora os seus orgulhos, dos pobres trabalhadores que lhes desbravaram o solo e lhes conquistaram a licença da circulação exactamente com o trabalho que elles agora acham inutil: o trabalho de estudar e registrar o movimento litterario do nosso tempo e da nossa terra, fora das camarilhas e contra a orthodoxia dos papados litterarios.

Ora o auctor, — um dos trabalhadores indicados, — não está disposto a fazer succeder á rebelião contra uma theocracia a genuflexão perante uma theocracia nova.

Nas Lettras como na Politica, não dispensa as fidalguias tradicionaes para thuribular as fidalguias de recente data.

É democrata, o que porém, segundo as suas opi-

niões, significa positivamente, — convém dizel-o, — que não é demagogo.

É convém dizel-o, porque tambem na Litteratura barafusta uma demagogia estouvada, de que a seu tempo se fallará.

O auctor responde ainda, antecipadamente, a duas objecções que é natural fazerem-se, uma a respeito da reproducção n'um livro em vez de um livro novo, outra ácerca da unidade da obra :

Á primeira responde com Cuvillier Fleury :

« Je ne fais pas un livre parce que je fais des articles, dont mon editeur fait des volumes ; et plût à Dieu que mes articles eussent parfois la vertu de décourager quelques-uns des auteurs qui font des livres ! Par malheur ils n'ont pas ce mérite-là ! »

Á segunda responde com Vacherot :

« . . . L'unité d'un livre peut tenir à autre chose que le sujet. Si un même esprit anime les matières les plus diverses, si une seule méthode préside au développement et à la solution des questions de tout ordre, le livre prend un certain caractère d'unité, parce qu'on peut voir dans ses différentes parties, sinon les développements d'une même pensée, du moins les applications d'une même méthode. »

Lisboa, maio, 1874.

I

ALMA E ARTE NOVA

—  
A HENRIQUE DAS NEVES

MARÇO DE 1874

ALMA MATER

A BREVET DES ARTS

1800

I

Assimilar as grandes aspirações, os fundos an-  
ceios, as coleras e as saudades, os entusiasmos e  
os receios, as preocupações e as tradições, os  
impulsos e os desalentos de uma consciencia col-  
lectiva; — condensar os elementos variaveis d'uma  
sociedade, d'um meio ou d'um momento da historia  
da humanidade ou da historia d'um individuo; —  
agarrar nos turbilhões das idéas, dos sentimentos,  
dos factos, a espiral de fogo ou de prata que os  
leva do Passado ao Futuro; — extrahir da pe-  
dreira ou do lodaçal, do templo ou do extrequili-  
nio do Presente o caudal cobrejante de lava ou o  
veio aurifero que prende o que foi e o que é ao  
porvir; — auscultar os corações e as consciencias  
e transfundir n'um ideal o choro confuso, — ho-  
sanna ou murmurinho, — que de lá se ergue; —  
dar ao que é vago uma forma, uma unidade ao  
que é vario: é o que faz a alma estremecida e il-  
luminada pelo *mens divini* da inspiração artis-  
tica; é a obra e a significação historica da Arte.

Arranca á alma humana ou á alma social, ás  
montanhas, aos mares, aos ceus, á existencia uni-  
versal, a *sua verdade*, como diz Ruskin; vasa o



objectivo revelado na elaboração incessante do subjectivo; funde o real, — confuso, obscuro — no cadinho da idealidade; surpreende a synthese, a harmonia preexistente das cousas no meio do cahos apparente ou momentaneo das existencias e das idéas, ao mesmo tempo que espelha esse cahos no seio da unidade ideal que realisa.

A attribuição da profecia e do conhecimento do passado conferida aos velhos poetas populares é filha porventura d'um instincto d'esta potencia inicial da Arte.

Dizer que a Arte morre ou que uma das suas melhores manifestações, senão a propria essencia d'ella: — a Poesia, — desaparece, é afirmar nada menos de que o homem perde uma das mais characteristics potencias da sua actividade sensorial, uma das funcções ou se querem das faculdades que mais o distinguem e exalçam no largo quadro da criação animal; a propria affirmação se contradiz porque ella propria implica exactamente esse poder superior e fatal que o Homem tem de assimilar o Passado, o Presente e o Futuro no seu trabalho de abstracção e de generalisação; de homologar os elementos esparsos da realidade historica ou psychica, n'um ideal.

Dizer que os nossos tempos, — tempos de transicção, tempos de evolução, tempos de revolução profunda e complexa, — não comprehendem a Arte, não a acceitam, não a comportam, é dizer que essa transicção não tem uma causa e um fim, que essa evolução não obedece a uma lei, que essa revolução não mira a um ideal, que estes tempos se desprendem da harmonia da Historia como um astro que

fugisse á harmonia das espheras, á fatalidade da propria orbita, á rasão do proprio movimento: — um absurdo, em fim.

Ora é porque a Arte tem um movimento, uma lei, uma harmonia, uma existencia real e necessaria, que lhe acontece o que acontece a tudo quanto existe na Natureza como no Homem: não morre; não se perde: transforma-se; não se immobilisa, não pára: desdobra-se, caminha, prosegue na orbita das civilisações obedecendo aos decretos implacaveis do Tempo, recebendo o cunho fatal do Espaço: dois eternos Proteus.

Como a lampada que passava de mãos em mãos nas choreas de certas festas pagãs, vae tambem de geração em geração, alimentando em novos ambientes a combustão de novos oleos que recebe das gerações novas.

É como da Vida dizia aquelle grande poeta e grande pensador do «Poema de Natureza:»

*Augescunt aliæ gentes, aliæ minuntur ;  
Inque brevi spatio mutantur secla animantum,  
Et quasi cursores vitai lampada tradunt.*

Dizer finalmente que o seculo XIX se esterilizou no campo da criação artistica, se invalidou para a elaboração do Ideal, perdeu o dom e o sentimento da Arte e especialmente da Poesia <sup>1</sup>, por-

<sup>1</sup> O seculo XIX, cujos primeiros annos enflorou uma corôa poetica de esplendor incomparavel, tem mentido cruelmente ás esperanças da sua aurora. Envelhecendo, perdeu o dom do canto, ou pelo menos o sentimento que faz os cantores verdadeiros. Os Goethe, os Byron, os Lamartines,

que a geração de hoje não affina a inspiração pelo coro esplendido que a emballou no berço; porque a arte que engrinaldou o alvorecer d'este seculo não é exactamente a que lhe vae acompanhando o laborioso declinar: — é affastar da Critica a boa philosophia da Historia; amarrotar as causas e as relações do movimento social nos quadros symetricos da Chronologia; não ver que a Sociedade caminha sempre e que o caminho que segue longe de ser sempre o mesmo, de ter o mesmo trilho, e os mesmos panoramas, e os mesmos ares, e os mesmos ceus — e por isso de fallar ao espirito da mesma maneira, de lhe dar os mesmos elementos para a elaboração do Ideal, — é a cada passo cortado pelos mais variados barrocaes e alturas, ladoado pelos mais diversos horisontes, varrido pelas mais divergentes ventanias.

Deixae estar onde estão os gigantes de hontem; se os deslocaes de ahi, hão disparatar com os pedestaes novos em que os collocardes, com os horisontes que não são os que lhes sopraram as valentias, os que lhes receberam as almas triumphantes ou estenuadas. Se os reduzis ás condições de modelos de academia, ou de barreiras insuperaveis, offendeis-lhes por um lado a significação historica e por outro suprimis a contemporaneidade do Ideal e violaes a pujança e a verdade do ideal contemporaneo.

Elles são os grandes marcos milliares: que os os Miczkawiez, os Hugo, os Ehlenschlaeger, não deixaram descendencia digna d'aquella poderosa geração.

Anthero de Quental — Tendencias novas da Poesia etc. Vid. A Alma Nova, *in fine*.

que se deitam ao caminho os comprimentem respeitosa mas independentes, humildes mas dignos; que lhes peçam o segredo da sua força e da sua victoria, a lição da lucta e a noticia da estrada; que se voltem para elles quando sintam a incertesa ou o desalento, mas que não se esqueçam nunca os obreiros, os sacerdotes, os martyres, os luctadores do Ideal, d'esta phrase do ultimo d'aquelles gigantes, o Goethe:

*Immer hoher muss ich steigen  
Immer weiter muss ich schauen.*

que é a legenda fatal da Arte:

«Quero subir mais alto sempre, quero sempre olhar mais longe.»

Quereis contrapôr á exploração retrospectiva do velho Classico uma exploração retrospectiva tambem de uma arte que por estar mais proxima de nós, não deixa por isso de ser a expressão do ideal d'outra epoca?

Porque e para que?

Porque não acceitaes francamente os ideaes de hoje: porque desdenhaes os elementos que a sociedade, o meio e o momento actual vos fornecem?

Com os da sua sociedade, do seu meio, do seu momento é que a arte de hontem, a arte de todos os tempos se incendiou nos esplendores que apontaes.

Quereis affrontar com a sua grandesa, esmagar com a sua magestade, condemnar o que estabeleceis que é impotencia do presente, medindo a turba de hoje não pela turba de hontem mas por um ou outro gigante que se sobrelevou a essa turba e pelo qual esqueceis descereimoniosamente esta? É

falta de senso critico. Contae a multidão antes de chegar ao colosso ; estudaes o momento historico da apparição do heroe ; sondae se podeis o porcelloso mar do Presente a ver se daes já com seguro fundo ; relanceae a vista pelos horisontes indecisos, pelos enovelados ceus a ver se podeis dizer quando a serena continuidade do azul e a uniformidade luminosa do horisonte permittirá que surja da matalotagem o canto homophonico e completo da porcella.

Porque é aproximadamente isto.

Homero e Phydias fecharam o periodo da elaboração mytica da Hellada.

Dante e Cimabue ou Fiesole fecham o periodo da elaboração medival.

As divergencias são tão profundas como o meio, a sociedade e o momento que uns e outros determinam na historia da Arte. Shakspeare abre a moderna idade ao lado de Bacon o philosopho, proximo dos Van Dych os pintores ; mas como quereis que o alvorecer tenha as mesmas virações e os mesmos olores do cair do dia ? Como quereis que da evolução que começa se ergam as mesmas aspirações, os mesmos desejos, os mesmos cantos, as mesmas florescencias da evolução que vae avançada quatro seculos ?

Goethe marca um ponto d'este desdobrar immenso da sociedade e da arte nova, mas os novos pontos, os novos horisontes que se vão desdobrando lenta e rapidamente, os novos abysmos que se abrem, as novas montanhas que surgem, os novos vacuos que é necessario preencher, as novas vozes que se escutam, as fomes novas que crescem,

as novas ardencias que nos escaldam, os novos anceios que nos impellem?...

Onde está o Goethe que faça este poema? Existe? Apparecerá hoje? Vel-o-hemos surgir amanhã da turba que vae colhendo e transfundindo um ou outro echo, uma ou outra estrophe da immensa epopea da moderna idade?

É cedo, muito cedo, ainda.

Seria até a violação d'uma lei da Historia a apparição d'elle. Não póde ser.

Contentemo-nos, pois, com essas estrophes esparsas, encontradas, — ora incendiadas por aquella musa das epocas transitorias: a *Indignação*, a musa de Juvenal, — ora consoladoras, suaves, cheias dos reflexos claros e bons da Esperança e do Amor, — ora entusiastas, varonis, tonicas, espe lhando a eterna aspiração da Liberdade, da Justiça, do Direito, — ora sombrias, pungentes, sarcasticas, retratando os desalentos momentaneos, os ascos, as atonias, as obsecações, os cançassos.

Olhae em redor; interrogae as multidões: sondae as consciencias.

Ponde o ouvido no solo ou mergulhae a vista no espaço. Escutareis muitas correntes novas que marulham nas profundesas, muitos astros ignotos que surgem nas fimbrias vaporosas do firmamento com scintillações diversissimas. Mas a mechanica d'esses astros, mas a hydrographia d'essas profundesas; mas a caudal em que se reuñem essas correntes, o caudal que salte á superficie e inunde e lave o estremecido solo; mas o systema que envolva e illumine o enublado firmamento: — como quereis que vol-o dê a Arte, se não vol-o dá a Idéa,

se vol-o recusa a Historia, a Penelope implacavel que vae tecendo a sua teia sem que lhe importem as vossas impaciencias ou as vossas imprecações?...

Já não é pouco assimilar, fixar, traduzir na elaboração artistica as notas predominantes do côro que se ergue d'essas correntes tão diversas, tão contrarias até, ás vezes, na apparencia, tão fugidias ou tão doidas geralmente, no curso.

Já não é pouco prender, enfeichar, compreender as novas scintillações meteoricas da Alma social.

É necessario que ao Poeta se allie o Pensador e n'isto começa quasi sempre a scissão na turba artistica, a distincção entre velha e nova poesia, entre velhos e novos poetas. Emquanto uns, — desnorteados ou timidos, — se abraçam á tradição, boa ou má, viciada ou pura, dos velhos ideaes e procuram entre as ruinas do Passado a inspiração d'outras almas com que encham os vacuos que elles sentem irem-se fazendo nas proprias; — outros, audaciosos ou irritados, mergulham na alma do Presente em busca das madreporas que formarão o Futuro; escutam as correntes subterraneas, os longiquos rumores; sondam os abysmos que se abrem, as marés que sobem, as ventanias que crescem na Consciencia e na Formula da sua sociedade.

N'uns, — diga-se de passagem, — é vulgar a inconsciencia de noctambulos, n'outros as allucinações dos nevrosicos. Encontra-se a cada momento n'uns os orgulhos e os medos dos conservadores; n'outros as raivas e os exaggeros revolucionarios. N'uns e n'outros — accrescente-se, até porque não devemos esquecer o nosso paiz, — não é raro en-

contrar a vaidade da ignorancia e a ignorancia da vaidade, — a ignorancia systematica e a ignorancia pretenciosa.

Ao lado do espirito religioso e do espirito metaphysico, desmoralisado, desprestigiado, dissolvido; de uma moral deficiente, authoritaria, caduca; de um direito envelhecido e anemico; de uma formula social emfim em que não cabe a Sociedade de hoje: sente-se um aspirar complexo que vem do fundo de todas as consciencias embora divirja na manifestação; uma corrente, uma necessidade que avoluma, de espirito positivo, scientifico, desassombrado; de nova consagração do Trabalho, da Familia, da Humanidade; de nova definição e affirmação da Justiça, do Direito e da Formula social; é este aspirar, e estas necessidades, estas correntes que formam a alma nova cujas vibrações a nova arte procura traduzir, cujas estrophes os novos poetas tentam enunciar.

## II

Em Portugal nem a alma nova tem muitos interpretes, nem a nova arte muitos compreensores, nem os poetas novos pollulam abundantemente.

A explicação d'isto seria facil mas longa, enfadonha, e por demais inutil. Qualquer pode encontral-a na nossa historia e na nossa situação. O facto ninguem o contestará.

A imitação imbecil, a exploração inconsciente; no verso a metrificacão pueril e... vasia; na prosa



a declamação de mau gosto e de nenhum senso, não dariam a uma critica medianamente illustrada e honesta, indício de um verdadeiro movimento de evolução ou de progresso litterario reflectidor do movimento social a que apesar de tudo o nosso paiz não póde ficar e não fica indifferente.

Que aquelle movimento, porém nos dá auspiciosos e brilhantes signaes de si, que se affirma na pobresinha da nossa litteratura, que existe emfim, não pode contestar-se em face de muitas obras e de muitos factos, e não hesito em dizer que uma d'essas obras é o ultimo livro de Guilherme de Azevedo, que um d'esses factos é a poesia d'este moço callado e serio que todos conhecemos já.

*A Alma Nova*<sup>1</sup> é o titulo do seu novo livro: titulo que lucraria em verdade com a supressão do artigo, livro que reune n'uma phantasia opulenta embora não resolva n'uma harmonia completa e definida, ainda, muitas notas tiradas por mão de artista inspirado da orchestra confusa das consciencias de hoje.

Elle não é dos que no cahos da nova idade buscam abafar as surdas agi'ações, as ancias terribes, os vacuos, as impertinencias dos novos ideaes no seio deslumbrante, cheio de narcoticos e de sensualidades da arte convencional e das exterioridades sociaes das decadencias.

Emquanto que põe um punho vigoroso sobre o coração e lhe ordena que calle as proprias angustias e illusões :

<sup>1</sup> Guilherme d'Azevedo — *A Alma Nova* — Lisboa, Typ. Sousa & Filho, etc. — 1874 — 8.º

Eu poucas vezes canto os casos melancolicos,  
Os lethargos gentis, os extasis bucolicos  
E as desditas crueis do proprio coração ...

affasta com o outro, sem brutalidade mas sem  
condescendencias a

... musa sem pudor que mostra no caminho  
A liga á multidão.....  
.....  
Que ensaia, presumida, o gesto eburneo e fresco,  
Põe crèmes triviaes !  
.....

..... a virgem quebradiça  
Estiolada e gentil que vem depois da missa  
Mostrar pela cidade o seu fino desdem,  
... a fada que sente um vaporoso tedio  
Emquanto vae sonhando um noivo rico e nédio  
Que a possa pagar bem !  
.....

A menina gentil que ás portas das egrejas  
Emquanto a multidão galante adora a cruz  
A bem do pobre enfermo á turba pede esmola  
Nas pompas ideaes da moda, que a consola  
Das maguas de Jesus !

Emfim a aristocratica e almiscarada musa que

... nas horas de luta enquanto os povos choram,  
E a guerra tudo mata e os reis tudo devoram,  
..... espalha os languidos fastios  
Nos pomposos salões sorrindo a fazer fios  
Á viva luz do gaz.

Emfim aquella musa galante, espartilhada, que  
distribue premeditadamente pelo vestuario as in-  
discripções que incendeiam os desejos brutaes, e  
pelos salões e pelas praças os olhares, os sorrisos  
os dizeres, os pudores artificiaes e equivococ;

aquella musa que tem brasões nas carruagens, ou logar permanente nas confrarias beatas, ou inscrição nos registros da policia, se pelas duas primeiras circumstancias não accumule tambem a terceira; emfim aquella musa que se chama na phrase profunda de Prudhon, não a mulher boa, não a mulher forte, não a mulher bella, mas simplesmente a *mulher bonita*, a musa dos velhos devassos, dos ricassos lorpas, dos rapazes libertinos, e dos poetas. . . impotentes.

Não; a musa, a arte, a poesia de Guilherme de Azevedo é muito outra; é

... a apparição gentil, meio selvagem,  
D'olhar profundo e bom, de candida roupagem.  
De frente immaculada e seios virginaes,  
Que desenha no espaço o limpido contorno  
E cinge na cabeça o virginal adorno  
De folhas naturaes.

que tem

...as tintas sans e puras  
Da austera virgindade...

que segue magestosa o longo caminho do Futuro

Deixando fluctuar a tunica de linho  
As frescas virações!

que

Quando trava batalha a tua irman Justiça  
Acodes ao combate e apontas sobre a liça  
Uma espada de luz ao mal dominador  
E pensas na bellesa harmonica das cousas  
Sentindo que se move um mundo sob as lousas...

que sabe emfim

...vibrar, serena, altiva e fria  
O latego febril das grandes punições...

Cuidado pois: que os alcoviteiros peraltas, que os dengues farejadores da litteratura de *passa-tempo* não introdusam o livro nos *boudoirs* galantes, suppondo junctar uma filagrana mais aos artificios em que destrahem o olhar desdenhoso e o curtissimo espirito as damas e donas dos seus respectivos dorsos e galanteios. Podiam provocar deliquios e cahir da graça.

O poeta é franco:

Logar á minha fada oh languidas senhoras!  
E vós que amaes do circo as noites tentadoras  
Os fluctuantes veus, os gestos divinaes,  
Podeis vêl a passar n'um turbilhão fantastico  
Voando no corcel febril, nervoso, elastico  
Dos novos ideaes!

A ella, a esta «deusa dos assombros» como lhe chama o poeta, é que elle atira toda a sua alma de artista e de pensador.

Mas como que por uma reincidencia de individualismo romantico elle crê essa alma, — tão moça e forte —, desmoronada por não sei que lugubres decepções e pensares:

Eu vi passar, alem vogando sobre os mares,  
O cadaver d'Ophelia.....

.....  
Seguia tristemente ás regiões polares  
Nos limos das marés, e a rija cartilagem  
Sustinha-lhe tremendo aos halitos da aragem  
No peito carcomido uns grandes nenuphars

E assim diz elle que da sua alma outr'ora cheia  
das harmonias das cousas ideaes,

...apenas as ruinas  
Das... creações fantasticas, divinas,  
De pasto vão servindo aos lyrios da Justiça,

E de passagem convem dizer que eu não sou dos que se julgam com o direito, — que não se basea porventura senão n'uma profunda ignorancia e n'uma inaptidão nativa para a comprehensão das evoluções artisticas e da elaboração esthetica, — eu não sou dos que se julgam com o direito de condemnar a elegia individualista e de chamar ao Romantismo uma deploravel mentira. Creio pelo contrario que a Arte como a Sociedade não prescindem do Individuo; que a elegia é uma das mais logicas e pode ser uma das mais elevadas affirmações da Arte; que não só vive excellentemente mas fatalmente com todas as outras formulas e manifestações que ella póde assumir na sua ubiquidade genial.

Porque o Artista pode dizer como o Merlin d'Immermann:

«Sou filho da Terra e todas as suas dores me pertencem; desde o terno suspiro da melancolia até aos rugidos do desespero, nada me foi, nada me é extranho. Vós todos que tendes existido e que existireis, gerações presentes e futuras, eu sinto em mim os vossos queixumes, os vossos transportes, as vossas duvidas.»

Condemno a restauração e a exploração systematica, academica, anachronica do Romantico como a do Classico, pela mesma rasão de falsear a verdade e o movimento natural, evolutivo, exponta-

neo da Arte; mas compreendo uma e outra feição como perfeitamente naturaes, profundamente productivas, e até completamente fataes no seu tempo e no seu meio historico.

O Romantismo não foi uma solução foi uma reacção: a Arte sacudiu a pressão do Classico como a sociedade nova — Hercules infante, — estrangulára no berço o Regimen velho.

O Romantismo não foi uma mentira nem uma idealisação artificial, forçada, systematica da Meia-Idade: chegada com a sua sociedade a um termo fatal da vida evolutiva d'ambas, a Arte como Antheo beijou a terra, sua mãe: — as velhas tradições da Raça e do Povo, as influencias do meio e do momento historico, a alma social que germinára na longa elaboração medieval; — para se lançar depois ao novo caminho que ante ella se abriera.

Na Allemãha, na Inglaterra, por toda a parte onde a pressão dos velhos ideaes e das velhas formulas não conseguiu resequir e esterilisar o seio popular, a Arte ergueu-se, forte original, cheia de forças novas.

Feita esta observação, direi que Guilherme d'Azevedo, — por isso mesmo que é um poeta de hoje, actor forçado de um drama contraditorio, confuso, absurdo até, — não póde eximir-se ás influencias, ás divergentes correntes, ás oppostas tempestades que agitam a alma moderna. É porisso que na sua poesia rebentam ás vezes notas de desalentada elegia a par d'outras de impetuoso entusiasmo; escuta-se a vaga surdina d'um pantheismo amoroso e cheio de mysteriosas volupias, cortada pelos sarcasmos pungentes, pelo humourismo tenaz e cruel, pelos

tedios fundos das decadencias e das decepções.

Elle canta a *graça posthuma* d'uma Ophelia não sei se das aguas puras se de putrido paul, e diz-lhe:

Ó minha doce Ophelia ! Os rapidos momentos.  
Da vida, são crueis mas passam como um som !  
Um dia quando emfim dos velhos sedimentos  
Teu corpo renascer n'um lyrio immenso e bom,  
Talvez que eu durma já tambem sob os matizes  
Das flôres, ao sorrir das mil germinações,  
Dando um pasto fecundo ás tuas sãs raizes  
Depois de te sagrar as ultimas canções.

Outra vez, no meio dos

.....bellos desalinhos  
Das galantes visões, das ceias luminosas  
.....  
Os labios pois limpando ás rendas e aos cabellos  
Da menos trivial das fadas tentadoras,  
Eu brindo aos mortos ! — disse : — á legião sagrada  
Que foi á solidão, á eternidade ao nada !  
— A's almas e ao pudor d'estas gentis senhoras !

É um brinde á Beaudelaire. N'uma intuspecção  
nova elle vê :

...corpos gentís de virgens delicadas  
Beijando a fria terra, as mãos hirtas no ar,  
Em sagrada nudez !.... Cabeças decepadas !  
.....  
É sobre a corrupção das brancas epidermes  
Lusentes de luar e d'explendor dos ceus,  
Orgulhosos passando os triumphantes vermes  
Da santa formosura os ultimos Romeus  
.....  
São ellas ! as visões dos meus dias felizes,  
Meus sonhos.....  
São as sombras que amei, divinas, castas, bellas  
As chymeras gentís, os vagos ideaes,  
Que de rosas cingi, que illuminei de estrellas  
E que não podem já da terra erguer-se mais.

Esta idéa, — pudera dizer-se: esta nostalgia, — reproduz-se a miudo sob diversas fórmulas e colorida por varias tintas.

Umaz vezes apresenta-se n'uma allegoria fria, sinistra, cruel:

Boas noites coveiro : a tua enchada  
Não cessa ha tanto tempo de cavar !

.....  
Descança dos teus dias enfadonhos.

— «Eu cavo a sepultura dos teus sonhos  
Não posso descansar !

Outras vezes tem uns epigrammas acerados e graciosos, como quando o poeta deseja ao termo das luctas, adormecer na paz dos vegetaes, servir de pasto ás plantas delicadas, não tanto para devassar as «harmonias das sãs vegetações», e entrar nos cyclos da eterna transformação, mas...

Oh belleza fatal que ha tanto tempo gabo  
Se eu volvesse depois feito em jasmim do Cabo  
— Gentil metamorphose em que n'est'hora penso ;  
Tu felina mulher com garras de velludo  
Havias de trazer meu espirito, comtudo  
Envolto muita vez nas dobras do teu lenço.

A idéa da morte, o vulto sombrio, mysterioso, callado d'esta Sphinge não se recorta sómente nos fundos confusos da intuspecção elegiaca.

A' beira de um mundo que desaparece e de um mundo que se fórma, — de uma valla e de um berço, — a poesia hodierna reflecte as contradicções e os contrastes, as visões e as inspirações opostas da propria situação.

A alma de Hamlet anda espalhada na alma da geração de hoje.



Como já fica dito, se a agitam as ventanias frescas dos novos ideaes, enroscam-se-lhe e sugam-n'a os tedios, os desalentos, as febres das decadencias, os vacuos da descrença, que rompem a crusta artificial das exterioridades embriagadoras e sensuaes. E que não rompessem, mergulharia até elles a poesia, cujo triste ou grandioso fadario é devassar e assimilar o intimo, a verdade das cousas.

Na formosa poesia — *A Valla* — o espirito do nosso poeta incendeia-se em colera perante a muda e implacavel fatalidade d'aquella Sphinge que tudo devora e nada parece faltar, — como o vacuo que dia a dia se faz nas consciencias pelo dissolver da velha crença, — e desata-se n'uns epigrammas que doem, e apagam a scintilla de uma intuição consoladora que porventura salta d'este triturar de tristes realidades.

Olhae como ella mostra...

Inerte, sem pudôr, de fauce escancarada

A amargura cruel da bôca desdentada

Que pede de comer!

Lança e ao monstro informe algum repasto novo!

Trazei-lhe carne humana; arremeça-lhe o povo,

Tranzido pelo frio ou morto pelo sol!

E visto haver na fera abysmos insondaveis

Mandae-lhe as legiões dos grandes miseraveis

Que morrem sem lençol.

.....  
Começa a ouvir-se ao longe a marcha vagarosa

Da triste procissão cruel e dolorosa.

Que vem dos hospitaes.

E o poeta ao mesmo tempo que descreve com sombria minudencia a procissão, como que faz cair

as mãos lividas dos que foram nas faces da sociedade que é:

Um velho esquife chega : em duas taboas toscas  
Um pobre semi-nú coberto já de moscas.  
N'um riso deixa vêr não sei que tons crueis !...

.....  
Talvez que elle varresse a lama das viellas  
E o lixo dos bordeis !...

.....  
Apoz, como se fôra a livida consorte  
D'aquelle vil despojo, ás mesmas horas vem  
Trazendo por sudario os seus vestidos rotos  
Uma triste mulher caída nos esgotos  
Sem benções de ninguem.

.....  
Redobra d'appetite ! Alonga-se a teu lado  
A fila tenebrosa ! O espectro do soldado  
A par do que vergou cançado de cavar :  
E o mineiro sem luz, o martyr legendario ;  
E amparando-se alcusto ao velho proletario  
A flôr do lupanar.

.....  
Celebra no silencio a tenebrosa orgia,  
Que as deusas veem chegando ao lubrico festim !  
N'um beijo os labios colla á frigida epiderme.  
E o D. Juan da morte, o cavalheiro Verme,  
Que viva e gose emfim !...

Mas a idéa de que nada acaba ali atravessa este quadro affogueado e sombrio a um tempo.

Veremos rebentar n'um tapete de flores  
O lixo que em ti ha !

.....  
E tu que és monstruosa, infame, vil, medonha,  
Que não mostras pudor ...  
Que és a campa-monturo ...  
Cingida emfim de rosas orvalhadas  
Terás dado um perfume ás almas namoradas  
E pasto aos animaes !

Na valla do cimiterio como n'esta sociedade que se arrasta ou é impellida á eterna valla da Historia, as esverdeadas podridões germinam novas e viçosas existencia.

A arte nova que teve a bafejal-a o pantheismo de Spinoza e a nova philosophia de Bacon; que encontra a cada passo o Positivismo invadindo e trabalhando os espiritos, ou a Sciencia, a impellil-os e a guial-os; que vive ao lado dos Darwin ou dos Heckel: não póde eximir-se á compreensão esthetica das conquistas da moderna idade; á intuição da eterna harmonia e da eterna transformação da Existencia universal.

### III

Ha algumas poesias n'este formoso livro que photographam uma das situações psychologicas mais características da sociedade presente, d'esta sociedade profundamente anarchisada no senso moral, no senso esthetico e no senso pratico como as sociedades de todas as epocas intermediarias.

Dá-se n'estes momentos historicos um phenomeno curioso: a decadencia ataca com as suas febres vermiculosas, — premittam a expressão, — as françarias mais altas da arvora social, emquanto que uma exuberancia de vida e de elementos novos invade o tronco e rebenta em borbotões vigorosos por entre os caducos esgarços

A poesia: — *Flor da Moda* — a Alice cheia de vagas oppressões e de tedios de que o poeta nos

fala, tem alguma cousa do primeiro facto, é como que uma symbolisação sem a intenção critica talvez.

Aquella flôr doente amava muito d'antes  
As festas, o ruído, as cousas deslumbrantes ;  
Agora é desolada e penso que descrê.....

.....  
Eu sei talvez teu mal : a febre que hoje sentes  
Abrasa a geração de lyrios ideaes  
Que passam, como tu, galantes e doentes,  
D'um amor desordenado ás cousas dissolventes,  
A's vozes da guitarra e aos cantos sensuaes.

.....  
No entanto eu sei que és boa ; apenas das insomnias  
A febre, mãe cruel d'estranhas sensações,  
Na fria placidez do gaz e das bigonias.  
Constroe na tua mente as grandes babylonias  
D'um mundo extraordinario e monstro de visões

.....  
E chame te o bom Deus ao foco aonde brilha  
Aquella eterna luz, amor dos immortaes.  
Que tu amortalhada em rendas d'escumilha  
Achar debes, talvez, da moda, oh terna filha,  
O ceu modesto um pouco e os anjos triviaes.

O poeta insiste no mesmo thema em outra composição: «Quando Martha morrer, etc., etc.,» uma gentil composição por signal. Esta insistencia dá-se n'outros themas ainda. Citamos já uma procissão funebre que o poeta faz desfillar em redor da valla commum do cemiterio.

Ha outra, mas d'esta vez são vivas as figuras, — d'uma vida sombria e negra que mais parece a Morte, — da longa procissão

De victimas da sorte e victimas do mundo,  
Umas boas, gentis, outras feias, crueis,  
Envoltas n'um sudario ou n'um burel immundo ;  
Nas pompas theatraes, nas galas do bordel.

Não é uma visão, não é um sonho, não é uma  
fantasia de mente allucinada.

São magros peitos nús, são faces cadavericas  
São as tristes, as vis desolações carnaes.

.....

São pequenos sem pão que vão pedindo esmola,  
Nas lamas encharcando os regelados pés :  
Que dormem nos portaes, *que nunca vão á escola*  
— Flôres que enfeitaram a noite das galés.

São aquellas gentís e pobres costureiras  
De peito comprimido, anemica expressão  
Que passam a tossir, cançadas, com olheiras,  
Ganhando em todo o dia apenas um tostão ;

Curvadas a cozer o languido veludo  
O irritante setim dos grandes enxovaes  
Das princezas do Banco, *herdeiras d'isto tudo* ;  
Depois indo morrer nos tristes hospitaes !

São os pobres heroes que os seus irmãos combatem  
Que morrem sob o peso enorme dos canhões ;  
E o cortejo das mães pedindo aos reis que as matem...

São de lugubre noite umas flôres sem nome  
.....  
Que, por que sentem frio ou por que sentem fome  
Derramam pelo seio aromas triviaes

E fingem depois ser aparições divinas  
Erguendo um pouco a saia, a fimbria sensual

.....

São mineiros sem luz ; são velhos britadores

.....

São aquelles heroes emfim dos grandes sonhos  
Que sentiram na terra as vastas corrupções

.....

E esta procissão augmenta, desdobra-se, caminha lenta e sinistra, sem que a vista ou a mente lhe possa atinar com o termo.

Caminha muito embora : a sorte é sempre varia  
E a turba soffredora, oh grandes, bem sabeis,  
Podia dividir a tunica cesarea  
Lançando aos que estão nús a purpura dos reis !

Não, não é a sorte. A sorte é uma palavra sómente : quando muito, é apenas um facto. Ha alguma cousa que vale mais do que isso, que não é vária e porque o não é, ha de redimir ámanhã o proletario como redemiu hontem o servo, como redemiu antes o escravo, como antes de escravo redemira o homem creando a civilisação ; alguma cousa emfim que se chama singellamente uma lei.

Mas já vedes, não é uma fantasia, é um quadro realista, d'um realismo á Courbet com uma philosophia implacavel á Proudhon, um realismo que é a um tempo bom e cruel, que é castigo e licção, que é imprecação e rogativa. Aquelles pequeninos *que nunca vão á escola*, aquellas raparigas que se dão á pthysica por um salario cuja insufficiencia representa a imposição social do suicidio, da prostituição, dos infantecidios e da viciação organica das gerações, aquelles mineiros *sem luz*, aquelles britadores *que o contacto de pedra endurece* ; quem os não vê, quem os não conhece, quem pode apontal-os como creações imaginosas desmentidas pela realidade actual ?

E não é só aquelle grupo que o poeta arranca dos esconsos sombrios d'esta realidade. Elle retracta outros vultos, insola-os, envolve-os nas clari-

Não é uma visão, não é um sonho, não é uma  
fantasia de mente allucinada.

São magros peitos nús, são faces cadavericas  
São as tristes, as vís desolações carnaes.

.....

São pequenos sem pão que vão pedindo esmola,  
Nas lamas encharcando os regelados pés :  
Que dormem nos portaes, *que nunca vão á escola*  
— Flôres que enfeitaram a noite das galés.

São aquellas gentís e pobres costureiras  
De peito comprimido, anemica expressão  
Que passam a tossir, cançadas, com olheiras,  
Ganhando em todo o dia apenas um tostão ;

Curvadas a cozer o languido veludo  
O irritante setim dos grandes enxovaes  
Das princezas do Banco, *herdeiras d'isto tudo ;*  
Depois indo morrer nos tristes hospitaes !

São os pobres heroes que os seus irmãos combatem  
Que morrem sob o peso enorme dos canhões ;  
E o cortejo das mães pedindo aos reis que as matem...

São de lugubre noite umas flôres sem nome  
.....  
Que, por que sentem frio ou por que sentem fome  
Derramam pelo seio aromas triviaes

E fingem depois ser aparições divinas  
Erguendo um pouco a saia, a fimbria sensual

.....

São mineiros sem luz ; são velhos britadores

.....

São aquelles heroes emfim dos grandes sonhos  
Que sentiram na terra as vastas corrupções

.....

E esta procissão augmenta, desdobra-se, caminha lenta e sinistra, sem que a vista ou a mente lhe possa atinar com o termo.

Caminha muito embora: a sorte é sempre varia  
 E a turba soffredora, oh grandes, bem sabeis,  
 Podia dividir a tunica cesarea  
 Lançando aos que estão nós a purpura dos reis!

Não, não é a sorte. A sorte é uma palavra sómente: quando muito, é apenas um facto. Ha alguma cousa que vale mais do que isso, que não é vária e porque o não é, ha de redimir ámanhã o proletario como redemiu hontem o servo, como redemiu antes o escravo, como antes de escravo redemira o homem creando a civilisação; alguma cousa emfim que se chama singellamente uma lei.

Mas já vedes, não é uma fantasia, é um quadro realista, d'um realismo á Courbet com uma philosophia implacavel á Proudhon, um realismo que é a um tempo bom e cruel, que é castigo e licção, que é imprecação e rogativa. Aquelles pequeninos *que nunca vão a escola*, aquellas raparigas que se dão á pthysica por um salario cuja insufficiencia representa a imposição social do suicidio, da prostituição, dos infantecidios e da viciação organica das gerações, aquelles mineiros *sem luz*, aquelles britadores *que o contacto de pedra endurece*; quem os não vê, quem os não conhece, quem pode apontal-os como creações imaginosas desmentidas pela realidade actual?

E não é só aquelle grupo que o poeta arranca dos esconsos sombrios d'esta realidade. Elle retracta outros vultos, insola-os, envolve-os nas clari-



dades do sentimento da justiça e da dignidade humana, e arremeça-os com toda a força do seu talento á machina desconjuntada da sociedade hodierna.

Uma das figuras mais brilhantemente retratadas é a do soldado, a do pobre labrego arrancado á sua cabana e ás suas palhas para jogar a vida a troco d'uns feijões, heroe por conta alheia, projectil bructo que não saberá porque e para que mata os seus irmãos, escravo que como aquelle de que fallava Juvenal :

*Suspirat longo non visam tempore matrem  
Et casulam et notos tristis desiderat hoedos.*

É uma historia simples, fez bem o poeta em dar-lhe este nome, — mas de uma simplicidade esmagadora.

Havia um rapaz são, robusto, bom valente,  
De espadua larga e rija ; um ceifador gentil.  
Cavava todo o dia.....

Elle amava a campina e os ceus largos, serenos.  
Aos domingos a mãe deixava-lhe uns dez réis.  
Deitava-se ao luar, dormindo sobre os fenos  
Na fragancia do trevo, ao pé dos cães fieis.

A mãe tinha de seu duas vaquitas mansas  
N'um cerro agreste e vil alguns palmos de chão  
E tinha ainda mais não sei quantas creanças  
Que andavam nuas sempre e sempre a pedir pão.

O pae mal se sustinha ás vezes sobre as pernas ;  
Era bebado e mau, batia na mulher...

Um dia uma « senhora honesta da cidade » que se appellidava a Lei, chamou o rapaz : esta phrase

que não foi porventura intencional tem uma certa philosophia. Guilherme de Azevedo convive com os campos e com os aldeãos : aquella phrase revela uma influencia moral d'esse convivio. A desconfiança, muitas vezes o terror e o odio, o sentimento emfim complexo, indefinivel porventura, com que a gente dos campos olha para as cidades, para os grandes focos onde se elaboram as leis, é um facto historico, secular, registrado nos cancioneiros populares, e do qual a historia memora terriveis explosões. Aqui tenho eu agora diante dos olhos uma canção da velha Bretanha, « Os rapazes de Plouyé (douar-Plouieou), grito de desespero e de combate contra os burgueses das cidades que « opprimem o lavrador », canção que reflecte o incendio e a devastação de Quimper. Mas ponhamos isto de parte.

O rapaz pega no alforge e no bordão, deixa os irmãos e a mãe de quem era amparo...

Chegando no outro dia ao ponto onde o chamaram

Primeiro foi medido e todos a final

Depois de bem revisto á uma concordaram

Que ao serviço do rei convinha este animal.

Agora.....

.....podeis ver o pobre cavador

.....

— Heroe por conta alheia, — ao rufo do tambor !

Não sabe onde caminha entre as guerreiras hostes

Perguntem-lhe o que é patria e liberdade e lei !

Caminha simplesmente ás ordens dos prebostes

*Que trazem no chicote a salvação do rei.*

O realismo da concepção vae até á allusão clara, á critica de momento, e ainda bem que vae e ainda bem que fustiga sem rodeios nem disfarces

a situação absurda da politica portugueza, que por ser uma situação grotesca como os aulicos e os doutrinarios conservadores que a exploram, não deixa de pertencer á historia e de affrontar o senso moral. Que acerada ironia esta :

«Mulher não chores.....

.....  
Teu filho guarda o mundo e a Deus faz sentinella  
Receiam que Deus faça andar o mundo mais.

E quando o rapaz volve ao pobre lar e a mãe o interroga, como é commovedora e cheia de amarguras a resposta do desgraçado entregando-lhe a baixa que não é ainda sequer uma carta d'alforria :

— Mãe tome essa lata ! esconda o meu thesouro  
E deixe-me ir dormir no feno ao pé de cães.

Eu vou folheando vagarosamente o livro. Não estou fazendo critica de chamariz ; jornadeio, se póde dizer-se assim, jornadeio, como *tourist*, por estas como por outras paginas que me caem na mesa de trabalho e me abrem horisontes e panoramas variadissimos em que posso espairecer e estudar, desafogadamente, sem itinerario forçado, nem etiquetas enfadonhas. Um livro póde ser apenas um pretexto para um passeio, como certas indicações therapeuticas são um pretexto para um recobrimento de forças ou para um espairecimento do espirito.

Na digressão póde esquecer-se o livro como por um panorama novo esquecemos o panorama que nos prendia ha pouco a faculdade esthetica. Con-

vém esta explicação á prolixidade d'este escripto. Dada ella, ponhamo-nos de novo a caminho, que já está perto o termo d'esta jornada.

*Falla a ordem* é o titulo d'uma satyra acerada a uns sujeitos mais estupidos que reaccionarios que são comtudo os mais fieis e consequentes representantes, campeões e apóstolos do fetichismo da *Ordem*.

Pequeno d'onde vens cantando a Marselhesa  
Da barricada infame, ou d'outra vil torpesa ?

.....  
E vamos, deixa ver, guardaste uma navalha ? !  
Não tremas que eu bem vi ! que trazes tu na mão ?

.....  
Bandido eu bem dizia ! a carta do A. B. C !...

O pobre ordeiro é logico : aquella carta é uma carta de alforria, é a emancipação, a revolução, o progresso : não é a conservação, a idolatria do Estabelecido, a *Ordem* dos conservadores systematicos.

É navalha que faz rapidas e fundas amputações ; é lima que roe grossas gradarias ; é ferro que derruba d'uma maneira desceremoniosa, grotesca até, muitos solios venerandos.

Não accuseis de exagerado e injusto o poeta : aquelle *ordeiro* existe aqui, lá fóra, em toda o parte : chama-se até Legião ; multiplica-se ; disfarça-se muitas vezes ; ousa dizer-se outras tantas, homem do progresso ; é empirico ou doutrinario ; tem theorias subtis, e practicas definidas ; encontra na Historia curiosas lições ácerca dos inconvenientes da instrucção popular, ou sequestra brutalmente os filhos á Escola porque os rapazes não precisam sa-

ber mais do que elle para ganhar a vida. <sup>1</sup> A ironia fina, acerada, opportuna, expontanea, que salta a cada momento das estrophes de Guilherme de Azevedo é uma das feições mais notaveis e póde dizer-se, mais originaes d'este espirito. Elle não imita Heine nem segue positivamente Beaudelaire. Tem os sarcasmos e as moralidades causticas de ambos, mas a corrente das profundas convicções democraticas como que amacia e desfaz as arestas asperas, as anfructuosidades bruscas, ao mesmo tempo que enche os vacuos desconsoladores do humourismo sceptico ou violento de uma parte da poesia contemporanea. É ver a formosa poesia *Velha farça*. Um saltimbanco mostra na praça um urso:

Conta um velho histrião, descabellado e pallido  
Da fera sanguinaria o instincto vil e mau  
E vae chicoteando um urso meio invalido  
Que lambe as mãos do povo e faz jogo de pau.

Depois inclina a face e obriga a que lh'a beije  
A fera legendaria olhada com pavor:  
E uma deusa gentil vestida de bareje  
Annuncia o prodigio ao rufo do tambor.

Amontoa-se a turba; as creanças «que nunca tinham visto a luz dos europeis», tem deslumbra-mentos; estouram os risos e os pasmos; grita o funambulo, o «archanjo» que o acompanha sua e pede de beber:

A tua imagem tens oh povo legendario  
No comico festim que mal podes pagar.  
Pois tu ainda és no mundo o velho dromedario  
Que a vara do histrião nas praças faz dançar.

<sup>1</sup> Historico.

O *Velho Cão* é também uma allegoria profundamente realista, afiada e sinistramente fria como uma espada vibrada no meio das trevas.

É a historia d'um cão

... quasi uma sombra ; apenas pelle e osso  
É um vago, um dôce olhar...

Que a Fome faz latir tristemente á porta d'uma dama gentil, nervosa, assustadiça.

Sahiram pois á rua impavidos creados  
E foram dar no cão.

Ha no mundo um rafeiro, um velho cão esfaimado  
O povo soffredor,  
Que ás vezes vae ganir, com fome o seu bocado  
A's portas d'um senhor.

O resto é velha historia...

.....  
A Ordem só d'ouvil-o alteram-se-lhe os nervos  
E manda-lhe bater.

Finalmente, — porque é necessario finalizar, — na poesia *Os palhaços*, o poeta invoca, enfeicha n'uma desena de estrophes flexiveis, delgadas, vibrantes como fios d'aço, o ridiculo, o burlesco, o absurdo dos descambamentos, das contorsões, das visagens, das mimicas com que os palhaços fazem gargalhar as multidões, e descarrega esse feixe desapiedadamente nos costados adiposos de uns certos palhaços da grande comedia social do Presente. São esplendidos estes versos : rapidos, maleaveis, elasticos, funambulescos, que parecem traduzir os sons das bofetadas dos *clowns*, o gargalhar das multidões, o turbilhão de corpos desconjunta-

ber mais do que elle para ganhar a vida. <sup>1</sup> A ironia fina, acerada, opportuna, expontanea, que salta a cada momento das estrophes de Guilherme de Azevedo é uma das feições mais notaveis e póde dizer-se, mais originaes d'este espirito. Elle não imita Heine nem segue positivamente Beaudelaire. Tem os sarcasmos e as moralidades causticas de ambos, mas a corrente das profundas convicções democraticas como que amacia e desfaz as arestas asperas, as anfructuosidades bruscas, ao mesmo tempo que enche os vacuos desconsoladores do humourismo sceptico ou violento de uma parte da poesia contemporanea. É ver a formosa poesia *Velha farça*. Um saltimbanco mostra na praça um urso:

Conta um velho histrião, descabellado e pallido  
Da fera sanguinaria o instincto vil e mau  
E vae chicoteando um urso meio invalido  
Que lambe as mãos do povo e faz jogo de pau.

Depois inclna a face e obriga a que lh'a beije  
A fera legendaria olhada com pavor:  
E uma deusa gentil vestida de bareje  
Annuncia o prodigio ao rufo do tambor.

Amontoa-se a turba; as creanças «que nunca tinham visto a luz dos europeis», tem deslumbra-mentos; estouram os risos e os pasmos; grita o funambulo, o «archanjo» que o acompanha sua e pede de beber:

A tua imagem tens oh povo legendario  
No comico festim que mal podes pagar.  
Pois tu ainda és no mundo o velho dromedario  
Que a vara do histrião nas praças faz dançar.

<sup>1</sup> Historico.

O *Velho Cão* é também uma allegoria profundamente realista, afiada e sinistramente fria como uma espada vibrada no meio das trevas.

É a historia d'um cão

... quasi uma sombra ; apenas pelle e osso  
É um vago, um dôce olhar...

Que a Fome faz latir tristemente á porta d'uma dama gentil, nervosa, assustadiça.

Sahiram pois á rua impavidos creados  
E foram dar no cão.

Ha no mundo um rafeiro, um velho cão esfaimado  
O povo soffredor,  
Que ás vezes vae ganir, com fome o seu bocado  
A's portas d'um senhor.

O resto é velha historia...

.....  
A Ordem só d'ouvil-o alteram-se-lhe os nervos  
E manda-lhe bater.

Finalmente, — porque é necessario finalizar, — na poesia *Os palhaços*, o poeta invoca, enfeicha n'uma desena de estrophes flexiveis, delgadas, vibrantes como fios d'aço, o ridiculo, o burlesco, o absurdo dos descambamentos, das contorsões, das visagens, das mimicas com que os palhaços fazem gargalhar as multidões, e descarrega esse feixe desapiedadamente nos costados adiposos de uns certos palhaços da grande comedia social do Presente. São esplendidos estes versos : rapidos, maleaveis, elasticos, funambulescos, que parecem traduzir os sons das bofetadas dos *clowns*, o gargalhar das multidões, o turbilhão de corpos desconjunta-



dos e das nuvens d'alvaiade, e dos quaes sentimos  
eivar-se, comtudo, a surdina das coleras, das in-  
dignações, dos ascos concentrados e accumulados.

Heroes da gargalhada, oh nobres saltimbancos  
Eu gosto de vossês  
Porque amo as expansões dos grandes risos francos  
E os gestos d'entremez.

.....  
Correi, subi, voae n'um turbilhão fantastico  
Por entre as saudações  
Da turba que festeja o semi-deus elastico  
Nas grandes ascensões.

E no curso veloz, vertiginoso, aerio  
Fazei por disparar  
Na face trivial do mundo egoista e serio  
A gargalhada alvar.

Depois mais perto ainda a voltear no espaço  
Pregae-lhe, se podeis  
Um pontapé furtivo, oh lividos palhaços  
Lusentes como reis

.....  
Mas rio ainda mais dos histriões burguezes  
Cobertos d'euopeis  
Que tomam n'este mundo em longos entremezes  
A sério os seus papeis.

São elles almas vans, consciencias rebocadas  
Que emfim merecem mais,  
O commentario atroz das rijas gargalhadas  
Que ás vezes disparaes.

Como os velhos bardos que acompanhavam á  
guerra os luctadores d'outrora, e soltavam os ener-  
gicos canticos nos fragores das pelejas, os que an-  
dam hoje na campanha asperrima do Progresso,  
da Liberdade e da Justiça, teem quem lhes vá na

vanguarda memorando as valentias e os soffrimentos dos velhos heroes da causa commum, e illuminando com o facho da inspiração, da esperança e do enthusiasmo as sendas e os desfiladeiros terribes que teem de atravessar e vencer.

Mas como os novos conquistadores se dividem em muitos grupos distinctos desfraldando aos quatro ventos da Revolução variadas e até incompativeis signas oxalá que, entre nós, onde toda esta multidão é tão apoucada em si, e tão falha de bardos como de capitães de cunho, oxalá que a voz de Guilherme d'Azevedo, já tão augmentada em firmeza, se escute claramente sempre do lado d'onde marcha o grupo mais valente em seriedade de trabalho e de consciencia, que é o grupo dos poucos mas bons; em vez de nos vir algum dia d'uma certa mó tumultuaria de declamadores calaceiros, de imitadores banaes, de visionarios sem sciencia.

Felizmente elle canta o progresso da Idéa com a voz das convicções profundas. E já que isto disse não quero deixar de citar aquella formosa composição: *A Hydra*, uma das melhores de certo.

Ha muito que desceu das orientaes montanhas  
A hydra singular que espalha nas ardencias  
D'uma lucta febril scintillações estranhas!

.....  
Tem rijezas sem par, como de roscas d'aço  
E corre descrevendo em giros caprichosos  
Na leiva popular um indefindo traço.

.....  
...sem temor, nos cerebros tranquilla  
Derrama cada vez mais bellos e fecundos  
Os intensos clarões da lucida pupilla,

E enquanto a imprecação de tantos moribundos  
 Os despotas crueis acolhem com desdem.  
 A hydra immensa,— a Idea,— a farejar nos mundos  
 Ainda a garra adunca afia contra alguém!

E quanto mais deixei de citar que o merecia! Lançemos agora, rapidamente, um relance retrospectivo.

Na concepção, já o disse, espelha-se o contradictorio o indefinido, o vago, o confuso da alma moderna, os tedios da decadencia e as colleras e as ancias das consciencias novas.

Na forma ha alguma cousa parecida. A par da exuberancia, a reincidencia; a correção metrica cortada aqui pelo enfado, ou conseguida além pela redundancia.

O livro compõe-se de composições feitas em diversas epochas e precisava ser precedido por uma revisão desenfadada e escrupulosa: uma revisão fria, impertinente, technica, — se póde dizer-se assim, — não na parte concepcional, é claro, mas na interpretação plastica. Deitava se fóra o que fosse demais; evitava-se a repetição dos meios e processos rhetoricos que podia ser menor.

Não se julgue, porém, que Guilherme de Azevedo é um neophyto na arte do verso; não, a sua forma tem bellas, delicadesas, rendilhados, primores d'um artista consumado.

Elle sabe felizmente que a forma não só não é uma cousa insignificante na Arte mas uma cousa essencial; que um diamante é simplesmente um carvão se a arte o não limpa das impuresas do estado bruto.

#### NOTA

Este escripto foi pela primeira vez publicado em folhetins do periodico *O Paiz*, nos fins de março e principios de abril.

II

UM DRAMA ALLEMÃO

EM PALCO PORTUGUEZ

---

A ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

MAIO DE 1871

UM DRAMA ALFONSO

EM PORTUGAL

A. RODRIGUES

1841

invasão pelos Kossuth de todas as letras e pro-  
 602  
 Uma grande obra de uma grande importância, que  
 vem muito além do de conhecimento das tra-  
 dições dos alemães, e que se em linguagem  
 Riet ou Ulman, e de outros e incógnitas  
 na linguagem parisiense — influencia do novo his-  
 tórico — em Hebbel se expande na linguagem de  
 philosophia de Jahnke ou política social de Ba-

Se ahí é necessario ter apurado ouvido para  
 perceber algum ruido indicativo de vida no campo  
 litterario e ainda assim só conseguimos geralmente  
 escutar cousa parecida com o grasnar das rans  
 em aguas mortas, aqui a meia duzia de leguas de  
 Lisboa, muito mais alvoroçada fica a gente quando  
 nos entra em casa a extraordinaria nova de que  
 houve quem dêsse á nossa litteratura, obra de mór  
 valia do que as flagranas falseadas com que se  
 enfeitça geralmente a arte das decadencias e dos  
 marasmos sociaes.

E esta nova chegara-me ha tempos no exemplar  
 da esmerada traducção do «Gladiador de Ravena.»

Eu não lera ainda o Gladiador *original*.

Conhecia Halm (*Munch — Bellinghaussen*) como  
 sendo um d'aquelles valentes campeões, e o maior  
 de todos é talvez Friedrich Hebbel, o compatriota  
 de Niebuhr, — que estimulados por uma critica  
 séria e ambiciosa, porventura ambiciosa de mais,  
 que vem de Gotthold Lessing a Boerne, e de  
 Boerne a Roetscher, a Schmidt, a Vischer, a Stahr,  
 — se lançaram ou andam na grandiosa obra da  
 regeneração do theatro de Goethe, e de Schiller

invadido pelos Kotzebue de todos os feitios e preços.

Uma grande obra ou uma grande ambição, que vae muito além até do rejuvenescimento das tradições dos Mestres, e que se em Immermann, Kleist ou Ulhand rebenta tumultuosa e incendiada na affirmação patriótica, — influencia do meio historico, — em Hebbel se expande na affirmação biophylosophica da *Judith* ou politico social de *Bernauer*.

Li soffregamente a traducção do aposentado dramaturgo de Vienna, e reli-a sem cançassos nem rebeldias de espirito. Aquillo sim, que é obra de subido quilate. E mais é que tudo é consoante em altesa e condigno na forma: Halm traduzido por um dos nossos melhores escriptores contemporaneos; dedicado o original á eminente actriz Rettich, e dedicada a traducção á nossa primeira actriz Emilia das Neves; finalmente o prologo....

Oh, o prologo, comprehende o amigo, produziu-me cousa parecida á sensação que experimenta o lasso viandante fustigado pelos turbilhões da tempestade, quando lhe chega aos ouvidos o ecco, embora distante, d'alguma voz amiga. Sabe se eu penso o que alli se diz; — sabe que aqui mesmo <sup>1</sup> sustentei cousa no fundo parecida com o que tão brilhantemente se enuncia alli. Isto é muito alheio e superior aos embates e antagonismos da nossa politica caseira. Ah, meu amigo; poucos hão comprehendido a gravidade e a verdade dos grandes factos que se estão succedendo! Julgam que a

<sup>1</sup> *A Revolução de Setembro*: — revista estrangeira: *A Guerra*.

apostrophe por mais eloquente; — que a leitura d'alguns romances parisienses, por melhores; — que a paixão individual, por mais generosa, — póde valer por um atomo que seja na corrente procellosa da historia moderna; — d'esta historia d'um novo mundo; — e parar a critica positiva e scientifica das evoluções sociaes?!

E é a uma grande evolução, a um acontecimento enorme, d'estes que ficam na historia da Humanidade como gigantes marcos, que nós todos começámos a assistir ha pouco, quando os vagalhões teutonicos se desenrolaram por sobre aquella terra de França esmigalhando nas roscas temerosas um grande imperio: — o Imperio Cesar, — o que seria pouco, e um grande povo, — o Cesar Povo, — o que parecera muito, immenso, impossivel.

Havia, ha, ali, o horrivel, o extraordinario, o inaudito, o assombroso, mas no fundo... lá estava, lá está o natural, o fatal, o logico, o despresado por tantos, o previsto por tão poucos; a *lei*; o que tinha de ser, o que não podia deixar de ser, dadas aquellas condições; o que os olhos mais afeitos a sondarem os abysmos e as escuridões da Historia lobrigavam já de ha muito, na Allemanha, na França, em toda a parte onde se estuda, onde se prevê..., onde a Historia não é simplesmente uma collecção insignificativa de nomes e de datas, onde a Philosophia não é a moagem monotona de sedizas metaphysicas em compendios impossiveis, onde o Estudo, o Saber não é o pobre *battu*, *pendu* d'um feudalismo litterario banal, madraço e mau, como acontece entre nós, não sei se diga, por exemplo, se por excepção.



Pensa que me orgulho das previsões que fui registrando aqui n'este cantinho da Europa e n'um cantinho da «Revolução», e que o exito confirmou amplamente? Aquillo não orgulha, estimula. Oh, por lá fóra, por essa Europa pensadora, estudara-se e previra-se a immensa laboração, a obra immensa. É uma grande cousa o estudo serio e de boa vontade.

E ainda se pretende amarrotar a explicação d'aquelles grandes factos n'uma paixão pequena como um homem, ou em um nome d'um Cesar d'emprestimo, genuino producto parisiense como Offenbach; ou em um numero... o numero dos conquistadores tantas vezes inferior ao numero dos conquistados, dos que defendiam a Patria no seio d'ella!

Que Eschylo aguentaria com a concepção de uma tragedia assim!

Que Shakspeare esboçaria tal drama!

Não, que não é d'um homem o mover um protagonista d'aquelles, o *Pangermanismo*, o gigante que assoma no limiar da moderna idade annunciando a liberdade do Pensamento, e que espinhado não ha muito ainda pelos esquadrões de Napoleão I, repete hoje emancipado e triumphante a legenda frontal do castello dos Hohenzollern: «A forte mão da Prussia me ergueu.»

Quando irromperá agora n'este vastissimo palco da historia contemporanea aquelle outro gigante no berço que se chama o *Panslavismo*?

Porventura a forte mão da Allemanha Una lhe conterà os impetos prematuros. Quem senão ella?

Ha uns sugeitos cá terra que se quisilam deveras

com esta questão de raças e que mal se lhes falla n'ella nos desfrecham umas banaes apostrophes ácerca d'um progresso sentimental e metaphysico, especie de idolosinho de *biscuit*, e varias outras tolices correlativas dos seus inauditos bestuntos. Mas se estes, coitados, calaceiros por indole ou por costume, não lhes dão para mais!...

Voltemos pois ao «*Gladiador*» e isolemol-o tanto quanto possivel do que elle póde ter de opportuno, de hoje, do momento presente: que não é extremamente facil, diga-se de passagem, não só com relação a este drama mas á melhor parte do theatro allemão moderno.

Que dois admiraveis typos, o d'aquella Thusnelda e o d'aquelle Thumelico: — Thusnelda, a mulher grande, e forte e nobre, a *Germana*, a impolluta, a livre, — livre apezar das algemas romanas porque é livre para morrer, esbofeteando o dominador cobarde com a virtude heroica do povo de Arminio; — Thumelico, o filho do heroe Germano que Roma Infame, a Roma de Caligula, empeçonhou, machucou, polluiu no berço; — Thumelico, o luctador, e azorragado, a besta, a cousa que se atira aos animaes e ao pó do Circo para divertimento da canalha, das prostitutas e dos cesares, o *Gladiador* emfim!

Gladiador e Romano, o filho de Arminio!

Thusnelda tem pontos de contacto com a *Judith* de Hebbel. Outra é a symbolisação, outra a intenção critica; mas ha na *Germana*, hesitações e expansões, desalentos e impetos, uma preocupação, uma obsecação moral que nos recorda a viuva de Bethulia, interpretada, — podia até dizer-se, creada,

— pelo dramaturgo que as platéas de Berlin, de Vienna e de Munich proclamaram como inaugurador do theatro novo, do theatro da Nova Idade.

Já se vê, Halm ficou muito áquem de Hebbel. Mais ampla, a producção dramatica do ultimo encerra um largo e profundo estudo bio-phylosophico, desassombrado da intencionalidade patriótica, — muito mais restricta no tempo e no espaço, — em que Halm constrange ou limita a concepção.

Nós estamos pouco affeitos a um certo symbolismo critico que é talvez a característica geral do theatro allemão; que parece ser até o patrimonio de toda a arte do Norte. E não fallo do symbolismo que atrophia a Arte pela exploração da metaphysica e da mystica, mas do que a fixa e enriquece com as synthetisações do genio largamente illustrado no estudo da Natureza humana e da Existencia universal.

Estamos pelo contrario costumados a um theatro de figurinhas ou *figurinos* deliquescentes, de episodios galantes ou romanescos, de monotona e burgueza intriga, de vida individual e concreta, de representação anedoctica; — mal podem pois as nossas plateas abarcar n'uma intuição que supõe uma certa educação esthetica e scientifica de que não tem resquicios, as valentes syntheses, as generalisações largas e arrojadas, as personificações grandiosas, a acção philosophica e creadora d'uma arte que dá o braço á Sciencia e que permuta idéas com a Critica como Hebbel com Raetscher e com outros.

N'um escripto muitas vezes apaixonado e ou-

tras tantas justo e exacto de Taillandier, a respeito do illustre dramaturgo allemão, diz aquelle:

«Tendes notado já que os grandes poetas dramaticos teem sido sempre contemporaneos dos philosophos... d'estes espiritos immortaes que representam o livre... impulso da intelligencia nobilitada?»

«Não é um simples acaso, é a expressão d'uma lei. O auctor do *Ædipo Rei*, pertence ao mesmo seculo que o auctor de *Timeo*; Shakspeare brilhou ao lado de Bacon; Corneille escrevia o *Cid*, o *Horacio* e o *Poleyuto* no mesmo tempo em que Descartes escrevia as *Meditações* e o *Discurso do Methodo*; a alma entusiasta de Schiller era apaixonada pelo stoicismo de Kant, e Goethe reproduzia a Natureza na epoca em que a philosophia de Schelling a illuminava com os seus raios esplendidos.»

Cousa parecida dissera Comte, fustigando as impertinentes quisilias contra a Sciencia e a profissão de ignorancia de certos artistas dos nossos tempos. E tantos que ha d'estes taes entre nós!...

Afinal este espirito critico, symbolico, — se é que é bem applicada a palavra, — não o encontramos simplesmente a expandir-se na arte allemã n'uma florescencia opulentissima de idealisações realistas, modernas.

Conheceis Sealsfield, o Homero americano-allemão como lhe chamam além-Rheno, o grande romancista?

E o poeta anonymo da Polonia, o auctor da «Comedia infernal?»

E Alberto Bitzius, o *Jeremias Gotthelf*, e Kank e Kompert?

E em França Quinet, Michelet e até certo ponto Hugo e Sand, o que fazem?

No «*Gladiador*» este espirito critico, e de certo modo este critico symbolismo revela-se salientemente, mas o espirito patriotico limita a concepção, traça-lhe a esphera em que ella tem que mover-se.

Em Thusnelda por exemplo, a *germana* quasi supprime a mulher e a mãe. Não é assim na *Judith* de Hebbel, n'aquella fatidica viuva de Manasses que perante a medonha grandeza de Holofernes exclama: «Oh! meu Deus, faze com que eu não ame aquelle que devo matar».

*Frailty, thy name is women!*

«Fragilidade, o teu nome é mulher! disse Shakspeare.

Na Thusnelda, na *germana* captiva, a recordação pungentissima do esposo e do filho funde-se, dilue-se até quasi desaparecer no odio aos dominadores villões, na raiva impotente, nos anceios, nas esperanças ferozes, na exaltação patriotica que o captiveiro acirra e com que o captiveiro vae dilacerando e consumindo aquella nobre e grande alma.

Verdade é que as saudades do esposo e do filho se lhe enlaçam com as da patria, com as de um passado de grandeza e de liberdade, e que tudo isto como que se lhe converte n'um profundo asco por aquella Roma de escravos, de meretrizes e de caligulas.

Mas veja, meu amigo, como Hebbel, — apesar da obsecação mystica, da predestinação fatidica da for-

mosa virgem de Bethulia, que desde a visão mysteriosa de Manasses até ao magnifico dialogo com Ephraim e d'alli até ao entregar-se ella a Holofernes, não deixa nunca de affirmar-se; — veja como Hebbel não esqueceu nunca e soube fazer realçar esplendidamente a natureza feminina; como a viuva-irgema, crendo-se instrumento e eleita do Deus de Israel, regosijando-se, ella, a pudica! de que a formosura do seu corpo desvaire e enebrie o horrivel general de Nabuchodonosor; — veja como nunca deixa de ser a *mulher*, ou quando a descripção dos horrores d'elle lhe desperta uma violenta curiosidade de o ver, ou quando, vendo-o deseja amal-o, ou quando se apavora com a sua obra, ou quando se horrorisa com a idéa de sentir um dia estremecer no ventre um filho do que ella matou, ou quando ainda, desalentada, cheia de pavores, caida da hysterica obsecação, pede aos que a exalçam e festejam uma recompensa unica: a de a matarem.

Ah, meu amigo, como isto é bello e que bello serviço que Latino Coelho faria traduzindo isto! Hebbel teve Christina Enghaus, a grande tragica, sua esposa, para lhe interpretar a magnifica Judith. Nós temos Emilia das Neves que havia de sabel-a comprehender.

Mas não sejamos injustos com Halm. Em Thusnelda, a mãe ainda transparece; por exemplo, n'aquelle desapegar difficil e angustioso das illusões do seu amor e da sua esperanza no filho ausente, quando este lhe apparece tão differente do que ella o sonhára nas longas horas do captiveiro; tão outro do que devia ser o filho do grande Ar-

minio. Como ella espera ainda, como ella, a coitada! se agarra á sua esperança, á sua illusoria certeza de mãe; como procura fugir á decepção cruelissima, como tenta illudir-se; como procura sophismar, — sophismas de um coração materno! — para comsigo propria a torpeza em que lhe apparece envolvido, mergulhado, perdido o filho; como a voz austera do mensageiro germano lhe rasga porque é justa, porque é leal, porque é verdadeira, aquelle pobre coração tanto tempo enfeitado n'uma visão radiosa, e n'um momento, por uma palavra, arrojado a um abysmo de angustias e desesperos!

Thumelico, o filho das suas entranhas alli está: transpondo os Alpes pôde desembainhar ao sol da Germania livre a espada de Arminio. Elle é o retrato vivo do pae. Mas Thumelico é um romano, um escravo, um gladiador que só ambiciona as *lupanaria* e o circo, que só aspira á gloria dos applausos das prostitutas e do Cesar crapuloso, que se enoja da sua procedencia *barbara*, que disputa com os companheiros do *ergastulum* a honra do azorrague do seu mestre na arte de cair elegantemente na arena. Não haverá n'este vulto a concentração critica de uma collectividade historica, de uma multidão escravizada, empeçonhada, gangrenada, a que gritava: *Panem et circenses?* Oh, o grito escuta-se ainda, e porventura nos portaes de um grande edificio imperial ou até de uma grande civilisação caduca, — coisa nossa contemporanea, — podera inscrever a Historia aquella legenda sinistra.

Thumelico é a melhor figura do drama, a melhor moldada, a melhor concebida. Denuncia-se-lhe

o atavismo germanico no meio d'aquella baixesa immensa; tem assomos de *barbaro* no meio d'aquella podridão.

É uma formosa figurinha, excellentemente delineada e movida a da Lycisca, Ophelia do lodo, que vae murmurando as notas plangentes e tristes da resignação na infamia, impellida por alguma coisa parecida com o mesmo *fatum* que estransfega todo aquelle brilhante imperio succedaneo dos deuses: *maximi secundum deorum opes imperii principium*. Será um symbolo? Parece antes uma excepção.

Lycisca conhece a propria miseria, tem a intuição da propria desgraça, sabe que é a precita do Destino. Sente-se ir mergulhando no lodaçal: sabe que desapparecerá n'elle.

É assim a alma popular do Imperio-Cesar, e porque não dizer, do Imperio-Caligula? Não de certo. Essa melhor a representa talvez a outra Lycisca; — a da Historia, — de quem disse o poeta

*Et lassata viris, sed non satiata recessit.*

Não se mostrou Halm menos habil e menos artista no esplendido specimen que foi desenterrar da historia da corrupção romana que ainda hoje nos assombra: — a d'aquella radiante canalha que redemoinha em volta do Cesar, cuja existencia é uma phantasia d'elle, como a realidade d'elle é um calculo de assassinos poltrões.

Ora veja, meu amigo, n'aquella pequenina mostra como n'esta Allemanha, que tantos asnos andam cá na terra a escoucear, o Theatro é uma coisa séria e os que para elle escrevem, sabem geral-



mente que a Sciencia é a grande luz e o Estudo a grande força d'elle.

O typo que se poderá accusar de menos bem tratado, ou pelo menos de deficientemente desenvolvido, é o do Cesar. É que alli havia o apice do vortice. Porque é um vortice aquillo: immenso, horrivel, vertiginoso, em que se esmigalha um mundo, em que se esphacela uma civilisação inteira. Depois, por uma natural delicadeza que até certo ponto poderá lançar-se á conta de timidez concepional, Halm recusou-se a desenvolver e a fixar toda a baixeza d'aquelle Cesar crapuloso e mau, e d'aquella devassissima Roma. Esboçou rapidamente e a historia não tem de certo que se queixar do esboço. Na propria dialogação soube habilmente o artista, registrar as phrases que a tradicção nos transmitiu, significativas da monstruosidade psychica do amante de Lepidus e de Nestor; exemplo: quando elle contemplando a formosa cabeça de Cesonia se rejubila com o pensamento feroz de que uma palavra sua basta para a fazer rolar a seus pés.

N'aquelle mesmo vulto da mulher do Cesar se exaggera porventura a delicadesa esthetica de Halm. Cesonia tem na Historia alguma coisa das *sagæ* ou mestras nos artificios obscenos e na magia da lubricidade, arte — deixae passar a palavra — que no tempo de Caligula teve curso publico em Roma.

Não teem os dramathurgos allemães tão descarada facilidade como os francezes em apresentar no palco as *togatæ mulieres* e as *lupanaria* mais ou menos deslumbrantes, — para me servir da velha expressão latina.

Para áquem — Rheno ha até uma litteratura d'isto, sofregamente festejada e que é o encanto das nossas platéas relaxadas que só pedem o aphrodisiaco da crua devassidão. Por isso me não admiro que entre nós *Offenbach* faça vantajosamente concorrência a Halm como já a fez no tempo de Rossi e de Salvini a Shakspeare.

Mas n'um drama historico como este, a pudica timidez póde dar o falseamento da Historia como a pintura ousada e franca póde não cair no crotismo devasso.

Vae longa esta carta que significa simplesmente uma palestra sobre as impressões de uma rapida leitura, e não uma critica demorada e intencional.

É caso para a gente que estima as lettras sérias congratular-se, o ver entrar no palco portuguez obra da valia e da natureza do *Gladiador*.

Chegaram-me cá os ruidos da festa portugueza que ainda não sei bem se é prenuncio de reabilitação, das nossas platéas se sobejidão da veia laudatoria desperdiçada com *Offenbach & C.<sup>a</sup>*

Emfim bom foi que o cothurno da dramatologia allemã, riquissima entre as ricas, pizasse o palco lisboeta.

Os guinchos dos ratinhos nacionaes esmagados pela magestosa dona não fazem mal e é tempo de expulsar da scena de Gil Vicente e Garrett as *marionettes* que se alojaram alli com a mesma sem-ceremonia com que as *marionettes* verdadeiras e os comicos xylogenos se apossaram outr'ora do palco de Eschylo e Euripides.

Grande serviço podem e devem fazer Latino

Coelho e outros á litteratura patria ligando esta tentativa do *Gladiador* a uma obra de boa exemplificação e de boa regeneração dramatica.

NOTA

Esta carta foi escripta em Mafra e publicada na *Revolução de Setembro* em maio e junho.

III

UMA POETISA BRASILEIRA

—

A EDUARDO COELHO

MAIO DE 1873

UMA POETISA BRASILEIRA

A EDUARDO COELHO

Maria de 1873

I

O Brazil, que deixou ha tanto de ser politicamente colonia nossa, parece a muitos que o é ainda litterariamente. Tem havido d'este lado, na litteratura nacional, uma barreira de desdenhosos e injustos silencios.

É ver: quem conhece, quem falla aqui de Alencar ou de Varella, ou de Macedo ou de Bernardo Guimarães, ou de Teixeira de Sousa, ou de Joaquim Celso, ou de Rosendo Moniz, ou de Guimarães Junior?

Quem deu aqui pela existencia de Gonçalves Dias ou de Alvares d'Azevedo, ou de Junqueira Freire ou de Casimiro d'Abreu, antes que a reputação d'elles se nos impozesse de fóra, e ainda assim se nos impozesse com a brutalidade d'um facto, sem que procurassemos justifical-o para conosco proprios pela serena legitimidade da Critica?

Quem soube da effervescencia litteraria da academia de S. Paulo, de que nos falla com tão generoso entusiasmo Pessanha Povoá?

Quem sabia entre nós ha alguns mezes, quantos sabem hoje o nome de Pedro Americo, o artista da Sarbona, o erudito da academia das bellas ar-

tes de Paris, o discipulo de Coignet, de Vernet, e de Flaudrin; o alumno de Despretz, de Deville e de Claude Bernard, o homem que pintou a *Carioca* e que discutiu a Esthetica com Tiberguien e o Positivismo com Julio Mathieu?

Quantos sabem por ahi da existencia de Carlos Gomes, que esteve aqui entre nós como Pedro Americo; Carlos Gomes, o compositor do *Guarany*, uma opera em que não sonha decerto um certo dilettantismo de cá, mas em fim uma opera que foi laureada no Scala, cantada pela Sass e por Villani e em cujo libretto trabalharam Antonio Scalavini e Carlos d'Ormeville?

Não vimos, porém, nós recentemente como esse dilettantismo bronco e pretencioso recebeu Miguel Angelo, o portuense compositor do *Eurico*?

Vão-se felizmente derrocando aquellas barreiras que nos tem occultado uma parte formosissima da nossa propria litteratura, ao passo que vamos tentando acompanhar com grandes difficuldades, decerto, estremunhados e tropeços ainda, os outros povos na rapida evolução da idéa e do sentimento moderno.

No medir do avanço que elles nos levam e do tempo que temos perdido no lazzaronismo moral de que a nossa arte monotona e hypocrita, de que a nossa pobreza de critica, de que toda esta mystificação grotesca que nos tem envolvido na Politica como na Litteratura, são resultantes: — é natural a admiração d'uns e a má vontade d'outros quando vemos todos ir-nos disputando a dianteira áquella vigorosissima creança chamada — o Brasil — a quem demos no berço mais as asperezas de

padrasto do que os mimos de pae e que julgavamos fadada apenas para nos amassar e fornecer o barro á nossa olaria de fidalguias alarves e ricasas.

Que se admire é logico, mas que se admire, applauda e aprenda sem reservas nem despeitos; — que admiremos e nos regosijemos; — que seja boa a admiração, porque em fim aquella creança admiravel que se banha no Amazonas e trepa pelo Ita-tiaya,

..... as nuvens entestando..

que

..... nos braços do granito  
Abarca vigoroso um ambito infinito,

como dizia Zaluvar, — é filha d'este velho venerando e heroico que, se perdeu por momentos o tino no meio do turbilhão cahotico da Moderna Idade, foi, e ninguem póde esquecer que foi, quem com animo valente abriu metade da Terra á outra metade; — quem rasgou nos horisontes purpureados do Oriente a larga senda por onde se precipitou com ancias a Civilisação apertada e abafada no ergastulo da Idade Media. Foi elle, foi este velho sublime que se debruça sobre o immenso Atlantico no extremo do Mundo Velho, quem deu á Civilisação no extremo do Novo Mundo aquella vastidão feracissima que o immenso Amazonas rasga; — foi elle o que escreveu para todo o sempre o seu nome nos dorsos de todos os Oceanos, o que deu á historia de toda a Humanidade o infante D. Henrique e á arte de todos os seculos o Camões; — foi elle quem gerou o Brasil.

N'aquelle solo opulento ha ossadas de nossos



avós; n'aquellas florestas uberrimas ha talvez ainda vestigios de sangue portuguez; n'aquelle povo moço e forte circula abundantemente sangue nosso; no trabalho que reboa por aquellas praias e sertões, sentem-se braços de nossos irmãos; aquella lingua é a nossa; aquella historia é a nossa; aquella arte é a nossa arte; aquella litteratura é a nossa litteratura, porque se nós somos *dois* estados, *dois* povos, somos *uma* só nação, e... lembrança amarga!... os que lá pisam e cospem affrontas na signa portugueza, seriam uns infames se não fossem uns idiotas.

Olhemos pois desassombradamente, alegremente para aquelles progressos e valentias — sigamos com o alvoroço da boa estima e recebamos com a imparcialidade da critica honesta os productos d'aquelles talentos, os trabalhos d'aquelles obreiros, que são trabalhos portuguezes tambem.

E trabalhos notaveis alguns.

Rompa-se e dissolva-se d'este lado como se tem ido rompendo e fustigando d'outros, a acção injusta, odienta e petulante das camarilhas litterarias, que o mais que tem dado de genuinamente seu, é a *conspiração do silencio*, esta cousa ridicula, que, como ha pouco dizia Hoppe no seio de um dos primeiros congressos scientificos da Europa, é o recurso extremo dos dogmas e das escolas caducas e condemnadas.

## II

Ella <sup>1</sup> toma para epygraphe das estrophes com que abre o livro estas singelas palavras de De-launay: «Dá-se o nome de nebulosas a certas manchas brancas que vêmos alli e além, em todas as partes do Céu.» D'esta immensidade que se chama Talento, d'este infinito que se chama Coração, d'este firmamento innanarravel que Goethe chamava o *Feminino eterno*, ella procurou arrancar para as paginas d'um livro algumas d'aquellas nebulosas fatidicas que lhe disputavam a galante cabeça, o arfar d'aquelle collo gracioso ao volitar das danças, aos galanteios dos salões, aos morbidos arrobos das noites tepidas do Cruzeiro. No meio das opulencias do firmamento sul-americano foi a suave, a mystica, a modesta serenidade das nebulosas:

*Alvos cysnes do mar da immensidade,*

como ella diz, que lhe prendeu os raios humidos do seu olhar de menina e moça brazileira: — aavez dos esplendores e bulicio da realidade que a rodeia procurou n'outras nebulosas longiquas, como na miragem o lasso caminheiro do Deserto, a estancia edenica da luz coaça, das brandas fresquidões, do sereno repouso. E comtudo as *Nebulosas* que ella nos apresenta, que ella adora, que ella

<sup>1</sup> *Nebulosas*, poesias de Narcisa Amalia. — Rio de Janeiro. — B. L. Garnier. — Typ. Franco-Americana. — xxv. 192.

busca fixar não tem a alvura fria das calligens sideraes, não: são roseas, azues, vermelhas; têm vida, uma vida multipla, forte, contradictoria até; umas, como que envolvem em rosea poeira as afecções tranquilladas do lar domestico e da infancia; outras, têm o azul sensual do céu que *Santa Theresza* fitava atravez da fresta da sua cella, muitas despedem os lampejos rubros das Revoluções.

Mas um aneio que se parece com uma nostalgia, uma nostalgia que muito se aproxima do mysticismo, acompanha, inspira, molda, eleva ou abate a poesia d'estas estrophes. Ellas, diz Narcisa Amalia:

Cortando as brumas glaciaes do *inverno*

.....

Vão no solio de *Deus* rolar *exanimés!*

O *inverno aqui*, o cançasso, o desalento, a descrença, a solidão:

E sinto que seguindo uma illusão perdida  
Me arqueja, treme e expira a lampada da vida...

ou:

Assim foram-se as rosas do meu peito  
Sem os rocios do outomno.....

ou:

Apenas hoje sangra e estua-me sem vida

ou finalmente:

E a viração passou. E a flôr abandonada  
Ao sol, tentou veilar a face amortecida,  
Mas do calix gentil a petala ressequida  
Sobre o espiral de olores rolou no pó da estrada...

*Além*, o eterno somno, o eterno repouso, Deus :

Só me resta um consolo : a eternidade !...

ou :

E dormirei sorrindo n'um leito ignoto e mudo.

ou :

Cedo descançarei, (que importa ?) os membros,  
Na penumbra sombria.....

ou emfim :

Porque não sou a rôla que deixa além o ninho,  
E estende as leves azas e vôa n'amplidão ?  
Porque não chego ao menos a frente á immensidade,  
Por sobre a criação ?.....

Nós estamos muito costumados, — de sobejo até, — ao lyrismo plangente, á lamurienta ostentação d'uns vates, — excellentes pessoas, soffríveis empregados publicos, bons paes de familia, cautelosos agiotas até, — que não só se lastimam de não terem a ineffavel dita de serem rôlas, mas que pedem por todos os Santos e Santas do calendario que lhes permittam a doce illusão de serem borboletas... salvos os proventos de bipedes, o titulo de socios da academia e alguma condecoraçãozinha por demais. Elles andam sempre quisilados e dizem coisas muito terriveis em metro variado, da especie a que têm a desgraça de pertencer realmente, como se tivéssemos culpa de que ss. ex.<sup>as</sup> não se dispensem de fazer parte da pobre humanidade, o que a final de contas não se prova que seja coisa peor do que pertencer aos gallinaceos ou aos lepidoterios. Mas se ha n'este lyrismo som-

brio e morbido, muita affectação, muita *blague*, muita hypocrisia quasi sempre; — se elle muitas e muitas vezes representa a substituição da verdade da Arte, pelo artificio pretencioso e ridiculo; — tambem, — e em contrario de Vitet temos o lyrisimo como essencialmente pessoal, — tambem não poucas, dizemos, é o desabafo, a expressão espontanea, a natural explosão d'um estado agudo ou chronico da Alma, d'uma crise ou d'um modo de ser psychologico: questão d'um incidente, de temperamento, de imaginação ou de meio.

Em Narcisa Amalia se por vezes o artificioso da fórma denuncia o requintado da concepção esthetica, a elegia desalentada, mystica, sombria até, não deixa de revelar geralmente uma situação dolorosa da Alma e por ventura o mais que se lhe póde notar fóra ou além d'esta é uma educação litteraria que moldada no Romantismo não rebentou ainda as formulas d'elle para se espraiair desaffogadamente no largo campo da esthetica revolucionariamente positiva de hoje. Mas que ha verdade geralmente n'aquelle lyrisimo dolente, sente-se. Ha estrophes alli de que se póde dizer o que Michelet diz das cartas d'aquella boa e santa esposa de Condorcet: «*Elles parlent bas..., la sourdine est mise aux cordes sensibles.*» É um exemplo a poesia epygraphada «*Afflicta*» e consignada a umas mysteriosas iniciaes:

«Desde a hora fatal em que partiste,  
Turbou-se para mim o azul do céu!  
Velci-me na mantilha da tristeza,  
Como Sapho na espuma do escarceo!

.....

Desde então comprimindo atrás angustias.  
 Vou-te esperar á beira do caminho ;  
 Voltam cantando ao sol as andorinhas,  
 Só tu não volves ao deserto ninho !...

.....  
 Pois bem ! Se emfim voltares d'esse exilio  
 Ave errante, fugindo á quadra hyberna,  
 Vem á sombra do valle ; sob os cyprestes  
 Comigo fruirás ventura eterna !

Este ultimo verso é d'uma deploravel banalidade, mas ha n'estas estrophes, de certo, bellezas que o resgatam. Na poesia *Amargura*, diz :

Já tive como todos, meus enlevados sonhos,  
 Senti tingir-me a face a purpura do enleio ;  
 E o coração pulsou-me um dia entre delicias  
 Fazendo arfar o seio.

E a flôr vendo-me a furto, fulgia mais contente,  
 E as lampadas do céu brilhavam mais gentis !  
 E os cantos das aves mais ternos se elevavam  
 Nas virações subtis !

E a lua me enviava um raio de tristeza ;  
 A luz, beijo de fogo — ardente, fulgurante !  
 A nuvem vaporosa ao perpassar no espaço.  
 Olhava-me um instante !

Outro exemplo ainda :

Recorda-me as dolentes monodias  
 Que na lagôa canta o pescador ;  
 E as tristonhas cantigas dos escravos  
 Quando o céu se desata em luz d'amor !  
 E os campos d'esmeralda que s'enlaçam  
 Á opala radiante do infinito...  
 E a pluma extensa dos bambús da matta,  
 Onde echoava da araponga o grito...

.....  
 Oh aura do crepusculo mais suave  
 Que o perfume das rosas de Stambul,

Leva a meu ninho meu gemer d'alcyone !  
Traz de meu ninho a primavera azul !

Da fôrma fallaremos mais adiante. Mas como já fizemos notar, estas *Nebulosas* d'uma alma de mulher brasileira, não têm a fria alvura das nebulosas sideraes que Narcisa Amalia avoca : — o mysticismo em que mergulha a elegia da descrença, do desalento e da saudade tem as voluptuosas ardenças, os flascidos, os languidos quebrantos do Sul. A formosa poetisa é como aquella pobre freirinha d'aquelle pobre frade, seu patricio, chamado Junqueira Freire :

Conversa á noite co'a estrella vésper  
Ama o espaço de seu clarão  
E sente chammas que julga dôres  
E o peito aperta co'a nivea mão.  
Ella não sabe que a estrella vésper  
Influe nas almas lascivo ardor  
Que, não sem causa, no tempo antigo,  
A estrella vésper chamou-se : Amor.  
.....  
A estrella vésper... Fugi, meninas,  
Fugi dos raios .....  
.....  
A estrella vésper, amphora solta,  
Boia de prata em mar d'anil.  
Clama incansavel : Amae donzellas  
E as fibras lavra flamma subtil <sup>1</sup>.

E a misera freirinha com os labios de estranha febre, com os olhos humidos, com o peito em anseios, de encontro ás grades da fresta da sua cella fria e erma bebe a largos tragos a luz tepida e perfumada das noites do Cruzeiro :

<sup>1</sup> J. J. Junqueiro Freire — Insp. do Claustro, 2.<sup>a</sup> ed., 1866.

Então lá dentro da afflicta virgem  
 Salta um desejo, ferve um pezar ;  
 Tenta um allivio, acha uma angustia  
 Lympha em brasido, vulcão no mar.

É assim Narcisa Amalia; ella quer :

...colher as clicias que brincam na devesa ;  
 Sentir os raios igneos da luz do sol de maio.  
 .....  
 E contemplar do céu as vaporosas ilhas.

Ella, « nas lufas da descrença », quer só volver-se para o Deus, mas diz-lhe:

.....abre-me os braços, reune-me a teus anjos,  
 A eternal ventura almejo palpitante...

Ella, « quer remontar » ao paraiso

Nos labios tendo os lyrios do sorriso,  
 Sobre as asas de mysticos amores !

A Esperança diz-lhe :

Abre-me o coração pleno d'angustias,  
 Conforto encontrarás em meu regaço ;  
 Crearei para ti mundos no espaço  
 Onde segrede amor aura subtil !  
 Onde em lagos azues de areas aureas  
 S'embalem redivivas tuas crenças,  
 E á meiga sombra das lianas densas  
 Vibres scismando as notas do arrabil.

Oh! as *Nebulosas* são para Narcisa Amalia como  
 a *Estrella Vésper* para a freirinha de Junqueira  
 Freire :

Um dia no meu peito o desalento  
 Cravou sangrentas garras...



.....  
 Mas no horror do abandono alçando os olhos

.....  
 Eu vi que *ellas*, do chão do firmamento

Brotavam em luciferos corymbos

*Enlaçando me o busto em raios morbidos.*

Conhecem aquella pobre *Candida* de Immerman. Ella diz ao bom do Anachoreta, que se esforça por fazel-a reentrar na realidade da vida pela porta da casa paterna: «A minha camarasinha é estreita e fechada, o clarão das estrellas não entra lá. Aqui tudo é vasto, tudo é grande, a immensidade abre-se a meus olhos...» Ella tambem se lamenta de não ser o lyrio do ermo enebriado pelo «ether do Céu»; ella tambem pergunta até quando «as pedras da terra lhe dilaceram os pés ensanguentados», ella, uma creança! pede que a aza d'um cherubim lhe converta a alma no «calice glorioso» das bemaventuranças. Narcisa Amalia sente as angustias da prisão, do espaço e da vida circumscripta, da vida incompleta e «á hora em que a terra se abysma na obscuridade e em que no vapor que se eleva fluctuam as imagens do sonho» como dizia Kerner, ella lança a alma e o olhar por esse «jardim sem limites», por essas «rosas e margaridas» de luz, «que crescem no solo azul do Céu» segundo a phrase do doutor poeta de Weinsberg. E já que nos caíram dos bicos da penna estes nomes alemães, lembremos a proposito d'este lyrismo nostalgico, em que se mergulha tanto a miudo a inspiração de Narcisa Amalia, as palavras d'uma poetisa allemã, cheia de lyrismo tambem— Bettina d'Arnim— que bem cedo sentiu as estra-

nhas contradicções e anceios d'aquelle como que epicurismo mystico.

«Ser attraído, alimentado, encantado por esta vida que ora te emballa no seu seio, ora te arrebatata nas suas azas, não está n'isto o amor?

«A tua vida inteira não é amor?

«E procuras alguma coisa que possas amar?

«Ama, pois, a vida, insensato, a vida que te attrae a si com toda a sua pujança eterna, a vida d'onde deriva para ti toda a felicidade. E depois d'isto, tal ou tal objecto póde encantar-te ainda? Oh, não, porque tudo o que amas, não poderás consideral-o senão como uma doçura, como uma caricia da vida cujo amor te anima.»

Mas Bettina era romantica e até romantica exaggerada, na pratica como no sentimento, e nós não aconselhamos á nossa poetisa brazileira, como alivio ás suas melancholias e scismares de menina e moça, a mystificação doentia do Romantismo: a Vida sim, que a ame, que a engrinalde, que a guarde recatada e boa, — que lhe queira, que a não desdenhe, que não blasfeme d'ella, da Vida, que é o conjuncto de tudo isso que adora, que sente, que estremece e por que aspira, mas a vida séria, a vida real, a vida verdadeira que no coração da mulher rebenta, jocunda e incessante, em opulencias de amor, n'estas opulencias que são pelo menos metade da felicidade do Homem, e da historia da Humanidade.

Mas para que dizer isto? Não, nem sempre a inspiração da poetisa d'além-mar é como

.....a rola gemedora  
Que delira, palpita, arqueja e chora  
Na folhagem sombria da mangueira...

Nem sempre o seu

.... anjo inspirador é frio e triste  
Como o sol que enrubestece o Céu polar !

Nem sempre :

Traz na cabeça estemma de saudades,  
Tem no languido olhar a morbidez ;  
Veste a clamyde eril das tempestades  
E chama-se : Tristeza.

Não: aquella fronte gentil e moça encrespa-se também ao sopro ardente das coleras e dos enthusiasmos das revoluções, e atravez do véo de lagrimas vertidas sobre as trevas e os frios em que se extorcem os esfomeados de Liberdade e de Justiça, faiscam as scintellas das indignações honestas e dos enthusiasmos generosos.

Oh ! o mystico Ballanche tinha razão quando respondia a quem lhe perguntava o que era a mulher :

«C'est une initiation.»

Oh Michelet, aquella grande coração e aquella grande cabeça era profundamente justo e profundamente exacto quando dizia :

«Qui aime ? La nature me fit cette réponse : Qui aime ? C'est la femme. *Donc* je m'adressai à la femme pour la grande initiative sociale.»

Vêde : esta é uma brazileira, que folheia com a mão delicada de creança, as paginas da historia d'aquelle povo : encontra esta data : 25 de março, e diz :

Resvalaste, padrão de cobardia ;  
 Pelos aureos degraus do solio augusto,  
 E a santa aspiração, e os sonhos grandes,  
 Esmagaste ao tombar !

.....  
 Onde estavam, ó patria, os teus Andrades,  
 Que sustinham-te aos hombros gigantesco ?  
 Onde o triplice brado altipotente  
 Do peito popular ?

— Gemem, sem luz, em carcere medonhos,  
 — Seguem do exilio a pavorosa senda  
 Rorando com seu pranto piedoso  
 De teu solo o altar !

Encontra esta outra — 7 de setembro — e canta :

Aquem do Oceano, entre choreas mysticas,  
 Co'a immensa côma abandonada aos ventos,  
 Descançava a dormir,  
 O filho altivo das cabralias scismas,  
 — Calmo como a Sybilla que tateia  
 Mystérios do porvir !

E os osculos ardentes do pampeiro,  
 Do gigante adormido, os lassos membros,  
 Enchiam de vigor...

.....  
 Um dia... ai ! despertou, vendo cortado  
 Pela infame cadeia dos captivos  
 O nobre pulso...

.....  
 ..... ergueu-se ingente,  
 Calcando aos pés a algema espedaçada  
 Da lucta no estertor

E o Amazonas foi dizer aos mares,  
 E os Andes se elevaram murmurando :  
 Eis-nos livres Senhor !

.....  
 E, quando os filhos teus, tendo por bussola

A crença livre que na antiga idade  
 Fundiu tantos grilhões,  
 Remontarem aos pólos do futuro  
 Enchendo *o vacuo de um presente inerte*,  
 De industria e aspirações;

Serás tu liberdade sacrosanta,  
 Que, cingida de magos resplendores,  
 Nos ungirás de luz !  
 Serás tu que, voltada p'ra o infinito,  
 Nos guiarás.....

Ella saúda *Oitenta e Nove* e a *Marselhesa*, e decorando aquelles versos de Larocque :

A toi ce dur métier,  
 D'empêcher que le droit ne meure tout entier  
 A toi... de déterrer les ombres  
 De secouer des morts l'espèctre gemissant,  
 De mettre au front du crime une marque de sang !

avoca as sombras amoraveis ou sangrentas dos apóstolos da liberdade luso-americana e diz áquella patria que ella tanto estremece e deplora :

E quando retumbou no espaço um brado,  
 Tentando sacudir-te a negra côma,  
 Curvaste-te ao flagicio fraticida  
 E déste ao cadafalso : o padre Roma.

Não bastavam, porém, tantos horrores  
 Que ennegrecem as brumas do passado ;  
 Foi preciso que ás mãos d'um assassino  
 Cahisse o heroe : Nunes Machado !

Foi preciso que em nome da justiça  
 De prisão em prisão vagando esquivo  
 Acabasse afinal sem gloria e nome  
 Em martyrio latente Pedro Ivo !

Mas se um dia.....  
 .....  
 ... arrojárs ao pó sceptros e thronos  
 Bradando ao mundo inteiro : liberdade !

E olhando de redor de si :

Meu Deus quando ha de esta raça,  
 Que genuflexa rebrama  
 Erguer-se de pé.....  
 .....  
 Quando ha de o tufão bemdito  
 Trazer, das turbas ao grito  
 O verbo de Mirabeau?  
 E a luz da moderna idade  
 Ao craneo da mocidade  
 Os sonhos de Vergniaud ?

e sem pensar já no tumulto ignoto e mudo do seu  
 romantismo mystico, brada.

Oh ! dá-me que em breve eu contemple  
 Aos puros raios da gloria  
 O feito altivo gravado  
 Nos fastos da patria historia !  
 Dá que d'este somno amargo,  
 D'este pelago em lethargo

.....  
 Surja a vaga triumphante  
 Que anime no tumulto ovante  
 As cinzas de Badaró !

Na poesia «Os dois tropheus», a energica democracia d'este coração de mulher, d'este coração de creança generosa e intelligente tem sarcasmos injustos, affrontas immerecidas, allucinações quasi ferozes. Ella diz :

As raças de hoje mais pallidas  
 Que os finados d'outras eras  
 D'essas virtudes austeras  
 Nem mesmo a imagem possuem !

ella insulta a Allemanha, faz-se franceza e quasi franceza do Terror, e finda com esta dorida estrophe :

Que vulto erguera-se esqualido  
 Bradando ás turbas «sofframos ?  
 Oh nunca, á morte corramos !  
 Luctemos, que o insulto é novo !  
 Qu'importa mais cruas magoas ?  
 Qu'importa um revez de mais ?  
 Curvar-nos ? jámais, jámais !  
 E vós o fizes-te oh povo !...

Longa vae já esta noticia de um livro e uma poetisa incontestavelmente notavel. Talento vigoroso, brilhante, flexivel, tem muito que aprender e que aperfeiçoar-se decerto, mas affirma-se já por maneira que não podem contestar-lhe um dos primeiros logares na litteratura do Brazil, e que só parvoas vaidades podem desdenhar na litteratura de cá. A fórma tem aquella superabundancia plastica, permittam a phrase, aquelle colorido e contornos flacidos, lubricos, que caracterisam as inspirações nascidas e emolduradas no seio das opulencias e languores d'aquella natureza.

Narcisa Amalia abusa notavelmente do *adjectivo* e do *esdruxulo*, resultado por ventura de não ter ainda a poetisa americana encontrado os moldes em que caiba á justa, e servir-se dos moldes creados por outra e para outra poesia; falta-lhe ou sobeja-lhe espaço.

O livro, excellentemente impresso, prefaciado

por Pessanha Povoas, e editado por Garnier, é precedido do retrato da auctora, que é uma menina formosa, elegante, de longos e bastos cabellos, olhos rasgados e bondosos, tez larga, e collo gracioso.

## NOTA

Folhetim do periodico *O Paiz*.



por Fernando Alvarez, e titulado por Juan de  
Pedro de Alvarado de Ovando, que a una vez  
tuvieron, que en la lengua e partes de ellos, otras  
trajeron a Barcelona, de la qual a ellos se  
trajeron.

FIN

En la ciudad de Barcelona a diez y siete de Mayo de mil e quinientos e noventa e tres años.

*[Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page.]*

IV

NA PLATÉA

—  
A RODRIGO AFFONSO PEQUITO

DEZEMBRO DE 1873

IV

NA PLATEA

A RODRIGO ALONSO FIGUEROA

Diccionario de 1878

Augier!...

Mas é quasi um escandalo a apparição do grande dramaturgo!...

Podia ser apenas uma surpresa: quantos tinham dado aqui pela existencia d'este nome illustre? Mas que veiu elle cá fazer?

Elle, o semsaborão dos enredos honestos, da comedia sem farçantes, dos dialogos sem reticencias obscenas, das scenas sem estoiros e fascinações de declamação equivocada, de decoraçào chineza, e de sensualidade brutal?

Elle, o delicado, o brando, o limpido, o meticoloso, como divertir estas platéas, que nem se contentam já com o urso e o luctador, como as do tempo de Horacio — *aud ursum, aud pugiles*, — com as decorações fascinantes, com o movimento estrondoso, mas que exigem, além de tudo isso: cantharidas!

É ver como o receberam.

O theatro estava meio vasio. Os burguezes tinham spasmos de indignação e de somno, os rapazes estavam sombrios, as mulheres miravam-se, os escriptores sorriam-se maliciosamente, os por-

teiros tinham desdens sinistros, os *marialvas* permittiam-se apreciações, e não achavam correcta a traducção.

*Ah! mon Dieu, voilà qui est poussé dans le dernier gallant!* como se diz nas *Précieuses ridicules*. Os *marialvas* a julgarem da correcção d'uma obra litteraria, como se tivessem algum dia praticado o escandalo de aprender grammatica!

Diga-se porém uma coisa: n'este supposto julgamento elles eram simplesmente um ecco ridiculo d'um boato maliciosamente espalhado.

As intrigas de bastidores aggravavam a situação. Má vontade contra o traductor: — um moço intelligente; — má vontade contra a actriz principal: — uma rapariga formosa e uma actriz de esperanza; — amuos e despeitos intra e extra-theatraes, invejas, picuinhas: tudo isto formigava nos camarins, barafustava no salão e intrigava na platéa.

A peça de Augier, escolhida por Gervasio Lobato para traduzir, e pela actriz Margarida para representar no seu beneficio, foi a *Ceinture dorée*, que Lobato chamou *A opinião publica*, para não lhe dar em vez de um nome um adagio por designação.

Peça de genero médio, de *demi-caractère*, como diria Emilio Montégut, comedia temperada *fin*, como é uso dizer-se, a obra de Augier distingue-se principalmente pela accentuação e naturalidade da maioria dos caracteres, pela vivacidade espontanea da dialogação, e pela brilhante e singela originalidade d'algumas situações. Não é um d'aquelles *nadas*, d'aquellas filigranas encantadoras, mas... inuteis, tão vulgares no Theatro francez. Sente-se

ali o punho d'um pensador dirigindo a imaginação devaneadora do artista, embora não se trate d'um grave problema social, ou não se exhibam profundezas e altitudes da psychologia humana. Aquillo é simples e modesto.

Era uma vez um burguez, enriquecido n'esta loteria bruta do viver social hodierno. Saiu rico e *legalmente* honesto das especulações aventurosas, e como a consciencia lhe ficára abafada na primitiva rudeza pela legalidade e pela moral vigente do *makemoney* não tem visões importunas, duvidas retrospectivas, ou hesitações incommodas ácerca da sua *fortuna*. Fez o que pôde para enriquecer, foi feliz, soube ganhar, mas tudo se passou dentro da esphera legal, sem offensa, antes com sanção das leis do seu paiz. Se as demandas lhe deram dinheiro foi porque as ganhou; se os seus socios se arruinaram foi porque não tiveram juizo como elle: enriqueceu licitamente. Ser honrado para elle é isto: para elle como para tantos.

A Consciencia está na Folha Corrida. O Codigo penal é um codigo moral. Suppre qualquer outro.

O homem é assim. Entrou no organismo social em estado bruto: saiu com aquelle feitio. De resto é bom, sincero, affavel. Tem uma filha que estremece e para quem procura um marido. Faz desfilar por diante d'ella um batalhão de pretendentes. A rapariga não é positivamente romantica, mas, apesar de burgueza ricassa, não é tambem positivamente bronca. Percebe que para todos estes pretendentes ella não passa d'um meio convencional de chegar a um dote invejavel: repelle-os. Tem a singular phantasia de casar com um

homem honesto que a ame, não pelo dote mas por ella mesmo: quer ser um fim e não um meio.

Encontrou um dia um rapaz, pobre e intelligente, de quem ouviu, ao proprio pae até, narrar heroicidades de desinteresse e de honradez. O pae, que condescende com a pequena em tudo, tenta offerecer-lhe este marido como quem lhe offerece um mimo d'annos.

Esta scena d'um pae convidando um estranho a casar com a filha é a mais inverosimil e precipitada da peça. Seria até immoral se a bonhomia rude, inconsciente, chã do burguez a não attenuasse; e se o episodio magnifico que occasiona não desculpasse o artista. O rapaz recusa, apesar de amar profundamente a que lhe offerecem por esposa, porque a sua consciencia proba e delicada condemna os alicerces sobre os quaes se elevou e que aguentam a riqueza do que se lhe offerece para sogro.

O pasmo do burguez é admiravel de naturalidade! Elle nunca infringiu as leis do seu paiz, elle trabalhou *licitamente* para adquirir aquelles haveres, elle não tem culpa nos cartorios officiaes, elle soube ser esperto sem se indispôr com oCodigo, elle em fim é rico sem deixar de ser legalmente honesto. O seu cerebro tem este geito: não distingue a realidade legal da realidade moral, a consciencia da Lei da lei da Consciencia. Não roubou, isto é, não metteu as mãos nos cofres ou nas algibeiras de outrem; não falsificou firmas ou moeda; por cada valor que lhe entrou no inventario póde apresentar um documento decisivo em Juizo; tem as suas contas em ordem estima a sua

familia ; não dá escandalos, não tem remorsos, foi *feliz* nas especulações aventureosas a que se entregou...

Não comprehende pois... Irrita-se, acirram-se-lhe os seus instinctos e orgulhos de burguez, acha ridiculamente tolo o rapaz, original, excentrico, utopista, absurdo...

Que diacho ! pois ha alguma coisa que valha mais do que o Dinheiro ? Pois ter dinheiro não é ser honrado, grande, forte, feliz?... «Ora adeus : sabe que mais, sr. excentrico, fique-se com a sua austeridade papalva, que não vale dois caracoés, e eu fico com a minha filha e com o meu dinheiro ; sabe que mais, ha só um homem honrado, ha só um homem fidalgo, ha só um homem respeitavel : é o Dinheiro.» E o burguez trata de fazer seu genro, um andarilho das *altas* e *baixas*, um homem que sabe o que o Dinheiro é, e que não tem isenções e escrupulos patetas. A rapariga, porém, é que não está por isso ; a acção complica-se, ha episodios dramaticos e episodios comicos, e afinal o burguez fica repentinamente sem *fortuna* n'um jogo de fundos em que contava duplical-a, — *bien fol est qu'y se fie* — e é então que o rapaz lhe pede a filha em casamento. A este tempo o pobre pae começára já a ter duvidas e inquietações de si proprio. A lição de austeridade e de desinteresse deixara-lhe no cerebro e no coração um germen de hesitações e receios.

É isto aproximadamente a peça.

Os caracteres do burguez, da filha, de uma amiga d'esta, do rapaz e do corretor de cambios, estão soberbamente desenhados : ha ali o punho



de um artista e de um observador consummado, o punho do homem que muitos, com fundamento, consideram o primeiro dramaturgo do Theatro francez contemporaneo. Podem considerar-se obra de um realismo são e forte. A figura comica do mestre de piano é uma caricatura falsa, um epigramma injusto e indigno contra a escola alleniã, que affirma uma evolução incontestavel na esthetica e na technica musical: picuinha de francez contra os pensadores germanicos. Inspirou-a por ventura a má vontade contra Wagner, o grande compositor e o grande reformador, que respondeu, diz-se, uma vez ás invectivas das platéas parisienses, escrevendo que se importava tanto com ellas em materia d'arte que só iria a Paris quando precisasse um *frack* bem feito...

D'estas contendas pouco se sabe cá. Em musica estamos simplesmente com Verdi ou Bellini.

Os outros vultos, até os mais secundarios, estão tratados com proficiente esmero. A dialogação é um primor e o entrecho não deixa muito a desejar: é facil, natural e harmonico.

Emfim é uma comedia formosa, delicada, boa; não é uma d'essas *pièces à femmes*, exhibição de uma plastica, de uma phraseologia e de uns enredos grosseiramente estimulantes, nem uma peça de *espectaculo*, cheia de fascinações, de barulhos e de decorações mystificadoras, como aquellas de que já fallava o poeta latino, que arrancam os applausos estrondosos de um publico profundamente viciado no senso artistico:

*Garganum mugire putes nemus aut mare Tuscum:  
Tanto cum strepitu ludi spectantur, et aries...*

Fallemos agora da traducção e do desempenho que uns certos sujeitos :

*Qui mettent leur vertus en mettant leur gants blancs...*

julgaram tão leviana e injustamente.

É curiosa esta severidade. Fazem-se e applaudem-se ahi todos os dias umas baboseiras em linguagem mascavada, francelha, tosca, que constituem a immensa maioria das traducções e plagiatos que vemos em scena e que fazem gemer os prelos nacionaes, e só agora uma traducção ao correr da penna, sem pretensões, provoca taes iras, porque uma ou outra phrase póde ser menos genuinamente portugueza para ouvidos puristas! Mas quantos ouvidos d'estes estavam ali, no Gymnasio? Quantos d'esses censores de occasião podem atirar a pedra? Com que bullas entram elles na apreciação do caso? Pôz algum d'elles o dedo na macula? Indicou o defeito?

Não : tinham ouvido por uma greta da portinha do palco, que a traducção estava mal feita.

Ora, meus senhores, sejam francos, digam que não gostaram da peça, que não gostam do genero, que não ha ali pernas femininas em exposição, nem reticencias obscenas a aguçar-lhes o gargalhar. Vamos, não se envergonhem, cavalheiros.

E olhem que é certo não ser muito correcta a traducção, mas creiam que o é tanto ou mais do que as traducções e os *originaes*... hypotheticos, que os senhores applaudem todas as noites.

A traducção foi feita precipitadamente, a phrase nem sempre está bem contornada, ha uma certa superabundancia *litteral* de pronomes, que passa,

comtudo, despercebida; e tudo isto é imperdoavel, porque o traductor tem obrigação de respeitar a belleza plastica do original como a belleza intima; de o não apresentar afeiado, de o não arriscar ao desagrado publico por culpa da interpretação. Gervasio devia esmerar-se na fórma, tanto mais que traduzia Augier.

O desempenho foi regular: não prejudicou a peça, salvo na scena do 2.º acto, a da mystificação do mestre de piano, e ahi a culpa é da empreza ou do director da scena, que não soube dar relevo e seriedade artistica áquella situação importante, envolvendo os tres actores, que a *fazem*, n'uma turba de figuras adequadamente vestidas, etc.

O actor Pinto de Campos, que fazia o papel de pae burguez, andou excellentemente, via-se que estudára, comprehendera e se esmerara no desempenho.

João Rosa houve se egualmente bem; pena é que tenha o deploravel vicio de acentuar melodramaticamente demais os seus papeis e de dar intonações tetricamente graves, aos dizeres mais insignificantes e correntios.

Joaquim d'Almeida é que é um actor intelligente, e podia ser um excellente actor comico, se não confundisse a miudo o Comico com o Burlesco, terrivel tendencia, muito vulgar nos nossos theatros.

E. dos Anjos e Bayard representaram com louvavel discrição e desafogo.

De proposito deixei para o fim o fallar da nova actriz Margarida. Pertenciam-lhe as honras da noite. Era a sua festa e ao mesmo tempo a sua *prova*. É triste, deveras, que os que hoje entram

na vida do Palco, tenham por juizes um publico estragado. Ou hão de transigir com elle, sacrificando a Arte, ou serão condemnados a uma obscuridade fria e desoladora. Um pequeno grupo de espiritos delicados e impollutos, que os julgue e aconselhe com justiça e consciencia, raramente lhe compensará os triumphos estrepitosos e as popularidades brilhantes. Depois, elles teem que ganhar a vida e os empregarios, os industriaes da scena não querem saber da Arte, querem artistas que agradem á turba.

Á ausencia do senso artistico no Publico, junta-se a ausencia de senso critico, de ensino intelligente, de conselho honesto e auctorisado na direcção do tirocinio do Palco.

Não teem quem os ensine, nem quem lhes faça justiça. São uns *titeres* nas mãos do um publico viciado depois de o terem sido nas mãos de uns *praticos* analphabetos. É preciso uma vontade forte e uma boa intelligencia para resistir a esta situação. Quantos actores e actrizes se teem estreiado ultimamente!? E que resta? Onde está um d'esses que tenha resistido e dominado a situação fatal creada á arte do Palco, e a quem se possa dizer: « És um verdadeiro e consciencioso artista?! »

Quando a tempestade passar, porque ha de passar, qual ficará de pé? Ah! como são verdadeiras aquellas observações de um critico francez: « A experiencia acabou por provar que a arte do comediante era mais solidaria com a litteratura dramatica do que se fizera crer, e que não podia subsistir por muito tempo sã e robusta, quando esta litteratura estava doentia e decrepita.

« O contagio atacou-a tambem, e eil-a que se estiola ou que recebe do contacto de um theatro immoral, chagas asquerosas de que faz um titulo de gloria. Nem generos dramaticos, nem peças!... nem actores portanto! »

Deixemos, porem, estas tristes reflexões para outra occasião.

A nova actriz é moça, formosa, elegante e intelligente. São as impressões d'aquella rapida *prova*, que exponho. Sentia se que comprehendera o papel que representava. Tem excellente voz, — voz sã e sympathica, — coisa rara nas nossas actrizes, e *diz* com bastante naturalidade e sem pretensão, coisa mais rara ainda.

Tem delicadeza de porte, de maneiras, de *pisar*, e tudo isto se deve citar, porque nada d'isto se ensina nos nossos palcos. Tem gestos e modulações felizes e espontaneas, que denotam ter-se compe-  
netrado do papel. Sustentou as situações violentas, como as dos 2.º e 3.º actos, notavelmente. Contudo, a falta de estudo e expressão da face, denuncia-se por vezes. Em geral, a falta de um ensino methodico, de uma intelligente direcção, é o que se revela na maioria dos defeitos.

No segundo acto, por exemplo, na scena d'ella, da amiga e do enamorado, não accentua bastante a parte importante que lhe cabe: a suspeita de uma rival.

Emfim, parece-nos ter recursos para poder fazer muito. Assim tenha coragem no caminhar de

*Questa selva selvaggia ad aspera...*

das intrigas, dos ciumes, das pequeninas traições

dos bastidores e das injustiças do publico. Ainda isso não é o peor. A adulação, a estúpida ou a má adulação, é que é o peor inimigo. Estudo constante e valente vontade, pois !

## NOTA

Este escripto foi publicado na *Revista dos Theatros*, n.º 2 e transcripto no *Paiz*.

de publicação e das informações de publico. Ainda  
se não se sabe. A publicação se encontra em a  
de publicação e das informações de publico. Ainda  
se não se sabe. A publicação se encontra em a

NOTA

Este scripto foi publicado na Revista dos Ventos  
n.º 2 e janeiro de 1911

V

EM MAFRA

—

A JULIO CESAR MACHADO

ABRIL DE 1871



V

EM MAFRA

A JULIO CESAR MACHADO

Avila de 1877

A minha ultima ida a Lisboa deu-me uma curiosa desillusão.

Senti saudades d'isto, por lá; — saudades d'estas solidões, d'esta monotonia, d'esta paz-d'alma da Natureza, — deixa dizer assim; — d'estes horisontes francos, d'estes desenfadados ares, d'estes campos, d'estas aguas, d'esta *vida*...

Creio que desfrechei em mais de um amigo toda a carta *ad villicum* do velho Horacio:

.....  
*Rure ego viventum... beatum*

Pódes tranquillizar-te porém.

Não vou desfrechar-te agora um bucolico idyllio; — ainda se eu os podesse fazer á Jeremias Gotthelf!... — nem desnovellar argumentos attinentes á facil demonstração da superioridade dos frescores do pinhal e das palestras labregas sobre as ardensias paludosas da politica cidadã.

Eu viera para Mafra n'uma quadra de chuvas, de nevoeiros, de ventanias; — de humidades impertinentes, de sombrios ceus, de horisontes pesadamente opacos e feios. A Natureza ostentava uma

nudez engelhada e cynica; tinha esgrouviamentos de doudice; assobiava umas notas sinistras nas ramadas; tinha raivas medonhas nos despenhadeiros e enthusiasmos assassinos nas alturas.

Debatia-se, estremecia, roncava, esphacelava e esphacelava-se. Quando me vi no sopé d'esta pedreira artificial, enorme, negra, hypocrita, amontoadada em honra ao Divino pelo regio caçador de... Odivellas, pelo muito alto e poderoso discipulo de cantochão de Fr. Jorge Venesiano, senti o coração confranger-se me. Relanceando a vista para além pareceram-me as casas da villa uma ranchada de figurinhas anãs que viessem a cambalear em dança ebria até ao vasto largo e estacassem ali apavoradas, com uns olhinhos idiotas esbugalhados para o colosso da Basilica.

Tudo aquillo era pequeno e contradictorio, absurdo até.

Havia em tudo um ridiculo pungente, uma cousa qualquer que atravessava a alma como uma gargalhada secca, fria, aguda, má.

Quando depois percorri os longos corredores em que divagavam as creanças<sup>1</sup> envoltas n'uma luz mortica e n'uns ares humidos e frios ainda mais me entristeceu tudo.

Como descrever o que senti então? Era enfadonho e difficil.

Mas foram passando os dias procellosos: um dia rasgava-se ali ou além a abobada côr de chumbo do Ceu e apparecia uma nesga azul; — de azul e de luz que mais vale do que ouro sobre azul; da

<sup>1</sup> Estava então alli o Collegio Militar.

luz da primavera e d'aquelle azul profundo, diaphano, continuo, que deve ser o desespero dos pintores. Outro dia, era ao cair da tarde que uma labareda de Sol no occaso cobrejava pelas regiões nubladas e batia na chapada d'alguma montanha visinha.

Eu saía poucas vezes.

N'um dia em que o mau tempo apresentara hesitações de luz e de sombras, de risos e de my-santropias, que como que se me reflectiam n'alma; e quando já as collinas por ahi além começavam a adornar-se d'um verde juvenil e forte, saíra a passeiar e demorou-se-me a vista no longiquo horizonte.

Iam-se adelgaçando e dissipando lentamente, — com uma lentidão magestosa e tímida a um tempo, — as nuvens acastelladas e enovelladas além.

Foi então que senti um assomo de intima, de brusca alegria.

Era para ver aquillo!

Imagina, meu amigo, que no desfazer-se do ultimo véu nubloso me appareceu ao longe um listão azul, immenso, profundo, illimitado, espelroso, esbatido suavemente ao largo até se confundir com a luz difusa d'um dia em termo.

Era o Mar!

Que alegria e que saudade ao mesmo tempo!

Eu fallo do Mar como de uma pessoa de familia.

Pequenino era eu e conhecia-o já. Emballou-me em creança, attraiu-me, impelliu-me era eu já homem.

Pareceu-me que vinha agora trazer á minha so-

lidão as lagrimas de saudade de minha mãe, as bençãos de meu veneravel pae, os adeuses de meus irmãos, dispersos por essas terras distantes.

Pareceu-me isto.

Ha quem isto comprehenda? Póde exprimir-se bem?

Comprehendes decerto tu, que tens uma alma de artista; comprehendem as boas almas que teem tido saudades, que teem sentido tristezas, — d'estas tristezas de quem vive só.

«Triste e só,» era o Monge.

Só é triste. Se é!...

Vim d'alli com uma satisfação tamanha, tão pura, tão boa, tão cá de dentro, que não dei pelo tristor d'estas paredes enegrecidas, d'estes corredores immensos.

O Mar!

Sabes com quem se me parece o Mar?

É com a Sciencia.

A mesma profundeza, a mesma amplidão, a mesma pujança; as mesmas tempestades tremendas, as mesmas serenidades magestosas.

São duas grandes coisas: o Mar e a Sciencia!

O insondavel e o inexgotavel, a riqueza immensa e o immenso mysterio, a Liberdade e a Força.

Satisfaz isto. Podem esmigalhar-nos os gigantes. Mas enfim lucha-se e é uma lucha grande, nobre, gloriosa.

Agora com as viboras que mordem, que rojam, que se escondem, que fogem; — com as viboras que a cada passo nos silvam do pó, oh meu amigo, com essas é que a lucha é triste e solitaria de glorias e de enthusiasmos!

Mas para onde me ia fugindo a penna!

Senti saudades de Mafra, em Lisboa, é certo.

N'esses encanamentos de enxurradas e de sedas, e de esplendores; n'essas ruas apertadas em que aos olhos parece que as telhas limosas recortam com brutal insolencia umas nesgas do Céu; n'essa atmosphera de pó e de cousas velhas e pequenas, em que redemoinham tantos manequins movidos por uns cordeis sujos que se chamam politica, agiotagem, exploração amorosa, etc., etc. : senti-me saudades d'estes panoramas que a Ceres creadora, a eterna Demeter vae trajando agora de tantas e tantas côres formosissimas e sádias; d'estes horisontes em que mergulha a vista sem topar n'um maroto lantejoulado; d'estas solidões emfim, dos meus livros principalmente, d'estes bons e velhos companheiros, com quem posso conversar larga e socegradamente. No meio porém de tudo isto, acontece naturalmente sentir a gente desejos de palestrar com os amigos auzentes; erguem-se muitas vezes os olhos dos livros, accende se o cigarro, — tu fumas charuto, mas o charuto não é bom para isto, — accende se um cigarro e emquanto os olhos ficam na contemplação idiota do desanovellar do fumo, foge-nos o pensamento para junto de quem estimamos como que para transmittir e receber o que se pensou e sentiu. O *cavaco*, a palestra epistolar, é a traducção d'estes impulsos, d'estes factos intimos.

Escreve-se... nem a gente sabe porque, como se bem me lembro acontecia a Gilbert.

... *Parce qu'il faut écrire* ...

E assim se explica esta carta, e assim se justi-

ficam muitas cartas. Quiz desafiar-te o appetite de vires a Mafra, de vires agora vêr, não digo só a pedreira de João v, — pesadello petrificado d'uma geração, — que, todo o fiel portuguez deve desejar vêr ao menos uma vez na vida, mas emfim os campos, os vales, o céu, o *Maio*, entendes?

Despega-te d'ahi, homem!

... *et, rebus omissis*  
*Atria servantem postico falle clientem.*

Salvo se o cliente fôr... o editor. Isto tinha por força que acabar com Horacio.

Tens aqui estofo para muitos «*Quadros do campo*», crê.

#### NOTA

Esta carta foi escripta de Mafra e publicada na *Revolução de Setembro*, de maio.

VI

UM POETA HESPANHOL

---

A FERNANDES COSTA

DEZEMBRO DE 1873



b f i t i e h e d a r a s e a s t e d N b a m p l G

III BOILEY HERZBYWALD

I HERZBYWALD

IV

HERZBYWALD

Curioso paiz ! Gladium, ferozes, as idéas, as ambições, os fanatismos ; troveja incessante o canhão ; faiscam nos ares as bayonetas e os punhaes ; estrugem no Lar e no Forum as grandes coleras ; vae na alma e no corpo social temerosa peleja ; uma convulsão immensa estremece toda a sociedade hespanhola ; e no meio d'este drama sangrento e escuro, cheio de incertezas e anciedades, no meio d'esta gestação dolorosa e grave, os templos da Arte abrem-se e enchem-se ao lado dos templos da Guerra, em que Krupp substituiu Jano ; ao lado dos arsenaes em labutação e dos quarteis em alvoroço, as multidões festejam os novos auctores ao mesmo tempo que victoriam os novos caudilhos ; um drama desperta tanto interesse como um telegramma do Norte ; a morte de um poeta é acontecimento publico como um episodio importante da campanha ; a compra de um quadro attinge as proporções de uma questão nacional, e um livro de versos póde pleitear notoriedade com o faccinora de Santa Cruz.

Curioso paiz !

Curioso e feliz, porque não ? Feliz no meio da

zesse conhecer directamente esta imaginosa e sympathica individualidade, formára d'ella no meu espirito uma idéa completa rodeada de sympathias e respeito.

Quando estive em Madrid não tendo podido encontrar-me com o poeta, fiz aquisição d'aquelles seus tres livros: *El libro de la patria*, *La Arcadia moderna* (eglogas e idilios realistas) e *Inspiraciones*, que são um verdadeiro monumento de renovação e gloria litteraria. Que alma, accessivel ás impulsões estheticas, ás largas aspirações da consciencia moderna, á fecunda e opulenta poesia que pollula da historia do progresso humano, e do seio uberrimo da Natureza-Mãe, deixará de sentir os effluvios da communicabilidade artistica e genial, ouvindo aquella dolente *Gaita gallega*

que no sé diciros  
si canta ó si llora.»

lendo aquella singella e sentida ballada: *El tributo de sangue*

esa ley que Dios maldijo  
que roba á la madre el hijo  
y el baculo á la vejez, etc.»

ou a enthusiastica canção

Paso á la rauda  
locomotora  
Paso, que es hora, etc.»

ou *El Mar*, ou emfim a esplendida *Ballada de Cataluña* que Baleguer verteu em catalão, o principe William C. Bonaparte Wyse em inglez, Roumieux em provençal, e que depois de enthusiasti-

camente laureada pelo enxame de poetas reunidos nos jogos floraes de Barcelona, recebeu a espontanea consagração das mãos callosas e dos corações rudes e abertos dos operarios de Tarasa e de toda a velha Catalunha?!

Que bella e sobretudo que boa poesia que é a d'estes tres livrinhos!

Reproduzidos e ampliados nos apparecem agora. Pois não é curiosa, não é quasi incomprehensivel para nós, principalmente, a quem a menor, a mais rasteirinha preocupação politica alheia das regiões placidas e elevadas da Arte, nas quaes ainda na mais profunda monotonia civica não nos demoramos muito; — não é curiosa, extravagante quasi, esta empresa da reimpressão regular, rapida e volumosa das obras completas d'um poeta lyrico, no meio da situação que atravessa a Hespanha?

E emfim, esta reimpressão não é um capricho, é uma empresa dispendiosa; faz-se sobre reimpressões recentes que o mercado consumiu, é a satisfação d'uma necessidade do mercado das letras; o 2.º volume que acabo de receber «Elegias y armonias» traz a rubrica significativa «*Cuarta edicion,*» e é um primor dos prelos de Aribau & C.ª...

Pois não significa isto muita vida, uma notavel ubiquidade no viver nacional; uma certa segurança da consciencia publica no meio dos desastres e ameaças do Presente?

Abre este ultimo volume com a poesia, podera dizer, o poema, *El dolor de los dolores*, uma das mais originaes composições que conheço e que anda já traduzido em francez por mademoiselle Telma Gildo, uma intelligente creança de quinze prima-

veras, em italiano por Gothardo Aldighieri, em allemão, pelo notavel poeta João Fastenrath, em polaco, por J. Leonard ;

Madres, que teneis hijos  
 En el sepulcro  
 Y el corazon cubierto  
 De eterno luto ;  
 Yo tenderé mis alas,  
 Y á consolaros  
 Ire a vuestros hogares :  
*Yo soy el llanto.*

.....  
 .....  
 Llorad, que el llanto alivia ;  
 Llorad commigo ;  
 Esta historia es la historia  
 De vuestros hijos.  
 Dichosos los que lloran!...  
 Porque han amado ;  
 Yo iré a vuestros hogares :  
*Yo soy el llanto.*

É uma historia singella e sombria, vulgar e terrivel, encantadora e dolorosa, a historia d'uma pequenina que se tinou, «lirio tierno» mal desabrochado n'um mundosinho d'amor, a historiasinha da filha unica de Ventura Aguilera contada por elle, contada com uma minudencia amarga, com uma insiſtencia afflictiva, pelo proprio pae.

É um *Linus*, — deixem dizer assim, que não é deslocada a palavra, — um *Linus* admiravel de sentimento, de delicadesa, de dolente simplicidade, d'um realismo opulento : a opulenta, a immensa, a sublime realidade dos amores e das dores dos paes. O jubilo inaudito, *unico*, aquelle abrir-se a alma

n'uma floração douda de alegria e de felicidade ao primeiro vagido do filhinho:

Flores eran los campos,  
E luz los aires,  
Gorgeos y sussurros  
Las soledades, etc.

o primeiro aleitamento

Al son de las canciones  
Que nadie sabe,  
Para dormir los niños  
Como las madres.

aquelle crescer, aquella maravilha de todos os dias, as ingenuas curiosidades, os brinquedos infantis, os cuidados, os affagos, as anciedades, os projectos de futuro conversados entre os paes, os olhos, a boquinha, os cabellos, — e os cabellos inspiram-lhe uma estrophe magnifica:

Con suaves resplendores  
El copioso cabello, mansamente,  
Como lluvia de flores  
Caia en sueltos rizos de su frente;  
Hubiera dado mi querer profundo  
Por un cabello suyo todo un mundo.

tudo emfim é descripto, lembrado, *chorado* póde dizer-se assim, no deslizar espontaneo e vivo d'aquelles versos.

«Sob uma fórma suave e placida» — diz d'elles Carolina Coronado — «estes versos teem tal refinamento de crueldade para o proprio auctor que se duvida se elle quiz escrever ou suicidar-se. E mais lembra o intento funesto quanto o poeta canta em tom concentrado e interrompido o que ha de mais infantil e pungente nas suas recordações...

«Tudo lhe deslisa com enganosa tranquillidade; folga em dilacerar a alma, até que emfim exasperado ao comparar aquella noite do Natal (*Noche-Buena*) em que vivia ainda a pequenina, com esta noite em que está só, exclama duramente:

«Esta noche es noche mala.»

São perfeitamente exactas as palavras de Coronado. A tristeza, a saudade, o desamor da vida, os desesperos que irrompem febris, os desalentos dos pobres paes, moldam-se e espelham-se em quadros, em episodios, e em rythmos profundamente commovedores. A magestade d'aquella dôr immensa impõe-se em toda a longa composição como o *fatum* das velhas tragedias, aos episodios mais insignificantes, ás puerilidades mais insignificativas. Em tudo se sente:

... eco de un alma  
Que se consume.

Que ingenua e ao mesmo tempo que dolorosa simplicidade ha, por exemplo, n'este episodio!

« Del balcon á las flores  
Todos los dias,  
Viene una blanca e suelta  
Mariposila,  
Desde que ha muerto  
Mi dulce niña.  
No sé que'me da al verla  
Y, en crueles ánsias,  
La pobre madre dice;  
— « Si será su alma ?

A phantasia e a fé, — Aguilera é um poeta profundamente christão, e se tivesse nascido no Norte

teria talvez a credulidade infantil de Kerner, — a phantasia e a fé envolvem-lhe e arrebatam-lhe a dôr paterna a regiões de um romantismo mystico em que não deixa comtudo de afirmar-se a idealidade plastica do homem do Meio-dia.

Un jardinito hacer quiero,  
 Para que entre flores duerma  
 A los rayos de la luna  
 Aquella adorada prenda,  
 Y amorosas aves canten  
 Su gloria, y lloren mi pena  
 Y quiero con estas manos  
 De abrojos limpiar la tierra,  
 Y con mi llanto regarla  
 Si llanto á mi alma lo queda,

Y en la estacion de las flores  
 Vereis, vereis brotar frescas  
 De su frente, y boca y ojos,  
 Como eloquentes emblemas  
 Violetas e rosas blancas,  
 Y pálidas azucenas.

E' um Uhland do Sul: a morte é para elle uma florescência nova, mas uma verdadeira florescência, na concepção poetica.

O vulto da desventurada mãe não é das menores bellezas da composição:

• Al pié de la cruz negra  
 • De sus dolores  
 • Un alma sin consuelo,  
 Llorando inmovil,  
 Pasa los dias  
 Pasa las noches...



.....  
 .....  
 ... sola e triste,  
 Flor heshojada  
 Noche sin luna  
 Fuente sin agua...

Original composição esta ! Não será facil encontrar-lhe irmã.

Aquella formosa historiasinha de Conscience, *Rikke tikke-tak*, em que um pae perde a filhinha tambem, mas torna a encontral-a, e em que a creança emballa as saudades e as cruezas do seu viver, avocando, prendendo as sombras amigas do perdido lar com a cançãosinha aprendida sobre os joelhos do pae, aquella mimosa historia tem canduras e doces vulgaridades, traços de encantador realismo como esta: mas aquella insistencia, aquelle esmiuçar pungente de recordações, o irremediavel, o innarravel d'aquella dor, que se espelham nas estrophes de Aguilera, a verdade directamente sentida e pintada d'aquella situação, é que lhe dão um cunho particular de originalidade e de communicabilidade artistica. Nunca o *realismo* foi mais *real*.

N'esta como n'outras composições de Aguilera, o realismo, ou se querem o naturalismo, ou melhor ainda esta compenetração da Natureza, da *verdade* das montanhas, dos horisontes, dos ceus, do mundo physico emfim, como dizia Ruskin, e da *verdade* do mundo moral, pela faculdade artistica, é uma das feições mais brilhantes de Aguilera.

E vêr aquella «*armonia campestre : Los Nidos,*» que começa :

El almendro florece ;  
 Abre-se el lirio, luego  
 La amapola de fuego,  
 Que una llama parece.....

Formosos versos que dispensavam os dois que se lhe seguem :

Y, con sordo murmullo,  
 La rosa tambien rompe su capullo.

Que mimo e graça de descripção, a do passarinho implume que se debruça do ninho suspenso sobre a campina

Lhena de luz, de canticos y flôres.

Que delicadeza de *toques*, como se diria em pintura, e que vigoroso e rapido traço de elevada *moralidade*, como se diz na fabula !

Ouvide :

Cómo, al nido asomado,  
 Moviendo sin cesar la calva frente,  
 El polluelo inocente  
 Campiña, y luz, y arroyos ve pasmado !  
 Del mundo al contemplar las ricas galas  
 Tender quiere las alas,  
 Y volar. y vivir... pero le asusta  
 La extension del espacio, retrocede,  
 Y torna, y otra vez al temor cede ;  
 Hasta que el padre le acompaña y guia,  
 Mostrándole su celo,  
 Con el peligro, la segura via.

E já agora vede o complemento do gentil quadrosinho ; é :

La madre que en su ausencia no reposa,

E que desce a colher pressurosa

Ya paja, y heno, ó la sutil bedija  
 Al cordero robada  
 Por el zarzal avaro ;  
 Ya la pluma olvidada  
 De otras amigas aves,  
 Y aromaticas yerbas y suaves ;  
 Y el preciso alimento  
 De la familia que dejó un momento :  
 Y cuando al nido torna,  
 De inquietud maternal y de amor llena,  
 Dentro, muy dentro suena  
 Con mal formados sonos,  
 Como rumor confuso  
 De besos, y de gozo y bendiciones.

Explendido ! Que differença vae d'esta pobre *femeasinha* áquella adoravel *mulher* a mãe affanosa de que falla João de Deus com eloquencia egualmente graciosa e profunda ?!

Vêde-a ao berço soffrega de vida,  
 Que a sua é pouca para dar ao filho,  
 Ella em cama de espinhos, mal vestida,  
 Elle enfaxado em berço de tomilho,  
 Ella em continua azafamada lida  
 Elle vendo se apanha á luz o brilho ...

Mas aquelles quadros lêdos e suaves teem junto o seu contraste de sombras e tormentas. A propria epygraphe, — *armonia* campestre, — é quasi um epigramma involuntario e sinistro. Ides vêr como a harmonia se desdobra.

Pasaron las risueñas alboradas  
 Y las tranquilas noches de verano ;  
 Vinieron las ventiscas desatadas,  
 Que la alta cumbre y llano  
 Despojan de hermosura,  
 Trayendo en pos de si la niebla oscura.

E depois, no meio das batégas geladas, e das

rijas ventanias, da desolação esgrouviada do inverno

... en el hueco de encinas y de peñas,  
 Colgados entre breñas,  
 O'en un rincon de viejos palomares  
 Do no llega el calor de los hogares,  
 Solos se ven y yertos  
 Como cunas vacias  
 De pobres niños muertos,  
 Los nidos que otros dias  
 Poblaron monte y valle de armonias.

Que delicada e profunda e pungente *nota*, — deixem dizer assim, — aquella do *calor do lar!*

Como caiu alli bem, como é commovedor aquelle verso :

*Do no llega el calor de los hogares! ...*

Como transparece no poeta o pae, e no pae esta boa e alentadora entidade: a familia.

Mas foi isto: debalde Aguilera tentava esquecer no retratar dos risinhos e encantadores episodios a mal cicatrisada ferida. Já na escolha d'elles o trahia a inspiração. Elle proprio escreve á doce e leal companheira da sua vida, a respeito d'estes versos: «un recuerdo cruel me prestó sus calores sombrías, para trazar la desolacion del invierno.»

Disse já que elle era um poeta profundamente christão: é uma das feições mais pronunciadas do seu character litterario.

Não affirmarei decerto que aquellas estrophes cheias de unção evangelica e das doces claridades d'um coração amoravel e expansivo, possam escapar aos anathemas do Syllabus e soffrer incolumes o exame da orthodoxia ultramontana. Agui-

lera é um poeta profundamente humanitario e democratico: na sua fé vigorosa e boa, realisa-se uma como que união mystica — *unio mystica* — como dizem os doutores, da revelação theologica com a evolução historica. Se é certo que o homem faz Deus á sua imagem, Aguilera como outros, talham na exuberancia do seu sentimento uma religião e uma philosophia, em que a fé primitiva e a razão emancipada longe de se excluirem e substituirem, se abraçam n'uma concepção social, humanitaria, cosmica até, unica e harmonica. Decerto a Natureza e a Sciencia tem direito de se insurgir contra esta especie de arianismo do Sentimento; e elle proprio é infecundo e absurdo fóra da concentração da psychologia individual.

Quanto tenta impôr-se á actividade collectiva em substituição ás leis positivas da Natureza e da Historia, envertem-se-lhe as consequencias, e desmente-se nos intuitos: — o doce quietismo que dava ás almas delicadas que as grandes agitações sociaes importunavam e que procuravam n'elle o repouso, a serenidade, a esperança que não encontravam cá fóra; — esta doce quietação transforma-se na vida social em turbações, em decepções, em tempestades terriveis; aquelle espirito amoravel que no individuo absorvera e se confundira com o espirito austero e positivo da Justiça, — é na acção social impotente para crear e suster; e perde se no frenesim da Paixão em injustiças odientas, em coleiras cegas e em deploraveis demolições.

Uma grande parte da moderna democracia, como uma parte não menor de *um certo* socialismo moderno no nome, velho nos factos e anachronico na

afirmação, padece d'este grande mal social, que póde ser que seja um grande bem individual para as almas fracas ou afflictas, d'esta *unio mystico* que poderemos chamar *racionalismo christão*. É elle que tem sido o grande obstaculo, e que tem trazido o grande desprestigio ás formações e tentativas contemporaneas de organização social.

A Hespanha contemporanea é um exemplo.

A fé que hoje póde aplanar as montanhas é a fé na Sciencia e na Natureza: é a comprehensão lucida das leis da Historia e das leis da Vida Universal.

Voltemos porém a Aguilera. A fé christã não o abandona: a oração é uma necessidade psychologica d'aquelle coração crente e afflicto. Elle não indaga as subtilizas theologicas que a explicam; a oração não é para aquella alma artistica uma d'aquellas muitas coisas que só podem ser comprehendidas *sub specie oeterni*. A oração é simplesmente.

..... escala  
 Por donde sube fácil  
 El corazon sediento  
 En sus tranquilas ondas á saciarse;

Vaso lleno de lágrimas  
 Y de alegrias cáliz,  
 Que á Dios ofrece el hombre  
 De amor y gratitud en homenaje:

Tabla de sus naufragios  
 Cuando la rota nave  
 No halla puerto en la tierra,  
 Ni ve secorro humano que la salve.

É uma formosa poesia esta da oração. Com o

mimo e graça de que já o vimos dar provas, o poeta retoma, ou antes applica o thema mais adiante na poesia *El despertar : oracion para los niños.*

La noche ha passado  
La noche sombría ;  
Qué bello es el dia !  
Qué hermosa la luz !  
Suspiran las fuentes  
Y campos floridos,  
Despiertan los nidos  
El cielo es azul

.....  
.....

Señor, á tu gloria  
Veráme hacer salva  
Del rayo del alba  
La luz virginal, etc.

Ainda uma outra «oracion para los niños» temos n'este volume.

Señor, yo te bendigo  
Tu mano generosa,  
Que esencia dá á la rosa,  
Al hombre le dá amor  
Y es el amor estrella  
Que vivida fulgura  
En la tiniebla oscura  
De todo corazon...

A poesia «La Limosna» é uma das mais conhecidas e apreciadas: que formosa ingenuidade a d'este dizer, quando a lagrima do pobre cegosinho agradece a pequena esmola:

Y con gozoso pecho  
Proseguí mi camino triunfante,  
Altivo, satisfeito ;  
Ya hubiérame envidiado en ese instante  
La no sabida paz que en mi se encierra  
El monarca más grande de la tierra.

O Mar, o immenso, o profundo, o sombrio, o assombroso Mar, inspira a Aguilera uns versos magnificos que Luigi Gualtieri verteu no doce italiano.

Verte ! oh mar ! es creer.....

.....  
.....

..... solamente sean

Dulces tus brisas, tus murmullos suaves

Tu angusta calma protectora, cuando,

Por norte la virtud, á la conquista

Del ideal en su conciencia escrito,

En pacífica alegre caravana

Tus olas atraviese

De un polo al otro la familia humana

Este relampago de inspiração social e revolucionaria não é unico nem morre nas acastelladas fantasias e luminosas serenidades da contemplação da Natureza. Alma estremecida pela tempestade de reformações e aspirações sociologicas que por toda a parte agoita as instituições tradicionaes e empelle as novas consciencias, Aguilera não procura isolar-se egoistamente no contemplar naturalista, ou no drama da psychologia individual, ou na doce philosophia do lar domestico. Elle é, já o disse, um poeta humanitario e democratico: é uma inspiração moderna, original, expansiva, ubiqua.

Não jura sobre os canons da velha arte e se ao ouvil-o fallar da Natureza, ao vel-o absorver-se n'ella, dar-lhe a sua alma tão profundamente artista se póde dizer, — apezar da unção christã que o denuncia, — com Musset:

Ainsi donc, qu'on dise, elle ne tarit pas

La source immortelle et feconde



Que le coursier divin fit jaillir sous ses pas ;  
 Elle existe toujours, cette séve du monde  
 Elle coule et les dieux sont encore ici bas !

ao vêr como aquella formosa imaginação, como  
 aquella coração excellente de poeta tem côres tão  
 vivas e amor tão vigoroso e franco para dar ás  
 grandes glorias e ás grandes aspirações do nosso  
 tempo, como sabe descobrir n'este, tão largos cau-  
 daes de boa e elevada poesia, lembramo-nos d'a-  
 quelle magnifico conselho de Maxime Ducamp.

Travaillez, aprenez, comprenez, ó poetes !

.....  
 Car il faut être fort dans les temps ou vous êtes  
 L'esprit, comme un géant marche par l'univers :

Ecoutez ce qu'il dit, répétez ses paroles,

Agrandissez nos cœurs. . .

Mais . . . oubliez le langage

Des poetes passés ; chaque chose a son temps ;

Ne parlez plus de dieux morts depuis mille ans ;

Qu'ils restent au Ténare avec tout leur bagage !

Isto me suggere cada leitura nova da «Loco-  
 motora», da «Ballada de Catalunha,» etc. ; isto me  
 suggere esta encantadora poesia *Sombras del pas-  
 sado* que agora tenho diante dos olhos.

O poeta falla da pena de morte e dirige-se ás  
 cortes constituintes na pessoa de Salmeron. Que  
 amarga verdade a d'estas estrophes !

A presenciar la tortura  
 Van, con febril impaciencia,  
 El niño, todo innocencia  
 La muger, toda ternura ;  
 Llemando como en funciones  
 En que gozar es costumbre,  
 Bulliciosa muchadumbre  
 Las calles e los balcones.

.....  
 .....  
 Escucha aunque mal te cuadre,  
 La voz de esas dos mujeres :  
 Quien eras tu ? Y tu quien eras ?  
 Yo, la esposa — Yo la madre...

.....  
 .....  
 Mas teme que cuando creas  
 De ti el mundo satisfecho  
 Diciendo — « Soy el Derecho »  
 El diga : — « Maldito seas ! »

Depois invocando, — tristissima illusão ! — a  
 augusta mas ainda obscurecida soberania em nome  
 da qual se abriu aquelle congresso legislador e  
 supremo, diz :

No por debil llegue apénas  
 Mi súplica á vuestro oido ;  
 Yo la voz he recogido  
 De todas las almas buenas.  
 Y para que Espana ejemplo  
 Sea pergrino y santo,  
 Os la repite mi canto  
 Em vuestro sublime templo.  
 El pueblo rey de los reys  
 A' engrandecerla os convida ;  
*Que corra un soplo de vida*  
*Por el libro de las leys.*

Eu estou folheando ao acaso e rapidamente.

*El cantáro roto* não póde passar desapercibido.  
 Ali se acentua uma vez mais o brilhante e fino ta-  
 lento descriptivo, a exuberancia artistica d'Agui-  
 lera.

Cantando alegremente,  
 De amor y vida y esperanza lleno,  
 Una niña morena  
 Por agua va á la fuente,

Que susurra entre mirtos y entre rosas,  
Del carmin de sus labios envidiosas.

.....  
La muchacha sencilla  
A' la fuente llegó con ágil paso  
Cuando el sol ya tocaba en el ocaso,  
Y puso el rojo cántaro en la orilla.

.....  
Tornando em derredor los negros ojos.  
Con el afan inquieto del que aguarda  
Lo que mucho desea y mucho tarda, etc.

Encantadora singellessa! *El cantaro roto* é uma estrophe completa da vasta odysseá rural, sem as piegas phantasias de certos *pastiches* á Florian como sem as cruesas absurdas e systematicas d'uns pseudo-realistas á Courbet, que só conhecem do mestre o nome e nunca chegariam a comprehender-lhe a feição particular da obra. Fastenrah traduziu estes bellos versos em allemão.

Vou concluir por hoje: do poeta pouco fallei e da variada forma em que ella vasa o seu não menos variado genio poetico ha muito que dizer ainda. Entrementes ahi ficam algumas amostras.

VII

# UMA ESTRÊA

—  
A ALEXANDRINO DO CARMO

MAIO DE 1873

VII

# UMA ESTRELA

A ALEXANDRINO DO CARMO

MARÇO DE 1878



damente velhos sem a respeitabilidade das cans, sem a auctoridade da experiencia e do estudo, mas com a precoce senilidade da intelligencia e do coração; — a peor de todas as senilidades.

Em summa, o moço auctor é auctor verdadeiramente moço e não communga nas taes camarilhas convencionalmente litteratas, as camarilhas do elogio mutuo, banal, insciente e inconsciente: por isso d'esta vez não estremeceram os prélos com as banalidades encomiasticas das taes. Ganha com isso o auctor, o bom senso, e o publico. Nós todos temos visto como os mais inuteis quando não os mais immoraes artefactos, ou melhor, artificios, de certos *laureados* teem sido cantados e exalçados pelos mestres e arraya miuda do compadrio litterario. Todos nós temos assistido, — mais enojados do que indignados — a certos córos laudatorios de *cotterie* perante as estreias mais insolentemente absurdas e insignificativas.

Fallemos porém da formosa estreia do sr. Gervasio Lobato. A sua comedia *Debaixo da mascara*, é uma composição ligeira, graciosa, facil, desprerenciosa, sem ser positivamente um *rien* dramatico, como dizem os francezes de umas composiçõesinhas rendilhadas, flagrana litteraria, que nem sempre são *rien*.

A comedia do sr. Lobato tem realmente uma certa intenção moral; um certo senso critico se denuncia alli *debaixo d'aquella mascara* de graça espontanea, innocente, desprerenciosa. Ha alli uma galeria comica de corajoso *realismo*. O beaterio hypocrita que serve de *mascara* á leviandade fidalga, o *lyrismo* requintada que *mascára* a ausen-

cia da virilidade moral, o *attaché* francelho debaixo do qual se esconde um idiota, a vida intima de uma aristocracia de sacristia, — debaixo da qual se angustiam e suffocam os corações amoraveis, bons; — uma boa parte emfim da parte que, sem offensa da moral e da salubridade publica, se póde apresentar, d'aquella *mascarada* do chamado *grande mundo*, está alli esboçado a largos traços, entre sorrisos, rapidamente, de passagem, mas com uma certa firmeza que revela um *tourist* intelligente a quem os miasmas, e as metalicas côres da podridão de envolta com os incensos ao Divino, não conseguiram offuscar e contagiar a cabeça e a consciencia nas viagens perigosas por aquellas paludosas regiões. Com o beaterio da fidalguia feminina, o auctor á força de querer ser delicado foi exageradamente indulgente e a indulgencia n'este caso póde ser perigosa. Debaixo da mascara pôz apenas a mocidade leviana e inexperiente com o aleijão da hypocrisia produzido pela educação. E quando essa leviandade vae a meio já, do declive do adulterio, sustem-n'a não tanto com os escrupulos tardios da Consciencia e do Dever apregoados e não comprehendidos, mas com um reconhecimento incidental que está muito longe de deixar immaculada a mulher, quanto mais a esposa.

A comedia ganha com isso um *tableau* dramatico, mas quando o panno desce lentamente sobre ella, sente-se que alguma coisa ficou esquecida nos bastidores. A mulher reconhece no marido, que a enfadava, o amante com quem se correspondia. É melhor assim, mas a verdade é que no coração d'aquella mulher havia um amante que eclypsava



o marido. Um simples acaso fez com que o marido e o amante fossem um só sujeito, senão...

Ha um typo na comedia que o auctor apresenta a descoberto, sem mascara, tal qual é, por incidente, n'um episodio, n'um traço apenas, mas n'um traço vigoroso que basta para que não fique esquecido na turba dos comparsas. É um typo do *badaud* portuguez, isto é, do mais absurdo, do mais inutil, do mais bronco, do mais chato sujeito que, sobre o pretexto de ser um homem, conserva ordinariamente a posição vertical, arrimado ás esquinas das ruas e dos cafés lisboetas, o *badaud* afidalgado, insolente, bruto, profundamente, absolutamente bruto; o vadio que a policia não mette nas casas de correcção como os esfarrapados, os abandonados, os pobres; o vadio cuja bebedeira atrevida encontra sempre fiança nas estações policiaes, que tem amigos na policia preventiva e entrada n'alguma casa honesta, que elle se encarrega de fazer passar por bordel, entre uma baforada de fumo e uma sandice a respeito de cavallos, — depois dos agiotas e antes das amantes, os cavallos são o assumpto predilecto das suas matutações; — o vadio que dá palmadas nos chapéus dos burguezes, que insulta os velhos, que diz obscenidades ás mulheres honradas, e que emfim passa a vida em intrigas com as meretrizes, em disputas com os cavallos, em caricias aos agiotas, até ao dia em que vae continuar a apodrecer nos mausoleus blasonados de seus illustres... e muitas vezes suppositos avós.

Oh Nau dos Quintos! Nau dos Quintos!

Falta-nos o espaço e o tempo para ser mais mi-

nucioso. Isto tambem é uma noticia apenas: não é uma critica.

É uma saudação a uma estreia excellente. O entreccho da peça corre tão regularmente quanto se podia esperar de uma comedia que é uma estreia. O desfecho devia estar preparado com maior anticipação: seria menos precipitado. Menos lembrava os vulgares *Dii ex machina*. O dialogo, geralmente natural e facil, e a linguagem correcta, e elegante.

Boa foi a execução principalmente por parte de Taborda, Isidoro, Augusto Rosa, Carlos de Almeida, etc. Pela primeira vez vimos Augusto Rosa em scena. E' já um bom actor que não envergonha o pae, o Rosa Senior, o aposentado Rosa, incontestavelmente o nosso primeiro actor.

nuçiosos. Isto tambem é uma noticia apenas: não é uma critica.

É uma sanção a uma estrea excellente. O trecho da peça corre tão regularmente quanto se podia esperar de uma comedia que é uma estrea. O desfecho devia estar preparado com maior anticipação: seria menos precipitado. Menos lempava os vulgares. Diz-se machado. O dialogo geralmente natural e facil, e a linguagem correcta e elegante.

Pos foi a execução principalmente por parte de Taborda, Laidoro, Augusto Rosa, Carlos de Almeida, etc. Pela primeira vez vimos Augusto Rosa em scena. É já um bom actor que não envergonha o pai, o Rosa Senior, o aposentado Rosa, incontestavelmente o nosso primeiro actor.

[The following text is extremely faint and illegible due to fading and bleed-through from the reverse side of the page. It appears to be a continuation of the review or a separate section of text.]

VIII

UM NOVO POETA

—  
A SILVA PINTO

MARÇO DE 1872

VIII

UM NOVO POETA

A SILVA PIZTO

MARCO DE 1772

tar de não sommas valor, os nossos alvareiros  
 das terras, todas atalhadas no estado de enco-  
 minadas novidades para o compadris de lá.  
 Agora Victor Larra responde-nos. Escobri-  
 ra: e Antonio de Sousa Pinto: um rapaz que nos  
 seja para terra de Santa Cruz, que não estava  
 na altura dos parâmetros geográficos, não se podia  
 um lugar no bazar de das idéas e nobilidades do  
 lyceio acadêmico. Não são exames costumeiros

<sup>1</sup> Leu isto decerto com a mesma sofreguidão  
 com que eu li e reli. São umas cem paginas pe-  
 queninas, com formosas e modestas paginas da  
 historia de uma cabeça magnifica e de um uber-  
 rimo coração.

Ha aqui a grande idéa e o grande amor. Ca-  
 sam-se. A nós os Beni-Israel lassos e descridos  
 que vamos levados no turbilhão do Simoun, refrige-  
 gera e realenta isto: esta poesia forte, franca, vi-  
 va, moça, — deixe dizer assim, — que se ergue  
 das sombras das ignotas florestas para expandir-se  
 como o nenufar em alvas florescencias á luz do  
 grande astro.

Quando os *Eccos democraticos* me caíram sobre  
 a mesa do trabalho; quando escutei aquella va-  
 lente e harmoniosa voz de Victor de Larra, vi-  
 brada de tão longe em nevrose de entusiasmo,  
 sabe, amigo, com que sinceridade eu disse: «É  
 um poeta!»

Foi já ha muito tempo. Não deram por aquellas  
 formosissimas notas, como não hão dado por mui-

<sup>1</sup> *Idéas e Sonhos*, por Antonio de Sousa Pinto, natural  
 do Porto e estudante do 3.º anno da faculdade de direito  
 Recife. — Lisboa, 1872.

tas de não somenos valor, os nossos alviçareiros das lettras, todos atarefados no fabrico de encomiasticas novidades para o compadrio balofo.

Agora Victor Larra reaparece-nos. Descobre-se: é Antonio de Sousa Pinto: um rapaz que moureja pelas terras de Santa Cruz, que não navega na alheta dos baronatos grotescos, nem mendiga um logar no banquete das olympicas nullidades do lyrismo academico. Nós não estamos costumados a isto.

Poeta de hoje, alma estremecida e arrobada pela Revolução, cantor que nos vá na vanguarda amenisando-nos o caminho difficil com as harmonias do ideal hodierno, ou nos reanime nas rudes pelepas como os velhos bardos com o troar afinado pela rythmia do coração social, quasi que podemos dizer que o não possuímos.

Aqui ou alli erguem-se apenas alguns cantares que nos suavizam; — indignações, enthusiasmos, esperanças e promessas que veem e que faliam á consciencia do homem de hoje.

N'esta litteratura de sete seculos a contemporaneidade do Ideal ficou desdenhada quasi sempre pelo anachronismo da Imitação e da Escola.

Quando nos arrojavamos ás vastidões dos mares, — *nunca d'outrem navegados*, — ou quando andavamos enovellados em batalhar infrene com os filhos de Islam: avocavamos as musas da Helлада e do Lacio, ou afinavamos a lyra por Trissino e Petrarca.

Quando o *Demonio do Meio Dia* esmagava nas garras infames o coração mosarabe, a Arte entre nós aprendia Rhetorica nas escolas dos jesuitas.

Quando procuramos um logar pacifico no grande cyclo do Trabalho e do Direito, quando queremos moralisar a Familia e regenerar a Sociedade e consolidar a Escola: a nossa poesia manea o manicordio provençal e se não estuda a gaya-scienca pela Rhetorica de certo marquez de Villena do seculo XV, é porque o Estudo aborrece e irrita a esquisita dona.

Apenas Guilherme Braga e Pedro de Lima e Alexandre da Conceição, e em fim alguns valentes talentos mais, da moderna geração erguem de vez em quando as suas vozes harmoniosas estremecendo nos a alma cançada e sequiosa. Isto é assim.

O Brazil é como se não existisse para a nossa litteratura.

Mais sombras nol-o interceptam do que outr'ora escondiam os mares de além Bojador aos nossos avós.

Vêem-nos de lá ás vezes uns ecos sumidos, mas tão azafamados andamos em proclamar genios de casa e em fabricar academicos de papelão, que não damos pela exuberancia que aquella litteratura, portugueza, — vae affirmando por lá.

Antonio de Sousa Pinto, é um poeta que começa e já póde dizer-se, que é um poeta feito.

É que se nasce assim ou nunca se é isto. A forma póde e deve aperfeiçoar-se; a energia potencial tem só que não deixar-se morrer de inanição. Não se extinga a força assimilhadora, conquiste pela Sciencia e na Sciencia, — que é a grande força, — os elementos da sua acção artistica, e estas cem paginas brilhantes serão succedidas por



muitas e muitas paginas brilhantissimas. É talento uberrimo.

Denuncia-se alli a ubiquidade do verdadeiro genio artistico.

Com que singelesa sabe traduzir ou antes *appropriar-se* Murger e Gautier e com que valentia de convicção exclama :

«Marchae...

Vós que sois do futuro palinuros  
Na Cruzada feliz da redempção

Ou n'aquella soberba poesia : *O Povo*

«O Povo é sempre o mesmo, é sempre grande o Povo !  
Ou libertando o mundo ou dando um mundo novo !  
Quer do ignoto oceano encare os furações,  
Quer Bastilhas rompendo, esmague atros grilhões,  
Quer o ferro suicida (stoica heroicidade !)  
Crave no immenso peito ao ver a liberdade  
Extorcer-se mortal nas garras infernaes,  
D'esse que abriu a jaula ás feras imperiaes !  
Seja Catão ou Huss, o feito antigo ou novo  
O Povo é sempre o mesmo, é sempre grande o Povo !

.....  
Volve de novo a noite ! Aquella pura luz ;  
Que universal raiou nas trevas de alta cruz,  
D'um escabroso monte ao pincar e elevada,  
Jaz dos povos na mente extincta ou eclipsada !  
Agora pois surgi, vampiros, vós que amaes  
A noite, em cuja treva a gosto vos cevae  
Surgi, santos varões, que a vossa santidade  
É guerrear sem tregoa a pobre humanidade !  
E tu, nobre feudal, oh alma senhoril,  
Do miseravel servo esmaga a fronte vil !  
Mas sêde prestos, eia ! erguer-se vae o dia  
E do horizonte o sol té os antros allumina !  
Mas oh ! é tarde já : rompendo a cerração  
Eis, que brilhante surge um seductor clarão !

É astro a derramar calor e luz intensa  
 É aurora, é phanal, um novo deus : a imprensa !  
 O escravo se levanta, encara e vê no ceu  
 A estrella do Futuro a fulgurar sem veu !  
 Gutemberg ou Voltaire, o feito antigo ou novo  
 O povo é sempre o mesmo, é sempre grande o povo.

Não resisto a transcrever mais uns versos formosos d'esta formosa poesia, que encerram uma intenção moral característica :

Oh vós a quem atterra a onda popular  
 Mais que ao timido nauta as vagas de alto mar.  
 Amae esse gigante, ora terrivel, forte,  
 Ora martyr sublime, entregue á dôr, á morte.  
 Mas sempre generoso e sempre collosal  
 Na bondade e no amor, na lucta contra o mal !  
 Se acaso maldizeis no dia da vingança  
 No coração do povo a sede da matança,  
*É toda vossa a culpa, a vós vos condemnaes,*  
*Em vez de escravisar, as almas libertae !*  
 Mandae o maná santo, esse orvalhar divino  
 A que chamaes mentira e o povo chama ensino !

Não faz isto lembrar aquella recente e magnifica *Heresia* de Guilherme Braga? É uma alma de verdadeira artista. A colera rebenta impetuosa, mas a generosidade corre perenne e a elevação da Idéa democratica casa-se com o amor ferveroso da Justiça. No fundo de tudo, o que ha, o que se prega, o que se canta? O amor do que é grande e nobre e veneravel, n'uma palavra o grande Amor.

Oíçam ainda esta voz forte e convicta, sympathica e austera.

É uma das melhores poesias d'este livrinho : *A Liberdade.*

Gallileu! Gallileu!... oh velho fanatismo  
 Tu vergaste a cavar enorme e fundo abysmo  
 Sob os sangrentos pés das mortas gerações!  
 Pia, oh ave nocturna, em volta dos sepulchros,  
 Mas deixa os nossos ceus, azues, dourados, puleros;  
 Não temos cá logar p'ra tuas legiões.  
 Nós vivemos do dia e tu da escura noite;  
 Mensageiro de um Deus... oh não, tu és o açoite  
 Negro, torpe, infernal que a terra flagellou!  
 Amamos o saber, e tu a ignorancia;  
 Queremos educar, e tu perverter a infancia;  
 Somos a luz que vem, tu a sombra que passou.  
 ..  
 Oh França da Gironda! o Mexico, a traição,  
 Cuspiram-te um labeu no augusto pavilhão!  
 E foste acaso tu, patria de liberdade,  
 Tu nobre Marselhesa oh santa claridade,  
 Que déste a um povo um rei, qual carniceiro á rez?  
 Quem te empanou assim, sol de noventa e tres?

Para que citar mais? Isto tambem pouco mais é do que uma citação. No meio do annunciar infrene de grandes homens e de grandes cousas, que por ahi vae, seja premittido annunciar um bom talento e uma boa poesia, não aos Olympicos da Academia e do Folhetim, mas aos simples mortaes susceptiveis de sinceras sympathias pelo que é bom e verdadeiro, e de franca veneração pelo que é trabalho e consciencia.

A poesia: *As duas escravas* é tambem uma bella inspiração:

Mas quem sois vós, augustas  
 Imagens do martyrio?  
 Que assustador delirio  
 Vos tem curvado assim?  
 Em vossos rostos leio  
 A dôr, a magoa, insomnia;

— Eu chamo-me *A Polonia!*

— Eu sou a pobre *Erin?*

Na elegia, A. Sousa Pinto apresenta já primorosos ensaios: a poesia social, collectiva, attrae-o, mas não o absorve; a epopea na mais lata e hodierna acepção é o campo mais consoante com aquelle espirito desassombrado e entusiasta que ora se abre ao sol da America e da Civilisação democratica, espirito que além d'isso anda soletrando o verbo da consciencia social no estudo do Direito, mas pinta-nos as suas alegrias e tristezas intimas tambem, senão com a mesma firmeza de toque, com singello e sympathico colorido que nos faz sentir que ha alli elementos para um artista completo. Oxalá não se estraguem elles pela emmixão do lyrismo delambido e do romantismo anachronico que constituem com alarves aspirantes ao baronato a nossa principal exportação para as terras de Santa Cruz.

Meu amigo, em 1869 dizia eu a proposito dos primeiros versos d'este moço talentoso: «Victor Larra é um verdadeiro poeta.

«Não antecipamos juizos nem fazemos critica. Saudamos em talento esplendido, estendemos mão amiga a um apostolo eloquente e a um honrado obreiro do futuro. Precisamos consolar nos, os que andamos na faina do progresso.

Pouco antes tinha eu escripto: «Estamos costumados a pensar que só podemos importar do Brazil boçalissimos barões, patacosas burras e saccoes de café. Ha porém na colonia portugueza que moureja pelas vastas terras de Santa Cruz muitos cerebros estremecidos pela nevrose do genio, muitos

corações que entalados entre o balcão da tenda e a saccaria do armazem se expandem ás vezes ao sopro de grandes paixões e de aspirações mais sadias que as de um titulo de baronato ou a compra de uma courella minhota. Ha poetas alli.» Bem vê que não me enganei: Ahi tem mais uma brilhante confirmação. Que importa que a nossa metropolitana litteratura não queira ver mais além das barreiras municipaes?...

## NOTA

Esta carta escripta de Mafra, foi publicada na *Gazeta do Povo* n.º 721.

IX

UM POETA BRASILEIRO

—  
A JOÃO PENHA

JUNHO DE 1873

IX

UM PORTA BRASILEIRO

A JOÃO BANHA

1800

Fallemos de Gonçalves Crespo.

Elle é brasileiro mas vive entre nós de ha muito; conhecem-no muitos já; os nossos periodicos dispensam-lhe ás vezes amabilidades e tudo annuncia que um ou outro folhetinista encartado lhe dispensará um dia a chancellia de «mancebo de esperanças», por incidente, por generosidade patrocinadora... e ridicula, no meio de alguma apologia de quaesquer insignificancias do seu convivio, quando o pobre do poeta tiver já gasto e desalentado a inspiração, a coragem e as illusões, a enterrar n'esta charneca litteraria muitas e muitas joias de esplendido talento.

O livro d'elle <sup>1</sup> publicou-se ha muito: para outro, — e viesse elle! — dariam já as producções que n'aquella formosa *Folha* de Coimbra, e em varios periodicos de Lisboa tem apparecido depois com o nome do inspirado moço.

A tradicção academica falla de Crespo como de um heroe das ceias e dos *cavacos* de rapazes,

<sup>1</sup> *Miniaturas*, por Antonio Candido Gonçalves Crespo, natural do Rio de Janeiro. — Coimbra. — Impr. da universidade, 1871.



d'aquellas saudosas ceias que são um pretexto para aquelles saudosos cavacos, que são um pullular, um effeverescer de vida, de paixões generosas, de candidos enthusiasmos, de aspirações, de esperanças, de convicções profundas, boas, luminosas, de mocidade, emfim.

Que bons tempos e que boas palestras ! Estou-me a lembrar das duas ultimas vezes em que eu gozei isto. Eramos uns quinze. Bifurcámos-nos n'uns pobres sendeiros da Outra Banda, em que o pincel de Landseer encontraria uma *Odyssea* de tristuras, de resignação e de magresas ; mettemos nos por aquelles pinhaes dentro ; corremos, gritámos, cahimos, cantámos o *Rei de Thule*, com a musica dolente do Fado ; mettemos a *Maria da Fonte* na *Marselhesa* ; discutiamos a Fauna primitiva diante de um feto ; gargalhavamos o *Caçador feroz*, de Burger, a proposito dos desastres hippicos de um companheiro ; estimulavamos os burricos com o hymno latino-asinal da edade-média ; fallavamos da analyse expectral a respeito de um raio de sol que cortava as sombras frescas ; propunhamos problemas pantheisticos ás estevas roceadas ; perguntavamos ás profundezas sombrias se Pan se escondera por lá com medo do regedor e das casas de correcção, e ás lymphas que cobrejavam pelo matagal se tinham tido o gosto de abraçar as fórmas vigorosas de Artemis por cima da camisola de banho, por causa da decencia d'este seculo de Offenback...

Depois á sombra de umas arvores de largas françarias, n'umas terras empinadas sobre o Tejo, com o panorama de Lisboa desenrolado em frente,

abrimos os alforjes, estendemos uns comeres simples e bons, procedemos á formação de um *menú* de phantasia que os jornaes transcreveram como coisa espantosa, e com uma agua fresca e pura, com uns vinhos modestos e leaes a que chamavamos nectar, n'umas bilhas de barro que denominavamos amphoras, entrámos no banquete olympico com que festejavamos a Primavera insultada pelos poetas da Baixa e os estomagos offendidos pela cosinha francelha. Foi uma festa pagã: — d'este paganismo eterno e luminoso da Natureza, da Idéa, da Liberdade, da Consciencia, da Vida Universal, de tudo o que é grande, e jocundo e bello.

Erguia-se um de taça em punho e dizia: A «Deméter, a eterna mãe!» e a saudação pantheistica estrugia por aquelles arvoredos e cearas.

Outro bradava:

«Ao Sol, eterna vida!» e Tyndall se alli estivesse ensurdecêra com aquelle enthusiasmo de cerebros illustrados e moços.

Outro saudava a «Idéa», outro a «Liberdade», outro «as Mães» etc.

E d'alli a pouco eramos todos homens sérios, pacatos, atarefados com negocios, mourejando prosaicamente, um: — aquelle esplendido talento de Sousa Martins no seu officio de medico, outro, — aquelle fino espirito de Miguel Ferraz, nas partidas dobradas de um escriptorio qualquer, — outro, o Goes Pinto, aquelle intelligente dilletanti da Musica e do Bello, na escripturação do rancho regimental; — eu na politica da terra e na questão dos caminhos americanos, etc.

E a este tempo talvez algum poetastro domin-

guciro se levantasse da cama com os maus sabores das noites inquietas e se pozesse a despejar injurias sobre os rapazes que estudam, que pensam, que trabalham e que mal podem uma ou outra vez espairer as amarguras da vida n'estas pobres e boas folganças.

A outra vez foi quando festejámos a nomeação d'aquelle excellente Affonso Pequito para professor de umas coisas aridas e tristes, — escripturação e contabilidade commercial: sentavam-se á mesa Antonio Ennes, Gomes Leal, Julio Machado, Madeira Pinto, Gervasio Lobato, etc. Foi um cavaco immenso, variegado, soberbo.

É d'isto que nos falta aqui e que uns bons rapazes de Coimbra sabem gozar por aquelles formosissimos campos do Mondego.

Segundo a tradicção, Gonçalves Crespo é d'estes rapazes: imaginação scintillante, estomago valente, intelligencia vigorosa e culta, consciencia honesta, palavra afinada pela ironia de Heine, que elle sabe traduzir como poucos, com uns toques da serenidade encantadora de Novallis, que elle faz lembrar ás vezes: — fallam-me todos de Gonçalves Crespo com uma estima profunda e com uma sincera admiração. Eu d'elle só conheço as poesias. Muitas vezes conversámos d'ellas n'aquelle vetusto escriptorio da *Revolução*, Gomes Leal e eu, com a boa curiosidade de homens que andam a sondar esta litteratura lethargiada da nossa terra á espera de lhe descobrir signaes de regeneração nos estremecimentos e somnolencias da enfermidade.

Aqui tenho o livro.

Eu não sei se algum dos taes folhetinistas de que

fallo atraz, se dignou já brindar com o titulo de «mancebo de esperanças», este moço. Seria para notar, porque elles ás vezes reservam a tolice para o terceiro ou quarto volume quando o auctor não é compadre, que se o é, recebe logo ao deitar a cabeça fóra do seu gabinetesinho de trabalho, a corôa e o diploma de *genio*. Mas a verdade é que n'este livro temos não um moço de esperanças, mas um verdadeiro poeta, um poeta consummado, como se costuma dizer, de character litterario perfeitamente acentuado, destacando-se distinctamente no fundo confuso da poesia portugueza contemporanea. De certo elle não tem logar, pelo simples facto de que nunca o terá, — salvo uma inversão que será uma decadencia na sua individualidade litteraria, — em meio das reputações de um certo grupo que não chega a ser uma escola certa mas que entre nós representa ainda uma litteratura predominante, uma como que Litteratura do Estado, velha peralvilha e aristocrata que não consegue esconder as rugas da face e o amollecimento do cerebro, ainda quando se applica ingredientes e se veste de trajes da arte nova.

Na Idéa, como na Fórma, Crespo, como Guerra Junqueiro, como Guilherme de Azevedo, como Gomes Leal, como uns poucos de moços poetas, representam na Litteratura Portugueza de hoje uma evolução artistica já adiantada lá fóra, ligada estreitamente, lá fóra tambem, a um movimento anterior muito conhecido, mas movimento que entre nós estacou e se extingue lentamente depois de Garrett e de Herculano, á mingoa da vida social, de vida, de idéas, se póde dizer-se assim, e á

mingoa ainda de cerebros vigorosos, cultos, pensadores que o continuassem e dirigissem.

\*  
\* \*

Heine parece ser o poeta dilecto de Gonçalves Crespo, mas o humourismo fino, acerado, tantas vezes cruel, do «Allemão de Paris,» passando por aquella alma virgem das grandes coleras e das grandes tempestades, longe de a arrefecer e entorpecer, como acontece a tantos, dilue-se suavemente no sensualismo mystico, insaciavel, *idealista* por assim dizer, do poeta brasileiro, e perde-se ás vezes na elegia dórida e franca dos corações não machucados ainda nos turbilhões das realidades más.

Homem do seu tempo elle tem os anceios, as impulsões febris, as indefinidas nostalgias da alma contemporanea. Se atira comsigo á «volupia que mata,» ao «goso que adormenta,» se no seio de «uma maravilha de carne» que

... fustiga em lava, asperrimo desejo...

se aos «beijos febris e humidos» de uma Lesbia ardente, sente

... que se esvae a noite porcellosa

e adormece

Como em plácido leito a onda perguiçosa,  
logo:

Depois ás horas quando a curva mais se acalma  
Do seio turbulento, e o mar da longa trança  
Pouco e pouco se espraia... e placido descança,  
Não sei que dôr levanta os seios de minh'alma.

Que importa que eu enxugue ao fogo de teus beijos  
 O pranto, que me orvalha a palpebra sombria?  
*Se vejo o ideal* que tanto resplendia,  
 Perder-se pela altura em tremulos adejos

Se contempla o rosario que mão piedosa de mãe  
 lhe metteu na malla, quando soou a hora do aparta-  
 tamento, elle vê,

... o poema legendario  
 Dos velhos tempos...

e escuta

... indefinido harpejo  
 E então a crença, a mystica toada  
 Murmura dentro em mim.

E vae procurando saciar aquella alma irriquieta e insaciavel de artista, — *satiari artis cupiditate non quid*, como dizia Plinio, — umas vezes na taça anakreontica d'uma esthetica sensual, outras na doce e amarga concentração de umas saudades boas, — gosto amargo, delicioso pungir, — como lhe chama o Garret; ás vezes nas fantasias multicores que como que se enovelám nas espiraes de fumo do cachimbo amigo, e vão-se e esvaem-se n'aquellas confusas alvuras que os olhos seguem com uma tenacidade inconsciente; — algumas vezes n'aquella eterna comedia dos contrastes da vida, que só a olhos previligados se desenrola em toda a sua opulencia de ridiculo e de absurdo.

Com que febril entusiasmo, com que sensual ardor diz elle áquella Lesbia contemporanea, que se chama... um nome que tem alguma coisa de fatidicamente sensual: — Sara

Não cantarei o sol, a terra e os largos mares,  
 E o bosque murmurante e os ninhos das ramadas:

.....  
 Sómente cantarei o teu olhar divino  
 E esse collo, moldado em candido alabastro,  
 Onde ás vezes desmaio, e aonde te desnastro  
 Em delirios febris as comas de oiro fino.  
 Teu corpo cantarei, a esplendida esculptura  
 O livro onde aprendi a lêr quantas delicias  
 Nos chovem da mulher nas tremulas caricias...

.....  
 Teus labios cantarei, abençoado porto  
 Onde vae soluçar a vaga de meus beijos  
 Lyra que se desata em tímidos harpejos  
 Quando me pende a fronte em lasso desconforto.  
 Se em teus braços me inclino, eu sinto que me afundo  
 N'um abysmo de seda e plumas perfumadas,  
 E exulto, e choro e canto ; e ás roseas alvoradas  
 Ergue o vôo minha alma em extasis profundo.  
 Tu és a Fornarina : e eu n'esses olhos leio  
 A luz que cega e mata .. embora ! venham rosas !  
 Quero cingir a fronte, e em noites amorosas  
 Como Sanzio morrer nas ondas do teu seio.

Mas logo se revolta, mais compungida do que  
 colerica, contra esta plastica opulenta e muda, a  
 alma honesta, delicada, boa do poeta.

Deslumbra na brancura  
 Teu corpo, e cega a vista ;  
 Mas ver-te assim... contrista !  
 Tão bella, e tão impura !

.....  
 Phrinea, tu não choras,  
 Nem tremes, nem descoras,  
 És marmore, mulher !

E comtudo elle cuida ainda advinhar n'aquella  
 «maravilha de carne» alguma coisa que lhe farte  
 a sede do Ideal

Ha um mixto de azul e trevas agitadas  
 N'esse felino olhar de lubrica bacchante.  
 Quando lhe cae aos pés a roupa fluctuante  
 Contemplo, mudo e absorto, as fórmias recatadas.

.....  
 Fascina, mas sua alma é lodo, onde não pouosa  
 Um raio d'essa aurora, o amor, sublime cousa!  
 Raio de luz perdido em tormentoso mar!

Debalde mergulha a alma anceada n'aquelle  
 seio encantador

Eu quero desvendar este mysterio:  
 Se alguma cousa em ti de vago e ethereo  
 Existe meio occulto na penumbra...  
 Quero sentir, palpar a realidade;  
 Mas ante o brilho augusto da verdade  
 A luz do meu amor todo se obumbra.

E vem então o lamento profundo, desalentado

Sara, quando me vês suave e brando,  
 Repellir os teus beijos amorosos  
 Talvez julgues, mulher, ir declinando  
 O alegre sol dos dias teus formosos.

Como te enganas flôr! choro pensando  
 Que foste irmã dos lyrios setinosos...

.....  
 Escuta, em quanto dormes, impudente,  
 Talvez n'alguma estrella resplendente  
 Chore tua alma triste e arrependida.  
 .....

E depois finalmente o desespero quasi o esmi-  
 galhar, o amarrotar raivoso d'esta visão mimosa e  
 terrivel a um tempo.

É um poemeto soberbo este da Sara.

Ha nas opulentas nudezas da velha plastica al-



guma coisa que não deixa aos «labios rivaes da rosa» — *emula labra rosis*, — ás voluptuosas ondulações do corpo, ás attitudes perigosas das Aphrodites, servirem de estímulo e de pasto, revolucionarem e incendiarem as brutezas da lascivia: é uma suave magestade, o quer que seja de grande e elevado, de ethereo, a *venusidade*, a graça olympica, talvez o que extasiava Winckelmann ante a Apollo de Belvedere, o que faz exclamar ante a Venus de Milo, — «*Vera incessu patuit Dea*,» — emfim a superior revelação da dignidade da Arte.

Não acontece geralmente isto nas creações contemporaneas: todos nós sabemos como n'esta época de funda e larga transicção, de larga e funda corrupção tambem e por isso mesmo, a Arte se abraça descaradamente com a Aphrodisia devassa, a ponto de se confundir com ella; como em vez de a evitar, a busca, a explora, a mercadeja por toda a parte, no Theatro, no Livro, na Poesia, na Pintura; — no palco a quem o burguez paga para que lhe descare as filhas e faça rir boçalmente a elle, como no romance que o fidaigote compra para que a mulher se avalente no impudor e desça alegremente os cyclos lodosos da devassidão... galante, da devassidão... da moda e do bom tom.

É porém no arriscar-se a estes perigos, em atravessar-os sem deixar maculada a dignidade da Arte, a dignidade d'elle proprio, que Gonçalves Crespo demonstra exuberantemente o seu verdadeiro e honesto senso artistico. Nos seus quadros mais difficeis, n'aquelles vultos de mulheres nuas de corpo e de alma, ou deixando advinhar os contornos voluptuosos de um e as profundezas alluci-

nadoras da outra atravez as gazes mais brandas e indiscretas, n'aquella plastica sensual, viva, fascinante, ha como que uma *venusidade* graciosa, delicada, uma suavidade austera se póde dizer-se assim, um mixto de tristeza, de pungimento, de elevação, de honestidade que nos faz sorrir sem malicia, meditar sem impureza e lamentar sem hypocrisia.

Este vulto radiante e sombrio :

*...mixto de azul e trevas agitadas...*

o vulto ou a visão d'aquella Sara fatidica como que persegue o poeta com uma tenacidade a um tempo irritada e amorosa. Sara é nome. N'outra occasião o nome é Esther «a mulher que ria:»

Seu rosto tinha a doce transparencia  
Das louças do Japão : era judia.

.....  
*Mixto de sombra e luz : ás vezes pura*  
Como aerea visão.....

Outras vezes, estranha creatura !  
Era a pagan que entre meus braços ria :

E ria sempre :

Uma vez n'uma ceia deslumbrante  
Entre o ruidoso estrepito da orgia,  
Nos braços desmaiou d'um estudante  
Depois, deixou-me só... cantava e ria.

Que saudades eu tive ! em meu caminho  
Vi-a hontem passar triste e sombria  
Solta na espadua a trança em desalinho :  
Era a sombra de Esther, pois já não ria.

Outra vez não tem nome ; duas iniciaes apenas

N. H. Não é a Julieta nem a Ophelia, diz o poeta :

És a estatua de marmore de rosa  
Galateia acordando voluptuosa  
Do grego artista ao fogo de mil beijos...  
És a languida Julia, que desmaia,  
És Haydea nos concavos da praia :  
Fosse eu o Dom João dos teus desejos ;

Se folhea Musset, o moço poeta vê desenhar-se  
n'aquellas paginas tão irmãs das suas, por vezes,  
a visão fatal :

Oh sim ! és bella ainda ! a mesma pallidez  
Enubla-te de leve o rosto de açucenas ;  
Teu corpo ainda conserva a doce languidez  
Das bellas Madrilenas.

Teus olhos tem a luz, a mesma luz que outr'ora  
A vida me tornou em floreo paraizo ;  
O mesmo aroma tem a trança côr de amora  
Teu labio o mesmo riso...

Mas quando te oiço a falla, esvae-se o meu encanto,  
O sonho se aniquilla e attonito estremeço !  
Minh'alma, doido amor ! se alaga em triste pranto ;  
Mulher não te conheço !...

.....  
Diz-me : se eu perguntasse um dia o que fizeste  
Das santas illusões das minhas primaveras..  
.....

E escreve sobre estas estrophes um triste *Never-more*, como podéra escrever talvez com mais  
rasão aquellas palavras entre doidas e doces, do  
Dante :

Amor ch'a nullo amato amar perdona  
Mi presce di costei piacer si forte,  
Che come vedi ancor non m'abbandona.

É porventura a mesma visão teimosa que toma uma forma viva e lubrica n'aquella *Nera* do poeta, talvez como a historica Lycisca, *lassata viris sed non satiata* . . .

Murmura do clepsydro as aguas. No entanto  
Nera seu corpo estira em flaccido quebranto.

Abre, — felino geito ! os labios côr de rosa,  
Como em busca d'um beijo, a dama voluptuosa,

Sonha ! julga sentir no rosto de açucena  
Os beijos de Bactylo, o gladeador da arena.

.....  
Ergue o corpo de neve a linda Galateia,  
«Ao Circo !» e em seu olhar sorri ignota idéa . . .

Não se cuide porém que Gonçalves Crespo,  
como a Mimi de Musset, que

...n'a qu'une robe,

tem apenas um thema, este thema das «maravilhas de carne,» fascinantes, ardentes, lubricas, e . . . occas. Se em vez de um jornadaear aventureiro de *tourist* estivéssemos fazendo um estudo exclusivo e largo de mais altas pretensões, nós faríamos sentir como talvez sem que o poeta o suspeitasse e seguramente sem que elle o premeditasse, as estrophes valentes, as vigorosas creações que temos indicado teem no fundo um certo sentido critico, uma significação esthetica mais vasta do que a de simples individualisações ou phantasias do sentir particular do auctor. N'aquelle de-sequilibrio, n'aquelle incompleto, n'aquellas terri-veis lacunas que o poeta encontra nas mulheres que retrata, ha alguma coisa de caracteristica-

mente contemporaneo, como a *mulher bonita* de que falla Proudhon, uma cousa *essentiellement dix neuvième siècle*, ou antes essencialmente das sociedades caducas «a *mulher bonita*, cujo reinado é contemporaneo do dos banqueiros capitalistas, dos burguezes millionarios, do feudalismo mercantil e industrial, do regimen constitucional e da philosophica.»

«Rainha dos bailes — continúa Proudhon — dos banhos, das sociedades, dos espectaculos, dos concertos e das festas, é á claridade das vellas, dos lustres, das illuminações, dos fogos d'artificio, que a *mulher bonita*, resplandece em toda a sua belleza e que captiva os corações dos principes, dos militares e dos burguezes; é lá que faz a conquista de um marido, preludio, tantas vezes, de tantas outras conquistas.»

Debalde o poeta lhe procura dar as fórmulas esculpturaes das Kipris, supprimindo-lhe as anquinhas e os espartilhos, debalde esquece as *Cage-lamballe*, nos mais ardentes enthusiasmos pela plastica d'um sensualismo elevado, idealista, artistico; a *mulher bonita*, a mulher da moda, a mulher dos satyros burguezes e fidalgotes, subsiste com todo um immenso vazio no logar do coração, com todo o enfranquecimento do cerebro, com toda a mobilia dos figurinos, dos romances torpes, e do espirito futil dos salões, e o pobre do poeta

... ante o brilho augusto da verdade

vê

... o ideal que tanto resplandia

Perder-se pela altura em tremulos adejos !

Podemos dizer como se diz no «Caçador Feroz» de Burger.

«Muitos poderiam fazer d'estas coisas terriveis narrações se ousassem abrir a bocca sobre simillhantes mysterios.»

Mas ponhamos isto de parte.

A estes quadros de um colorido ardente, ousado, perigoso, oppõem se outros d'uma suavidade, d'uma castidade, — deixem dizer assim, — d'uma singelesa ingenua e delicadissima, — commovida e profundamente pathetica como as elegias de João de Deus. Aquella voluptuosa Sara oppõe-se uma Modesta mimosa e pura. E foi a proposito d'esta que nos lembrámos de João de Deus, como que ouvindo atravez as estrophes pequeninas e tristes do poeta brasileiro, os suspiros e soluços da *Marina* e da *Heresta*, e da *Vida*, das intimas e estremecidas *canzioni* do nosso primeiro lyrico contemporaneo.

«Modesta» é uma formosa elegia.

Oh sonho meu desfeito !

Voaste-me creança !

Deus sabe se te amei !

Uma encantadora poesia de Crespo, uma d'aquellas de mais communicativa commoção é a que elle intitula «Alguem.»

Um dia, Eduardo Moerike, no meio das suas opulentas e extravagantes fantasias, das suas perfidas *nixes*, dos seus minaretes diaphanos, das suas escadarias de coral, dos seus palacios marinos, exclama :

«Como! de tantas poesias nenhuma que te seja

destinada, oh minha mãe! Para te cantar, crê-me, sou muito pobre ou talvez muito rico porque tu só no meu peito és todo um poema encantado:

*Ein noch Ungesungenes Lied ruhst du mir im Bunsen.*

Assim também Gonçalves Crespo, tem no meio das visões e das fantasias allucinadoras, dos risos e das tristezas, dos desesperos e dos entusiasmos da sua elaboração artistica e até da sua existencia real de rapaz independente uma visão suavemente encantadora, cheia d'uma consoladora graça e d'um amor fundo, e vero e bom que é todo um poema também:

Para alguém sou o lyrio entre os abrolhos  
E tenho as fórmulas ideaes do Christo;  
Para alguém sou a vida e a luz dos olhos  
E se na terra existe, é porque existo,

.....

Não és tu, anjo meu idolatrado!  
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

.....

Quando alta noite me reclino e deito  
Melancholico, triste, fatigado  
Esse alguém abre as azas no meu leito  
E o meu sonho desliza perfumado

.....

*És tu, doce velhinha, oh minha mãe!*

Esta corda vibra sempre nas almas boas e impolutas.

É tempo porém de fallarmos d'uma outra phase do talento artistico de Crespo. Gonçalves Crespo é brasileiro. Elle não troca, porém, o *e* em *i*, não antepõe certas particulas a certas palavras, nem vicia emfim a contextura natural, tradicional e ra-

cional da lingua portugueza, como uns certos compatriotas seus, aliás bons talentos alguns, que se propõem a *desnaturalisar* o portuguez para constituir o *brasileiro* conseguindo sómente provar que não sabem a *sua* lingua que é a *nossa*, e que não comprehendem o que seja uma nação, uma lingua e uma litteratura.

São grandes demais estas coisas para que possam caber e transformar-se no cadinho d'um patriotismo estreito ou insciente. Não se faz uma lingua nacional como se talha um manto cesareo prescindindo do Cesar, nem se cria uma litteratura com a mesma facilidade com que se substitue a signa das quinas pela signa verde amarella nas muralhas erguidas pelos nossos antepassados. Não se revoluci na a ethnographia com o estribilho guerreiro: «*Independencia ou morte*» nem se impõe a Carta da autonomia politica á tradicção litteraria e á herança philologica dos grupos sociaes. Se querem a independencia da lingua retrogradem um pouco, entreguem o Brasil ás tribus indigenas e nacionalisem-se tobajaras, e tapyas, depois.

Esta tendencia de nacionalisação forçada, systematica e no fundo falsa e absurda da Lingua, da Arte, do Commercio, de tudo, é realmente pueril.

A Lingua como a Litteratura teem leis naturaes, positivas, fataes. Modificam-se, alteram-se, transformam-se até; producções da elaboração complexa e simultanea do meio natural, do meio historico, dos elementos fornecidos pela tradição e pela evolução na collectividade e no individuo, na vida organica e na vida psychica, espelham, reflectem ou assimilam esta elaboração, e d'ella recebem as leis



de desenvolvimento e a modolidade da afirmação propria.

Não são creações d'uma vontade individual, nem se movem submissamente á voz d'um systema ou d'uma escola e menos ainda d'um sentimento politico. O Brasil é uma formação moderna e politica, — um Estado, — que tem uma razão de ser e de desenvolvimento, natural; mas formação politica de variados elementos ethnographicos, entre os quaes predomina pela propria natureza das cousas o elemento portuguez. E quando fallo do elemento portuguez não me refiro sómente a colonisação politicamente portugueza, mas a toda a população politicamente brasileira.

Sobre o elemento portuguez e não sobre um elemento indigena assentou esta formação politica chamada Brazil: os brasileiros são simplesmente portuguezes politicamente independentes de Portugal, na sua immensa maioria. As ligações sociaes com o elemento indigena, se existem são em pequenisimo numero. Aquelle elemento desapparece alli dia a dia perante a invasão crescente da civilisação portugueza americana como na America do Sul perante a civilisação anglo-americana. Que a formação politica vá tomando as proporções d'uma formação ethnographica, como o anglo-saxão vae dando o *yankee*, do dizer de profundos ethnographistas, — facto perfeitamente natural e tanto que para elle contribue notavelmente o meio natural d'aquelles grupos politicos, — é coisa que não contesto nem discuto agora. Isto porém em nada altera a questão que se reduz a que uma lingua nacional implica a existencia d'uma naciona-

lidade; a que uma nacionalidade não é meramente um Estado ou formação politica, e tanto que pode subsistir e subsiste, — a Polonia, a Hungria, a Irlanda, a Biscaia são exemplos, — sem esta qualidade; e finalmente a que não só uma lingua e uma litteratura não póde ser uma convenção patriótica, mas é um patriotismo estreito, insciente e insignificante o que renega a propria lingua que falla e se propõe a crear outra — como se uma lingua fosse uma producção artificial, — pela viciação d'aquella mesma lingua. O patriotismo que fica muito contente consigo proprio porque diz e escreve *si* em vez de *se* é simplesmente um patriotismo que não conhece a sua lingua. Nem é patriotismo é barbarismo.

É porventura menos livre e menos respeitavel a Suissa porque falla o francez, o allemão ou o italiano, e não tem uma lingua nacional, e não é positivamente uma nacionalidade? E a Belgica, e os Estados Unidos e tantos outros Estados? Agora a feição peculiar da litteratura de um povo, essa sim, não é um artificio, uma convenção, um systema: salta, sente-se, accentua-se mais ou menos; é uma resultante natural, expontanea; é um facto positivo, uma característica fatal.

E não só pode apontar-se essa feição, esse tom predominante, se pode dizer-se assim, no seio do grupo *nacionalidade*, como nos outros maiores ou menores, mais ou menos definidos, que constituem a Humanidade desde a Raça até ao Estado, desde a Nação até á Familia. E o que acontece no grupo dá-se no individuo. É a synthese real das variedissimas e peculiares influencias que concorrem na

formação dos espiritos e das obras artisticas. Porventura está n'isto o facto complexo e confuso da *originalidade*. Assim por exemplo, a Alvares de Azevedo se costuma chamar o Musset *brazileiro*. N'este *brazileiro* está o cunho especial, natural, climatologico, nativo, que sobresaie á influencia e á imitação da elegia e do humourismo especial, do poeta *francez*.

Assim eu, sentindo em Gonçalves Crespo a influencia de Heine, não deixei de vêr o colorido especial que as condições e os elementos da elaboração artistica impunham aos productos d'esta.

É folhear ao acaso o livro. Para traz ficam muitas provas do que digo. Mas encontramos agora a poesia: *Na Roça*. Vêde de quanta côr local a embebeu a saudade.

Cercada de mestiças, no terreiro  
 •Scisma a Senhora Moça ; vem descendo  
 A noite.....  
 .....  
 Brilham insectos no capim rasteiro  
 Vem das mattas os negros recolhendo ;  
 Na longa estrada echôa esmorecendo  
 O monotono canto d'um toupeiro  
 Atraz das grandes, pardas borbolhetas  
 Creanças nuas lá se vão inquietas  
 Na varanda correndo, ladrilhada  
 Desponta a lua : o sabiá gorgeia  
 Em quanto ás portas do curral ondea  
 A mugidoura fila da boiada...

Ha aqui em quatro traços uma formosa paysagem Sul-Americana: aquellas estrophes parecem rescender uma saudade, uma *sympathia* vaga, suave, indirecta.

Como diz Laprade, o poeta dos *Idyllics heroicos*: uma paisagem é uma symphonia.

Veremos a symphonia animar-se, alargar-se, definir-se mais n'outras composições. A «Canção» por exemplo, é um esboço vivo, rapido d'um episodio galante da Roça:

Mostraram-me um dia na roça dançando  
Mestiça formosa de olhar asougado,  
Co'um lenço de côres no seio cruzado  
Nos lóbos da orelha pingente de prata

Que viva mulata

Por ella o feitor

Diziam que andava perdida de amores

.....  
Um pobre mascate que em noites de lua  
Cantava modinhas, londuns magoados  
Amando a faceira dos olhos rasgados,  
Ousou confessar-lh'o com voz timorata...

.....  
Um dia encontraram na escura senzalla  
O catre da bella macumba vazio,  
Embalde recortam pirogas o rio

.....  
Fugira a mulata

Por quem o feitor

Se foi definhando, perdido de amor

E aqui está como a côr local, se póde dizer-se assim, apparece sem a prevenção systematica nem o artificio de um vocabulario e d'uma contextura cuidadosamente explorada. Isto é expontaneo e simples

Ao *Meio dia* parece a principio ser um quadro innocente, fantasioso sem intenção critica, um primoroso brinquedo, mas de repente salta uma moralidade profunda d'aquellas estrophes ligeiras e

galantes e achamo-nos face a face com uns pensamentos muito graves e com uns factos muito sombrios.

No cafetal cerrado  
 O silencio é completo: o Engenho dorme.  
     Do matto denso e enorme  
 Sae o vago susurro dos cortiços;  
 .....  
 O fumo das cosinhas da Fazenda  
     Penacho vacillante  
 Recorta em focos de ligeira renda  
     O ar sereno em seu azul distante,  
     Na torre avermelhada  
 Chama a sineta ao sordido repasto.  
 Dos escravos a turba afadigada,  
     Repleta de alegria  
 Sob um toldo no pateo immenso...  
     Descança do labor do extenso dia

O feitor adormecido na rede sonha que o Fazendeiro lhe diz que se sente velho e enfermo e que vendo-o a elle honrado e valente,

E pobre como eu fui..

lhe quer dar a filha por esposa para que seja amparo a esta quando elle morrer.

E o feitor via, doce e carinhosa  
     A pallida Sinhá  
     No labio um riso honesto  
 A desfolhar com peregrino gesto  
     Um roxo manacá.

Os negros dançam ao som «de rispida harmonia», ou seguem com olhar idiota o voar dos maribondos, ou armam ás capiváras ou vão concertando os cestos de taquaras.

N'um grupo separado  
 Os crias da Fazenda  
 Em doce enlevo escutam  
 Um franzino mestiço afortunado  
 Que relata baixinho o caso estranho  
 De ter visto a Sinhá tomando banho.

.....  
 Da sala da costura na janella  
 Que a verde trepadeira  
 De cachos mil estrélla  
 Passa ás vezes o rosto cobreado  
 Uma lasciva, parda feiticeira.

Um rancho de negritos  
 Lusidios e nus,  
 Enchendo o ar de estrepitantes gritos  
 O pateo crusam rapidos, montados  
 Em varas de bambús.

.....  
 Folgam de vel-os os saguys ligeiros;  
 E as araras formosas  
 Os rubros olhos com temor piscando...

.....  
 De velhos negros n'uma vasta roda  
 Um cabinda gracioso

.....  
 Vae maneando o corpo.....  
 E a voz minhota do feitor imita.

Não é um verdadeiro quadro, isto? O feitor sonha ainda, mas agora o que elle vê em sonho é os campos por onde correu em rapaz, a torresinha velha, a tosca escadaria da igreja da sua aldeia, e a alegre casinha onde nasceu, e as moças do lugar que o festejam.

- «Oh Margarida! oh Rosa! e tu Maria!...  
 E o triste a soluçar  
 — «Onde está minha mãe?» eil-a que passa  
 «Tão mudada e abatida!...»

Mas de subito toda esta visão encantadora do pobre emigrado se desfaz e desaparece;

..... um grito solemne e imperioso  
 Veiu quebrar o sonho venturoso  
*Era o senhor do Engenho.*

Como que uma tinta negra se entornou e alastrou repentinamente sobre o quadro. Aquelle senhor do Engenho é uma especie de Fatum. No fundo d'este quadro vivo e brilhante, d'esta pinturasinha brincada como um marfim chinez, — e d'esta como de outras, — sente-se toda uma philosophia revolucionaria: aquelles ultimos versos são um relampago.

Alli o vulto sombrio do *senhor* quebra o encanto do sonho, do repouso, da alegria inconsciente, infantil: na poesia *A sexta*, é um vulto delicado, roseo, seductor, que assume as proporções de uma synthese desoladora.

Na rede que um negro moroso balança  
 Qual berço de espumas  
 Formosa creoula repousa e dormita  
 Em quanto a macamba nos ares agita  
 Um leque de plumas

.....  
 A rede que os ares em torno perfuma  
 De vivos aromas

De subito pára, que o negro indolente  
 Espreita lascivo da bella dormente  
 As tumidas pômas.

Ella suspira e sorri, murmurando em sonhos, talvez as trovas saudosas choradas pelo colono nas morbidas noites do Cruseiro, e

Ao longe nos bosques escuros, cerrados,  
 De negros captivos os cantos magoados  
 Soluçam no ar.

Que se cale porém o importuno lamento; que o escravo desprezível afogue no peito vergado ao chicote do senhor o desejo sensual e a ambição de ser homem; que a mestiça, — outro automato, — acene impassível o leque,

O vento que passe tranquillo, de leve,  
 Nas folhas do engá,  
 As aves que abafem seu canto sentido  
 As rodas do Engenho não façam ruido  
 Que dorme a Sinhá!

Cuidado: aquella creança gentilissima póde despertar dos seus sonhos deliciosos, e traduzir o despeito pelo azorrague como qualquer velha dona romana. O escravo é escravo: despedaça-se n'um momento de colera como outra cousa qualquer.

A Sinhá franzina póde acordar Panthera, e pedir ao sangue e aos gritos dolorosos do miseravel a volupia que lhe roubaram com o sonho.

A Sinhá é uma creança, mas as creanças teem crueldades inconscientes; a consciencia d'esta reduz-se a que o seu menor capricho é uma lei e o escravo uma cousa desprezível. É a consciencia do pae: do Senhor do Engenho. Tem culpa d'isto? Não: fizeram-n'a assim. É uma cousa medonha a escravidão; uma terrivel peste que contagia os que a soffrem e os que a exploram, as victimas e os Senhores: ulcera as consciencias como retalha os corpos; gangrena o senso moral como trucidada as carnes. Liwingstone escrevia ao proprietario do *New York Herald*:

«Eu consigo ordinariamente com o auxilio do tempo, esquecer as cousas desagradaveis, mas não me acontece o mesmo com as scenas da Escravi-



dão; representam-se-me de subito no espirito apesar de todos os esforços da minha vontade e algumas vezes desperto no meio da noite, e cheio de horror vejo-as desfilar por diante dos olhos em toda a sua terrivel realidade.» E fazia notar eloquentemente a profunda viciação moral que aquella instituição, ou antes aquella exploração infame produzia nas populações mais naturalmente propensas á Civilisação.

É possível que seja uma preocupação particular, mas parece-me que atravez da mimosa poesia de Crespo, d'aquelle brincado quadrinho, se sente revolver aquelle mundo sombrio, lugubre, monstruoso da Escravidão; se percebe uma profunda intenção moral. N'esta como n'outras poesias, na anterior por exemplo. E melhor é que não me engane.

«Honni soit, — diz V. Courdaveaux, se bem me lembro <sup>1</sup>, — honni soit tout ce qui reluit et tout ce qui brille, tandis qu'il n'y a rien au fond; tout ce qui remplace l'émotion morale par l'impression physique, tout ce qui veut surprendre par l'étrange et par le bizarre, au lieu de toucher par le naturel et par le vrai!»

Ora uma outra composição, — a ultima d'este livro, —

Era a voz de Jesus benigna e tão suave  
 Como um perdão de mãe ou como um trino d'ave...  
 como quasi todas as que tenho citado, denuncia  
 que o poeta é um observador e um pensador tam-

<sup>1</sup> Cito de memoria sobre uma nota incompleta tomada á pressa e ha tempos, creio que d'um livro: *Du beau dans la nature et dans l'art.*

bem ; que a inspiração artistica se alimenta d'uma observação psychologica e social e de uma intencionalidade critica a que não falta elevação, delicadeza e originalidade.

É um formoso vulto aquelle do Christo que Gonçalves Crespo talha no racionalismo poetico de Renan.

Elle chamava a si com fallas de esperanças,  
O simples, o afflicto e as timidias creanças

E fallava do ceu, das coisas transparentes  
E de um culto ideal, ás almas innocentes

.....  
Ouviu-se então no povo em extasis embebido  
Um grito suffocado, um choro dolorido

Jesus baixara a vista, affavel e serena  
«Feliz,» disse «o que chora, oh doce Magdalena!»

E ella.....  
Sentindo aquelle olhar.....  
Nas tranças occultou a espadua semi-nua...

É um traço magnifico este ultimo. Este movimento subitaneo de pudor, na mundanaria, ao olhar profundo e bom do Nazareno, é relampago d'uma alma profundamente e verdadeiramente artistica.

Da fórma em que Gonçalves Crespo vasa a sua inspiração opulenta, já para traz ficam muitos e bons exemplos. É vulgar ouvir-se por ahi fallar desdenhosamente da fórma, do estylo, da plastica litteraria, uns sujeitos que — salvas algumas excepções — por uma coincidencia curiosa mas significativa escrevem deploravelmente.

A elegancia, o relevo, a energia, a harmonia, a

naturalidade, a belleza emfim da Linguagem, é uma coisa futil, insignificante, desprezível para elles.

Fatal aberração!

A Linguagem deve ser a fidelissima interprete da Idéa; alguma coisa como a propria realisação plastica d'ella. O Estylo é a revelação positiva do modo de ser e do modo de elaborar, intellectual. Explorar a Linguagem dispensando a Idéa, architectar o Estylo fóra da elaboração psychica é perfeitamente o caso do pedante Wagner que pretendia crear o Homem dispensando a Mulher: *ex-contrario* e *ex-abrupto*. Nós temos cá muitos Wagners que fazem da declamação um systema e até um modo de vida.

Mas os extremos tocam-se diz o Povo: a inversão absoluta d'isto; o desprezo da Fóрма; a pretendida adoração da Idéa, que começa por não rezeir rebaixal-a, vexal-a, vicial-a n'uma interpretação descurada, tosca, baixa, em vez de se esforçar por vasal-a sempre em molde onde ella caiba á larga e condignamente; o desdem systematico pela grande arte da Palavra, a que melhor traduz, a que melhor representa, a que melhor assimilha, o Pensamento: — tem tanto de absurdo como de ridiculo, e denuncia por si proprio e contra si proprio, nas suas manifestações, a deficiencia, a debilidade, a desharmonia da elaboração intellectual.

Se a Fóрма não acompanhou a Idéa, se não a traduziu fielmente, se a não deu em toda a sua belleza e verdade, se não está em harmonia com ella, se a vestiu de andrajos repellentes, se a apresentou aleijosa, onde está a Arte? Onde está o Artista?

Mas para que discutir aquella theoria extrava-

gante, que é não só a negação da Arte, mas a negação do senso commum, nas suas derradeiras consequencias e applicações? Gonçalves Crespo attinge por vezes uma forma verdadeiramente admiravel de correccão, de harmonia, de verdade. Outras vezes porém acontece-lhe, — e é vulgar o defeito na poesia contemporanea, — não direi sacrificar á Forma a Idéa, mas como que forçar a elasticidade d'esta, — permittam a expressão, — por causa da ataraxia metrica da forma consagrada: é a explicação das synonymias e das elykses que felizmente para Crespo, — felicidade que não é vulgar, — não são tão amiudadas e salientes que perturbem notavelmente o effeito esthetico. A par d'isto porém as originalidades concepçionaes de Crespo imprimem á Forma originalidades felizes. Creio que falei já do talento descriptivo d'elle: além das poesias citadas devo lembrar aquella com que abre o livro: «A Bordo», dedicada a este bello e original talento de João Penha, que tem o melhor elogio no facto de Gonçalves Crespo lhe chamar francamente e dessassombradamente seu mestre. É um discipulo que honra, e o que é mais raro, muito raro até, um discipulo que se confessa tal.

Quantos por ahi com melhores e maiores motivos deviam confessar não só o ensino, mas uma salvadora protecção, uma quasi paternidade até, e pelo contrario a escondem cuidadosamente nos seus orgulhos pedantes, e procuram afogar o reconhecimento nos mais soezes insultos cuspidos nas costas dos que lhes puxaram as orelhas para a luz da publicidade e do renome... Quantos?...

E afinal de contas, são gratos sem o quererem:

não forçam os mestres á confissão publica de um profundo arrependimento ou de um deploravel erro.

## NOTA

Parte d'este escripto foi publicado no *Paiz*; a outra arte estava ainda inedita.

X

# ACTORES E ACTRIZES

—  
A GOMES LEAL

MAIO DE 1874

desfaz-se antes da appellação: não fica estampada nos bronzes da Historia nem guardada nos archivos da Bibliographia.

À Posteridade chegam sómente os seus nomes, quando conseguiram, ainda assim, vencer e conquistar n'uma lucta heroica de todos os dias a alma contemporanea.

Elles cobrem-se com os mantos dos Cesares, fallam a linguagem dos grandes tribunos, vibram os gladios dos heroes, envolvem-se nas tempestades das grandes paixões, representam as doces alegrias, fallam do amor, desdobram os panoramas deslumbrantes da felicidade domestica e da gloria civica; e quando teem fascinado, commovido, entusiasmado, vão esbarrar atraz dos bastidores com a Intriga que lhes arranca o manto, com a Inveja que os esbofetea, com a Pobreza que lhes arrefece o animo, com todo um mundosinho de cousas pequenas, velhas, más, desoladoras; colleras anans, despeitos pueris, adulações que envenenam, desconfortos, cançassos, aborrecimentos...

Uns não resistem ás seducções da vaidade, deixam-se saturar dos toxicos da adulação idiota ou má, allucinam-se, perdem-se, voltam as costas ao Estudo, cerram os ouvidos aos conselhos honestos, insurgem-se contra a boa Critica que é só quem lhes póde levar o nome além do recinto estreito das suas luctas e das suas glorias, substituem o culto da Arte pelo culto de si proprios, a sua pessoa ao vulto ideal que teem a honra e a gloria de realisar.

É o maior numero.

Outros, chegam tristemente á desoladora con-

clusão do *Wilhelm Meister* de Goethe: «quando julgam ter adquirido todo o talento necessario á sua profissão, são forçados a reconhecer que ella merece menos do que qualquer outra o emprego das qualidades intellectuaes e physicas que exige. Desde então o trabalho parece-lhes muito grande e a recompensa muito pequena.»

Alguns gemem dolorosamente como Shakspeare e morrem de enfado e de desespero se não podem emancipar-se como elle, do mister que se tornou terrivel pesadello.

When in disgrace with fortune and men's eyes  
I all alone bewep my outcast state  
And trouble deaf heaven with my bootless cries,  
And look upon myself, and curse my fate...

Depois, o Publico, o voluvel, o despotico, o caprichoso, o brutal juiz que é necessario seduzir, commover, prender, dominar: que luctas não é preciso travar alli com elle, face a face, em situação desigual porque elle tem o direito absoluto d'um *veredictum* que, se póde ser uma apothese, póde ser tambem uma condemnação irrevocavel!...

E não é só luctar por dominal-o no seu despotismo fatal, é necessario preparal-o, educal-o, elevar-lhe o senso esthetico tantas vezes viciado, ir, atravez de todas as ruinas das consciencias, de todos os preconceitos dos espiritos, de todas as viciações ou somnolencias da sensibilidade, incendiar a mysteriosa faculdade esthetica, acordar a intuição da belleza, da harmonia, da verdade da Arte, nas multidões compostas de tantos interesses, de tantas intelligencias, de tantas preocupações diversas.



Difficil encargo mas gloriosa missão comtudo, infelizmente por tão poucos comprehendida ou só a alguns eleitos inspirada!

«Le peuple» — diz L. Couailhac — «aime à être impressioné vivement et comme son goût n'est pas encore très épuré, malgré les progrès qu'il fait tous les jours, il encourage les cris, le tapage, les contorsions. Pour lui il faut brûler les planches, chauffer la scène, accentuer tout avec vigueur; le trait ne port que lorsqu'on s'est rompu le bras en le lançant. Quelques acteurs courageux et intelligens savent se mettre en opposition avec ces mauvaises tendances et ceux là sont appellés à de belles destinées dramatiques; cette lutte avec un public aux passions brutales les forme, les grandit, les honore et quand ils en sortent vainqueurs, c'est pour eux grand profit et une grande gloire: grande gloire en effet que celle d'avoir ramené tout un parterre d'honnêtes gens, ouvriers laborieux, bourgeois paisibles à des goûts plus purs, à des sensations plus douces.»

D'aquelles que foram o encanto de nossos paes, que lhes receberam a consagração, que os commoveram, que lhes fizeram correr umas lagrimas grossas, boas, sinceras por aquellas faces endurecidas nos vortices das tempestades sociaes dos principios do Seculo; que lhes estimularam o riso franco n'aquellas bocas contraidas pelo habito de morder os cartuxos e de encarar a Morte nas trincheiras e nos patibulos; que lhe arrancaram as

ovações estrepitosas, doudas, extravagantes ; — des-  
ses taes : uns morreram e só nos restam d'elles  
uns nomes quasi sumidos na memoria ; outros aban-  
donaram o Palco como aquelles pobres comedian-  
tes do *Hamlet*, quisilados com o enxame buliçoso,  
revolucionario dos pequenos que elles tinham en-  
sinado a pisal-o ; alguns apparecem n'elle ainda,  
por incidente, uma ou outra vez, um pouco ate-  
morisados, estranhos, resignados, quasi desconhe-  
cidos.

Deixemos em paz os mortos.

Dos vivos : Rosa, o velho Rosa, o intelligente  
actor que pôde receber ainda e que soube assimi-  
lar como poucos, a inspiração e a formula da nova  
arte, ou como se costuma dizer da Escola moderna,  
está doente, aborrecido, aposentado.

Theodorico, o velho heroe do melodrama, aquelle  
vulto sympathico e modesto que tem recebido as  
palmas entusiasticas de duas gerações sem que  
os triumphos lhe subissem á cabeça e a desnor-  
teasse a vaidade, Theodorico está ainda na bre-  
cha, rindo expontaneamente, chorando com uma  
sinceridade de creança, soltando os sons cavos das  
grandes paixões, simulando com uma ingenuidade  
encantadora as surpresas mais vulgares, bracejando  
energicamente como convém aos heroes, etc.

É um valente, este bom e intelligente Theodo-  
rico.

Emilia das Neves, — oh mas esta é uma exce-  
pção, não é da Escola Velha nem da Escola Nova,  
é de hoje como de hontem, e hoje como hontem  
tem a faculdade protaica do genio, — Emilia das  
Neves, a primeira actriz do palco portuguez an-

tigo e hodierno, a nossa Rachel, a nossa Rettich, a nossa Christina Enghaus, — é raro já apparecer-nos a vibrar o gladio de Arminio ou de Holofernes; a fallar-nos do grande amor de Marion; a estremecer-nos no vulto mysterioso e sombrio da Lucrecia, na figura desgrenhada da Loucura, nos terriveis silencios das grandes coleras e das grandes dores.

Mas quando ella assoma no palco parece ainda que se transforma o theatro, que a Salla se faz Templo, e que os nossos corações atoniados se congestionam, invadidos por ondas de sangue novo e forte.

A Arte tem na bocca d'aquella mulher vibrações metalicas como as que se escutam ao despegar-se do solo em carga impetuosa uma grande mó de cavallaria. Ha silencios que perturbam o rythmo dos corações, gestos que incendiam, olhares que esmagam, *dizeres* acerados, faiscentes, agudos como punhaes. Ah, aquella não é a arte das decadencias, dos desfastios, dos passatempos. É a arte das epochas de ferro, das almas rijas, das consciencias fortes e limpidas como couraças.

\*

\* \*

Deixemos porém os heroes que foram e os heroes que descançam.

Relanceemos, e muito de proposito digo relanceemos, a vista pela arena aberta todos os dias.

São justos os queixumes das almas illustradas, é triste e desoladora a situação creada é arte dos palcos, ácerca da qual dizia um escriptor francez

que, quando não é a primeira das artes é o peor dos officios. Entre nós esses queixumes são tanto mais justos quanto é certo que aquella situação é aggravada pela escacez ou debilidade de cultura intellectual e esthetica no publico, de critica honesta, e de direcção e ensino proficuo, racional, animador.

A Arte da Scena e a Arte do Drama são inseparaveis: a decadencia, a viciação, a anemia d'esta, reflectem-se, contagiam-se fatalmente áquella. Ora a deploravel situação da segunda é manifesta, e não me refiro somente a Portugal nem maltrato n'isto os poucos engenhos aproveitaveis que hajam na arte dramatica conterranea.

Esta situação é geral e fatal: é incontestada na França, irradia se até á Inglaterra onde os moldes shakspearianos, como observava já em 1835 o valente critico Gustave Planche foram afastados desdenhosamente para darem logar aos novos triumphadores, Shèridan Knowles, Pool, Bucks-tone etc., e não sei se o grande Hebbel, conseguiu fazer eleva-la definitivamente na Allemanha, por discipulos dignos d'elle.

O Palco acompanhou o Drama: aos Kean succederam os Macready, como aos Shakspeare succederam os Knowles, e na Allemanha, aos Gœthe e aos Schiller, os Kotzebue, etc.

«... Consultando a media historica do Theatro,» — diz Planche — «reconhece-se necessariamente que os grandes poetas e os grandes actores dão-se ordinariamente as mãos: para as grandes idéas encontram-se grandes interpretes, e até não é raro que o expectaculo d'uma pantomina admi-

ravel renove e inspire os espiritos, até então, atoniados.»

Esta situação tem uma explicação facil na historia e na philosophia da Arte, mas o reconhecimento d'ella que se impõe fatalmente a todos os animos desprevenidos, não obriga ao esquecimento ingrato dos que no seio d'ella, innocentes e irresponsaveis, trabalham, luctam, e conseguem ás vezes vencer as influencias nefastas que perturbam o movimento artistico.

Isto a respeito de auctores e actores.

D'estes possuimos alguns que teem direito á attenção e á estimulação da Critica, embora seja infelizmente vulgar encontrar n'elles uma repulsão, que seria insolente se não fosse ridicula, por esta.

Os applausos, por exemplo, dispensados quasi quotidianamente a Santos são na maioria dos casos justos, e conquistados á força d'uma interpretação intelligente e difficil.

Santos é um actor essencialmente moderno, de hoje, do theatro actual.

O seu character scenico, se póde dizer-se assim, — tem a maleabilidade da maioria dos caracteres dramaticos do theatro contemporaneo, principalmente do francez: reflecte com uma naturalidade facil, as indicisões, as transicções, os contornos, as delicadesas difficeis dos oppostos *papeis* de que se encarrega.

Exactamente porém aquella maleabilidade, a debilidade de acentuação, o indiciso de contorno d'aquelles caracteres, em geral, que é uma consequencia ou uma reflexão da propria situação social do Presente, — deixa ao actor uma liberdade d'intre-

pretação que póde converter-se em licença porque póde substituir a necessidade do estudo pela preocupação do effeito scenico e de uma originalidade artificiosa; póde acabar por substituir-se o actor ao personagem que é encarregado de representar e por obscurecer-se e annular-se a acção que deve envolvel-os ambos.

O *alto drama*, visto que é necessario usar da phrase, o drama de caracteres definidos, acentuados, decisivos, completos, fataes por assim dizer, — os dramas de Shakspeare, de Schiller, de Corneille por exemplo, e hoje os de Hebbel, de Victor Hugo ou de Halm, — além de exigirem indispensavelmente a comprehensão critica, o estudo aturado, profundo, impõem a assimilação esthetica que só póde realisar-se quando o actor tem faculdades e reúne condições que lhe permitem elevar-se até ás regiões superiores da Arte. N'isto está talvez a explicação do facto a que atraz nos referimos, da lei que Planche estabelecia relativamente á coexistencia dos grandes auctores e dos grandes actores. A dramatologia passageira, media, industrial, não é assim. Uma boa parte dos seus caracteres são mais scenicos do que litterarios; forma-os antes o actor do que o auctor; tem a indicisão, o incompleto do esboço e não as formas definidas da estatuarica. O interprete molda-os, acentua-os, define-os segundo a sua vontade, a sua opinião, as suas conveniencias, as condições do publico e os effeitos que mais immediatamente póde impressionar este.

Santos nasceu e formou-se n'este meio. Como as influencias mais ou menos directas mas unicas do

theatro francez se impunham á arte dramatica, sob o influxo d'ellas tambem se constituiu e completou o character scenico do actor.

O nosso Theatro é quasi exclusivamente, no Drama e no Palco, uma succursal do Theatro parisiense.

Santos é em scena um actor francez fallando a lingua portugueza. Nem esta escapou até á influencia estranha: Santos dá a miudo ao *dizer* um contorno, uma flexibilidade, uma precipitação propria da prosa clara, exacta, rapida do francez, que não está na indole glotica e litteraria da nossa linguagem, sonora, cheia, imaginosa, *meridional* emfim.

Resgata porém este defeito, de que porventura não é absolutamente responsavel, pela facil naturalidade do movimento, do gesto, do dizer, da acentuação, da intrepreatação: circumstancias rarissimas nos nossos palcos onde a cada momento vemos actores de muitos recursos, acanhados, constrangidos, como que exorando a indulgencia do publico, dirigindo-se a elle, sem a consciencia dos proprios papeis e por conseguinte sem a expontaneidade da propria interpretação.

Um dos actores ou antes uma das vocações mais valentes que recentemente se tem sobrelevado a esta multidão, é incontestavelmente Antonio Pedro. É um formoso talento scenico. Eu já em tempo fallei d'elle referindo-me á intrepreatação do drama de Sardou *Les vieux garçons* ou «*Os solteirões,*» uma intrepreatação magistral por parte de Santos e de Antonio Pedro. Vi-o recentemente no *Paralytico*, uma obra aproximadamente imbecil, em que elle soube *crear*, como se costuma dizer, um papel admiravel.

É ainda um rapaz, affirmam até os que de perto o conhecem, que é um excellente rapaz, um bello coração que nunca abandonou os seus velhos amigos no meio dos applausos dos amigos novos e que estremece mais do que os applausos, do que glorias, do que a Arte, a sua Familia: circumstancias que não são indifferentes para quem quizer julgar o artista, tanto mais que se trata d'um artista dos Palcos. A phrase de Picard: «j'ai vu autant de bons ménages dans les coulises que dans le monde,» não tem ainda a sancção de principio correntio.

Observador perspicaz, estudando com muito amor os seus papeis em vez de se limitar a memnoral-os; procurando na Realidade a guia para a intrepidação d'elles, em vez de os moldar pela concepção propria ou pelos preconceitos do publico; ageitando-se com uma facilidade apparente que surpreende e com um escrupulo real que é rarissimo aos contornos mais bruscos e difficeis dos caracteres que realisa; emancipando-se da exploração systematica d'um genero ou d'uma classificação convencional a que teria de sacrificar o seu rico e flexivel talento: Antonio Pedro tem já uma individualidade caracteristica no nosso palco, dá aos seus papeis um relevo notavel de naturalidade e sabe arrancar-lhes ou refazer-lhes a verdade psicologica.

Eu estou citando ao acaso: se quizer a demorar agora a vista n'estas fileiras, sei que podia e devia fallar d'outros cabos distinctos, de Pinto de Campos, por exemplo, sempre um actor consciencioso e correcto, de Pola, talvez o mais illustrado



actor dos nossos palcos de hoje, a quem se póde notar o que Planche notava ao inglez Carlos Kemble que era «mathematicamente comparavel a si proprio a seis mezes de distancia n'um dado papel,» de João Rosa etc.

O que não teria que dizer de Taborda, que já tão poucas vezes se deixa ver e menos ainda se deixa admirar em novos papeis, do bom do Isidoro, do Valle, d'estes Ferren e Bouffé da comedia portugueza, do Silva Pereira, e d'outros ainda?

Se um dia se lembrar alguém de elevar ás nossas modestas glorias scenicas um monumento semelhante á *Galerie des artistes dramatiques de Paris*, será occasião de fazer justiça a todos. Pela minha parte e por agora não me faço juiz; prosigo como comecei: em viagem e annotações de *tourist*.

\*

\* \*

Fallando d'uma actriz franceza que veiu a Portugal, dizia ha annos Ed. Lemoine:

«Du théâtre Comte, mademoiselle Clarisse... partit pour Lisbonne. Le Portugais a le sang inflammable: il admira beaucoup plus les charmes de la jeune première qu'il n'apprécia son talent. Elle eût souhaité des bravos, on lui décochait des épîtres amoureuses. A ceux qui l'environnaient de leurs hommages elle demandait des conseils, ils lui respondaient qu'elle était adorable. La flatterie qu'elle eût préférée, c'eut été une critique juste et vraie; elle ne l'obtenait pas. Elle cherchait des Geoffroy et ne trouvait que des Lovelace. Mad.

Clarisse *comprit que rester plus longtems en Portugal, c'était renoncer à la carrière dramatique.*»

A actriz parisiense não quiz renunciar, embora a renuncia lhe podesse ser compensada por uma grande influencia politica ou por uma corôa real até, como aconteceu a algumas suas irmãs em Arte, e foi-se embora.

A situação accusada não tem mudado muito, e as actrizes portuguezas teriam que lamentar-se como Mad. Clarisse se não tivessem geralmente adoptado o commodo habito de prescindir d'aquella ambicionada lisongeria de uma Critica justa e verdadeira contentando-se com a dos apaixonados e adoradores. Não esmiucemos isto; fiquemos na explicação de Lemoine: *le portugais a le sang inflammable*, e a portugueza não é isenpta d'esta qualidade meridional.

Apezar porém das condições geraes da arte dramatica e das que são especiaes ao nosso publico, ás nossas criticas e aos nossos palcos, nós possuímos algumas actrizes que pelos seus esforços ou pelo seu talento bem merecem dos espiritos esclarecidos e severos.

Duas principalmente teem nos ultimos tempos merecido os applausos mais calorosos e a dilecção mais duradoura das multidões: Emilia Adelaide e Virginia.

Emilia Adelaide tem realmente progredido muito, soube não sem trabalho mas tambem um pouco auxiliada pela situação do nosso palco, depois da morte de Manuela Rey, da ausencia de Letroublon e do lento affastamento de Emilia das Neves, sobrelevar-se até ao primeiro logar que incontestavel-

mente lhe pertence na turba femenina que o pisa hoje ; cada um dos seus ultimos papeis é um triumpho ganho á custa de notaveis esforços, e o seu character scenico é um dos mais dramaticamente acentuados que o nosso palco possue, elevando-se até algumas vezes com felicidade á nota da Tragedia.

Esta ultima circumstancia cobre n'um recurso um defeito ou se querem uma deficiencia, se não um orgulho, porque Emilia envolve a miudo os sentimentos tenues, a sensibilidade media, a acção branda ou a paixão refreada pelas conveniencias convencionaes, os caracteres indefinidos emfim, do drama de hoje ou da comedia-drama, em que geralmente representa : na expressão das paixões violentas.

Mulher de formas graciosas, rosto insinuante, voz incorrecta mas sympathica, cobre as difficuldades do estudo e da comprehensão, ou exagera os contornos dos seus papeis com as agitações fascinantes da sua plastica artisticamente animada por tempestades que em vez de incendiarem como a artista quereria de certo, a faculdade esthetica do expectador, lhe sopram a voluptia ; em vez de se imporem ao Espirito, lhe revolucionam a Carne.

A' luz da ribalta as ondulações tempestuosas d'um seio formoso quando o sopro d'uma Idéa grandiosa ou d'um sentimento original, profundo, imponente não agita as consciencias, os corações, as cabeças de um auditorio, de mais a mais, bastante desmoralisado, póde dar antes um effeito sensual do que um effeito esthetico. Póde dizer-se que a culpa é principalmente do publico. Não é porém

inculpavel o artista que não procurou ou fugiu á harmonia entre a Idéa e a Forma, entre o caracter dramático e a interpretação scenica: n'esta harmonia é que está o segredo da expressão exacta, verdadeira, natural, e o que é natural acaba sempre por se impôr aos auditorios mais atoniados ou mais desmoralizados.

«As mais bellas espaduas do mundo, — como dizia Gustavo Planche de Miss Taylor — «não dispensam uma tragica de commoção e de *entrainement*,» mas não dispensam tambem uma actriz dramatica de evitar que o effeito plastico interrompa ou perturbe o effeito esthetico.

Por outro lado porém este mesmo defeito revela um merecimento de Emilia Adelaide: é que ella se esforça por dar uma vida vigorosa, um relevo animado, uma communicabilidade esthetica inevitavel aos seus papeis: não se contenta com *dizel-os*, procura assimilal-os; não é fria, automatica, desdenhosa; não procura isolar a sua pessoa do seu papel, como é vulgar vêr-se nas actrizes mais festejadas. Olhos perspicazes podem vêr atraz da interpretação muitos esforços, muito trabalho para a conseguir: não ha talvez alli uma possante espontaneidade de execução e de compreensão, mas exactamente esse esforço, esse trabalho é uma cousa muito louvavel, muito rara e muito productiva, que a actriz deve impôr-se como primeira norma da sua vida dramatica, porque é a primeira fonte das glorias scenicas. «As naturezas mais felizes empobrecem-se rapidamente, — diz o grande critico francez já tantas vezes citado, — se não teem o cuidado de se opulentar e renovar-se pela reflexão.»

Finalmente Emilia Adelaide é hoje ou por enquanto, — posta de parte Emilia das Neves, é claro, — a actriz que melhor, com maior correcção, firmeza e verdade, sustenta no palco portuguez a situação complexa, difficil, cheia de perigosas indecisões e de imposições terriveis, — d'um *centro* acentuada ou propriamente dramatico, como se costuma dizer.

Virginia é apontada como primeira *ingenua* dos nossos theatros.

Esta individualisação technica dos caracteres e das vocações scenicas podia ser apenas absurda, mas é tambem eminentemente prejudicial. Tem-n'a, demais, exagerado uma especie de romantismo decadente e artificioso, por forma que o Drama e o Palco que deviam representar a Existencia real, quer nas suas concreções, quer na harmonia e nas deducções psychologicas d'ella, e que deviam pedir á Natureza humana ou á Historia a inspiração para as suas concepções e as normas para a sua producção esthetica, convertem-se a miudo em gallerias de figurinhas, de typos, de caracteres convencionaes, falsos pelo seu exclusivismo moral, e illogicos na moralidade ou no effeito a que se propõem pela fatalidade d'esse mesmo exclusivismo.

Á força de ser um typo, a *ingenua* deixa de ser uma mulher.

A' força de ser uma convenção, deixa de ser uma realidade.

Da *ingenuidade* que é um incidente no progresso psychologico, incidente que, quando não está na infancia, está quasi sempre na imbecilidade constitu-

cional, faz-se uma existencia completa, positiva, typica.

Como ha a *ingenua*, ha o *pae nobre* que é fatalmente e sempre *pae nobre* e o *galan* que é sempre, unicamente, exclusivamente *galan*, e o *tyranno* que ha de ser por força *tyranno*, etc.

Ha uma dramatologia immensa que se reduz a isto: os typos são os mesmos, só os episodios variam; a acção reduz-se em ultima analyse a que o *galan* ama a *ingenua*, o *tyranno* quer seduzil-a, e acaba por se encher de remorsos e de pasmos perante a *ingenuidade*, e o *pae nobre*, depois de mostrar a todos que é *pae nobre*, para o que lhe é necessario ás vezes ser *pae imbecil*, acaba por abençoar com duas phrases de effeito a conjuncção da *ingenuidade* com a *galanteria* da rubrica.

*Ingenua* ou não, porém, Virginia é uma vocação artistica.

Nova, mas sem os recursos dos dotes physicos que exige geralmente a interpretação dos seus papeis, apontada como character scenico identico ao de Manuella Rey, que tão boas recordações deixou nas nossas platéas, e luctando por conseguinte com um confronto aggravado por uma retrospecção saudosa, — Virginia, pela sua notavel penetração, pela graça que sabe geralmente dar ás suas interpretações, e por um ensino melhor do que teem tido a maioria das nossas actrizes, — Santos pode dizer d'ella o que dizia da Mars, mad. Contat: «*je l'élève doucement sous les yeux du public,*» — tem conseguido elevar-se rapidamente á situação de actriz querida das platéas, sem que a Critica tenha muito que contestar-lhe nos seus triumphos.

A maioria dos seus defeitos são menos d'ella do que do *genero* falso em que tem de concentrar a sua vocação artistica. É elle que lhe desvia a penetração do estudo da Realidade para o estudo das normas e dos effeitos convencionaes da *ingenuidade* scenica; é elle ainda que lhe faz exagerar a graça das suas interpretações até á puerilidade, com prejuizo da harmonia, e da verdade, e da espontaneidade da Arte; é elle ainda que lhe tolhe a expansibilidade e a accentuação dramatica.

A exploração da *ingenuidade* convencional leva a substituir o drama pelo madrigal e o actor pelo recitador de lyrismos piegas.

Desde que o artista deixa de ser uma natureza para ser um genero, — se pode dizer-se assim, — a verdade da Arte é substituida pelas obrigações do Officio.

Comtudo Virginia mostra exactamente os seus recursos, a pujança da sua vocação artistica e o esforço do seu talento, na interpretação d'aquelle difficil character scenico, conseguindo imprimir-lhe geralmente um colorido de naturalidade, de suave frescura, de originalidade encantadora que impressionam profundamente os nossos auditorios tão cheios de tedios e tão avidos de sensações violentas.

Estas victorias contra tantas e tamanhas difficuldades são o seu melhor elogio.

Se estas duas actrizes são as que mais alto andam guindadas no conceito do publico, nem por isso são as unicas que merecem o registro dos seus triumphos e dos seus trabalhos.

A este respeito póde dizer-se o mesmo que já

fica dito a respeito dos actores. Um dia se fará justiça a todas.

\*  
\* \*

Uma das cousas mais deploraveis na situação da scena portugueza é que os artistas do Palco não só vivem isolados dos artistas do Drama, dos estudiosos, dos escriptores, da Litteratura emfim, mas vivem isolados até uns dos outros. Os Sainville e os Fleury já não encontram decerto nas suas excursões um Voltaire que lhes dê com a farta hospitalidade a auctorisada licção: nem elles a acceitariam talvez porque ganharam em orgulho o que perderam em amor da Arte. As Lecouvreur da comedia galante não se incommodariam com o angariar os applausos dos Dumarsais caturras, no meio das suas faceis ovações. Mas a completa escacez de convivio, de leitura, de palestra litteraria, mas a falta d'aquellas discussões e julgamentos e correcções mutuas, a falta ou a esterilidade artistica d'aquelle convivio de collegas, de que falla com tanta saudade e com tanta graça Iffland, o actor allemão nas suas *Memorias*; convivio tanto mais proveitoso, quando sincero, que as correcções, e os julgamentos são feitos por experimentados nas luctas do Palco e sem a irrevocabilidade do julgamento do Publico; é que realmente devem lamentar os proprios actores nas horas em que aos enebriamentos da vaidade succedam os receios e as incertezas, não só do exito scenico, mas da verdade da apreciação.



Elles, entre nós, não teem geralmente os rudimentos de uma instrucção superior á ministrada nas escolas de primeiras lettras; não sabem Historia; ignoram todo aquelle maravilhoso drama da Alma e da Natureza humana cujos episodios, situações e deducções são comtudo incumbidos de interpretar; a Arte que elles representam e que muitos d'elles amam profundamente, é vulto desconhecido, enygmatico, incompreensivel se lhes apparece envolvida na philosophia mais singella e comesinha; elles não teem ensino, conselho, mestres, exemplos, teem simplesmente, unicamente, *empresarios*.

Decerto não são os Theatros normaes e os Conservatorios dramaticos que fazem os grandes actores, como não são as Academias que fazem os sabios e os artistas, mas para ser actor, para interpre'ar um sentimento, uma idéa, uma acção é necessario pelo menos conhecer o que se interpreta e saber com que elementos pode contar-se para a interpretação, como para ser pintor não é completamente dispensavel saber... pintar.

Nas nossas escolas, por exemplo, ensina-se uma coisa a que chamam Rhetorica. Os nossos actores na sua maioria não frequentaram essas escolas e francamente não perderam com o não estudar aquella coisa : uma coisa absurda que faz suppôr que a Arte da Palavra, — a primeira das artes, — é uma phantasia de cerebros enfermos. Mas por exemplo a recitação, a declamação, o conhecimento das condições organicas, das harmonias mysteriosas, dos segredos auditivos, melodicos, artisticos da Linguagem, e a sciencia do Gesto

não é completamente indifferente ao actor, para não fallar no mais que lhe é indispensavel. Quem ensina isto aos nossos? Onde o apprenderam?

E se o não apprenderam como poderão dispôr de todos estes grandes recursos, se demais, para que se compenetrem, para que assimilem as concepções dramaticas que são encarregados de realisar lhes falta o cultivo litterario para as comprehender rigorosamente?

Imaginemos um actor representando um character historico do qual não tem a mais ligeira noção, como ha de ser verdadeiro? Mas ainda na representação de um character puramente imaginoso, como elevar-se á sua comprehensão psychologica, á deducção natural dos sentimentos e da acção? O papel não dá toda a interpretação, como muito bem diz um escriptor. A rubrica não esclarece nem resolve tudo.

Decerto um actor não pode ser um sabio; não precisa sel-o; se o fosse não seria porventura um actor. Mas d'aqui a suppôr que um actor possa ser um analphabeto:—absurdo equivalente áquelle a que tem chegado uns certos, de que o poeta deve ser um ignorante, vae uma distancia immensa. Talma, ou Kean, ou Iffland sabiam muito.

Isto pelos actores.

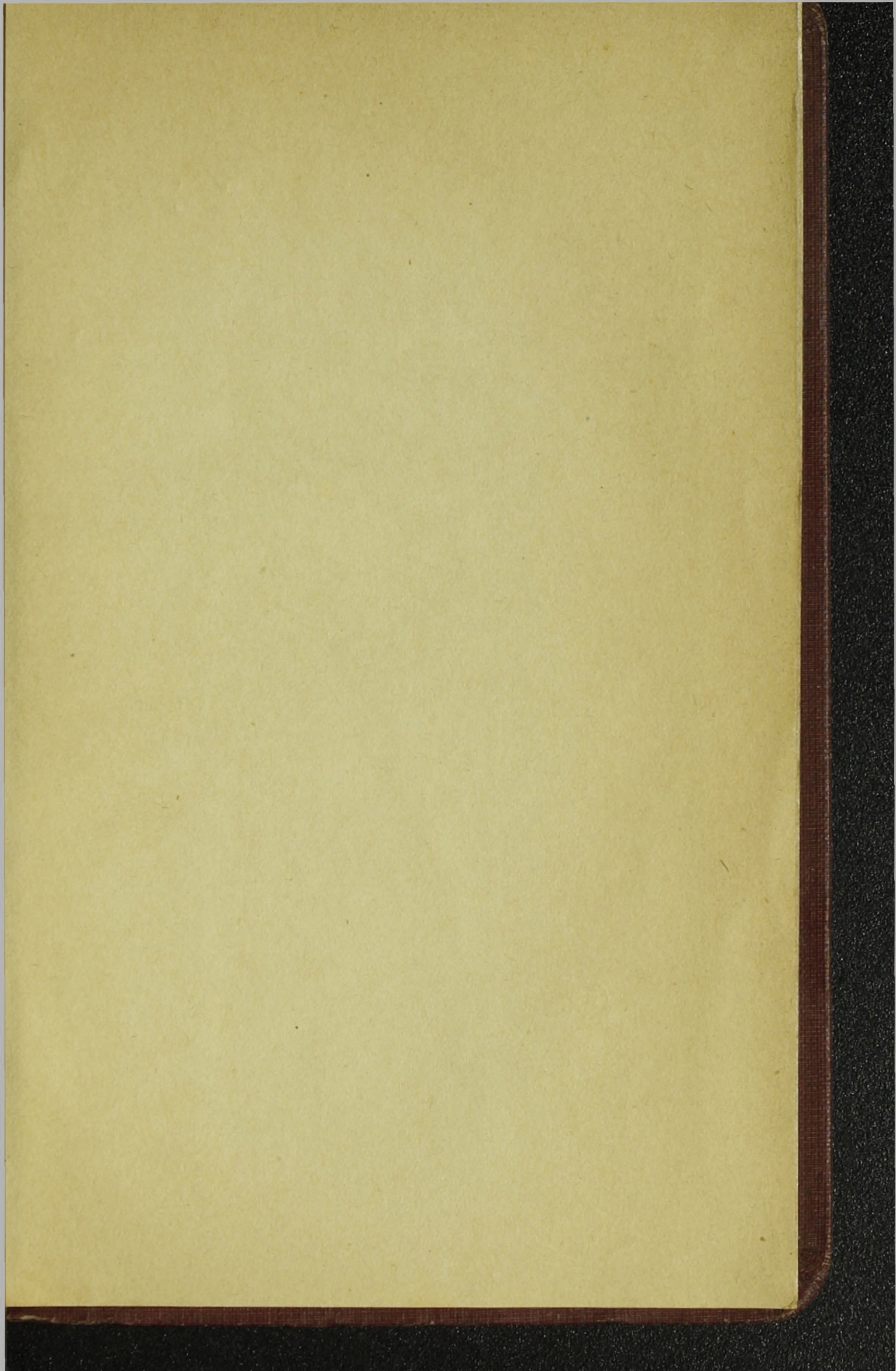
Shakspeare, ou Dante, ou Homero andavam a par da Sciencia do seu tempo.

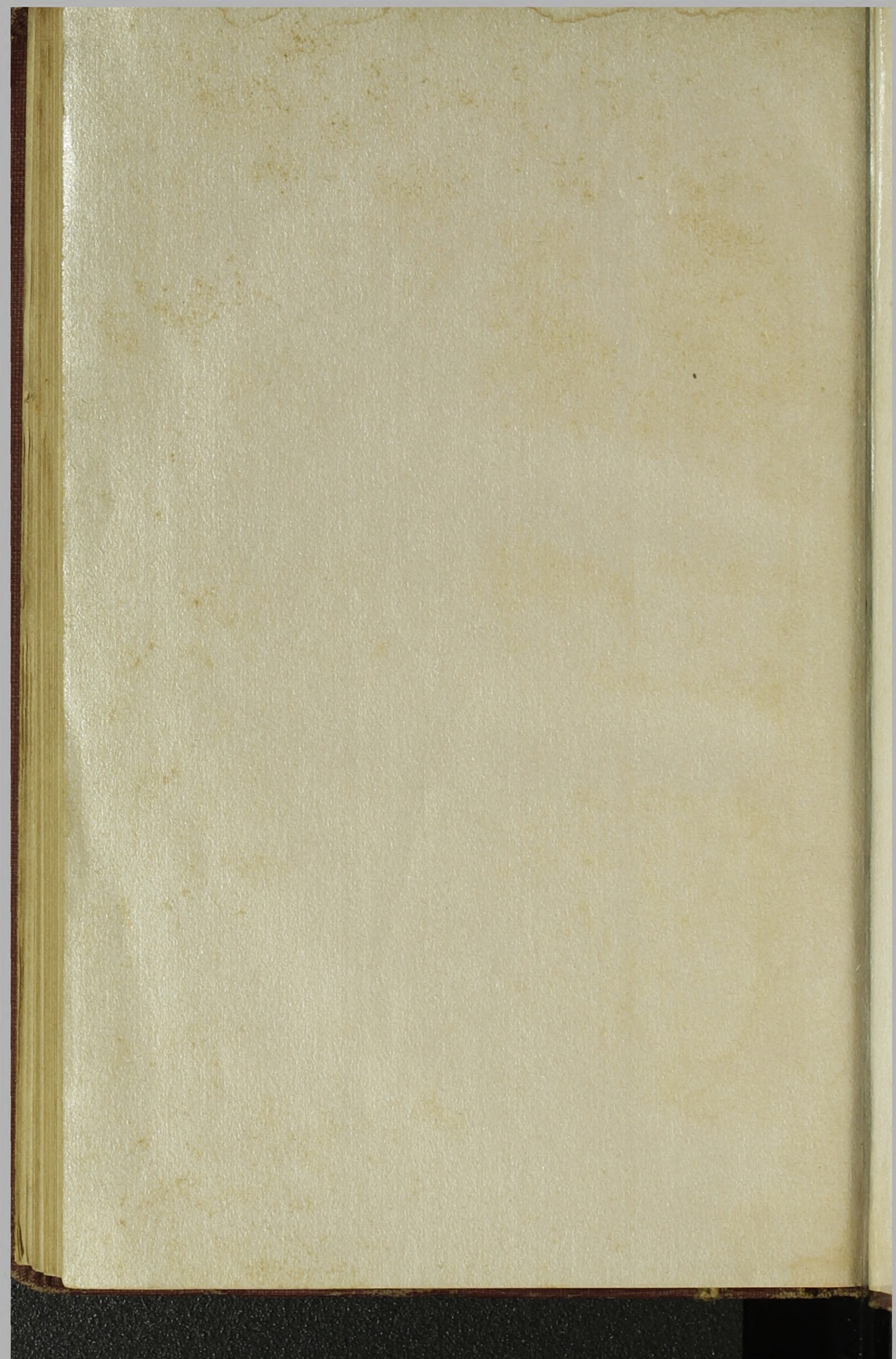
Isto pelos poetas.

O grande mal de que soffre a nossa Arte não é a falta de talento é a falta de estudo, de cultivo intellectual, de criterio illustrado. E se com esta falta, e apezar de tantas faltas, e se no meio da

tristissima situação da Arte e dos Artistas entre  
nós, elles conseguem tanto, não é natural a admi-  
ração e justo o louvor?.....  
.....

FIM





090  
C8J9e

